

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA**

**VALDENEI DE SOUZA SANTOS**

**O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA VÁRZEA PARINTINENSE E AS NARRATIVAS  
DO BOTO, NA COMUNIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DA COSTA  
DA ÁGUIA.**

**PARINTINS-AM  
2017**

**VALDENEI DE SOUZA SANTOS**

**O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA VÁRZEA PARINTINENSE E AS  
NARRATIVAS DO BOTO, NA COMUNIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO  
DE JESUS DA COSTA DA ÁGUIA.**

**Trabalho apresentado a Universidade  
Federal do Amazonas (UFAM), Programa  
de Pós-graduação Sociedade e Cultura na  
Amazônia – PPGSCA, como parte dos  
requisitos para obtenção de nota na defesa  
de dissertação, sob orientação do professor,  
Dr. Alexandre Santos de Oliveira**

**PARINTINS-AM  
2017**

**O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA VÁRZEA PARINTINENSE E AS  
NARRATIVAS DO BOTO, NA COMUNIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO  
DE JESUS DA COSTA DA ÁGUA.**

Dissertação submetida ao corpo docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Examinado por:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre Santos de Oliveira (Presidente)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Evandro Moraes Ramos (Membro)

---

Prof<sup>a</sup>. (a) Dr. Maria Evany do Nascimento (a) (Membro)

---

Prof. Dr. Wilson Prata (Suplente)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Júlio Claudio da Silva (Suplente)

Eu cresci ouvindo as estórias  
Contadas pelos ancestrais  
Cidades encantadas, caruanas,  
Neguinho do Campo Grande,  
a cobra grande e o boto  
que se transforma em homem,  
Minha Amazônia misteriosa  
Teus rios, igarapés e paranás  
Tua floresta esconde os mistérios  
Que só tu sabes desvendar

Amazônia, teus encantos, teus mistérios  
tuas lendas conta o índio e o caboclo,  
teus segredos milenar  
Cuidado com o moço vestido de branco  
em noite de luar  
Olha que pode ser boto tua filha vai se apaixonar  
Iara Mãe D'água do leito do rio começa a cantar  
Atraindo o pescador pra seu encanto levar.

Nada curumim grita o pescador  
Vaqueiro do Boi Tupi  
Tua canoa alagou

Foi um banzeiro formado pela cobra grande  
Eu vi, quem me trouxe pro leito do rio,  
Foi o boto tucuxi.

Composição: Bené Siqueira

## **Dedicatória**

Aos meus avós paternos  
Vitor Galucio e Julia Bentes (in memoriam)  
pelo incentivo e apoio nos estudos.  
Aos meus avós maternos  
Maria Monteiro e João Monteiro (In memoriam)  
Cabocos ribeirinhos que me ensinaram  
valor das coisas mais simples.  
A José Saúde Fonseca Costa (in memoriam)  
por mostrar que devemos  
nos orgulhar de nossas origens.  
A meu neto Bernardo que está a caminho.

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos em primeiro lugar ao Pai Celestial, que nos dotou de força, inteligência e sabedoria para que pudéssemos chegar ao final dessa caminhada.

Ao professor Dr. Alexandre Santos de Oliveira, orientador e, antes de tudo, um amigo. Obrigada pelo carinho e, sobretudo, pela paciência. Foi muito bom tê-lo conhecido e podermos olhar juntos na mesma direção. Obrigada é pouco para expressar minha gratidão.

Aos moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, que permitiram a realização da pesquisa em seu território imaginário e muito ajudaram na composição desse trabalho contando suas histórias sobre o boto.

A Gilberto Teixeira dos Santos, pai querido, pelo apoio.

A Juvenila de Souza Santos, mãe amada, companheira de pesquisa e de sonhos, obrigada pelo teu amor e apoio incondicional.

Às minhas filhas amadas Luma Caroline Santos Costa, Maíra Monã Santos Costa e Kibelle Iamã Santos Costa, pelo apoio, compreensão e carinho, vocês são a minha vida.

A Benedito Siqueira da Silva, companheiro, amigo e incentivador, por compreender a necessidade do distanciamento para a escrita.

Aos meus irmãos, pela compreensão e incentivo.

Aos meus colegas de mestrado, pela confiança e apoio.

Ao Programa Sociedade e Cultura na Amazônia por permitir o estudo sobre nós amazônidas.

Obrigada a todos e a todas!

## Resumo

O universo do caboco ribeirinho permite a contemplação de toda a beleza que a natureza pode proporcionar. Sua grandiosidade nos convida a navegar em seus rios para o encantamento e o devaneio que se espraiam nos grandes mistérios que o cercam. Para o ribeirinho, o rio reúne um universo enorme de significados de lendas, crenças e seres sobrenaturais. O imaginário de devaneios do caboco ribeirinho se alimenta do rio e da floresta, onde os ventos balançam as árvores que são refletidas no espelho das águas. É nessa relação de cumplicidade com as águas que o ribeirinho encontra a intimidade dos segredos e perigos que ela oferece. O contato constante com a natureza produz um imaginário rico que se debruça sobre o devaneio e a contemplação. A floresta e o rio representam o campo simbólico do imaginário ribeirinho compondo sua organização social. Os caminhos do rio são adornados pela floresta que juntos constroem um mundo mágico onde os seres encantados habitam. O presente trabalho de pesquisa estuda as narrativas orais do boto que são contadas pelos moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, apropriando-se dessas narrativas para investigar o imaginário amazônico do homem de várzea parintinense, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, e como essas narrativas imaginárias influenciam no cotidiano dos moradores, configurando o ritmo de vida das comunidades rurais formadas à beira do Rio Amazonas, constituindo a base do patrimônio cultural do lugar. Faz-se necessário verificar como os grupos humanos habitantes das várzeas de Parintins-AM são influenciados pelas narrativas imaginárias vividas no contexto do rio e da floresta e através delas atribuem sentido às suas vivências, tendo como ponto de partida as relações e as experiências vividas com a natureza no cotidiano. A pesquisa é desenvolvida com a abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). A metodologia utilizada foi a história oral. Nos dizeres de Thompson (1992, p.72) “a história oral como método se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção especial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises”. A coleta do material foi feita através de gravações e caderno de campo. O local escolhido foi a Comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia, região de várzea, situada a margem direita do Município de Parintins. A comunidade é constituída atualmente por cento e trinta e oito moradores, distribuídos em trinta e oito famílias. Os sujeitos escolhidos foram moradores da comunidade do Sagrado coração de Jesus da Costa da Águia, aqueles que aceitaram participar da pesquisa num total de vinte e cinco colaboradores, mas apenas dezesseis foram analisadas. Os dados coletados foram transcritos e discutidos com autores que fundamentam a pesquisa. A coleta de dados apresentou duas narrativas que circulam na comunidade: a do boto e a da cobra grande. Esses dois elementos fazem parte cotidianamente do imaginário dos comunitários da Costa da Água. Os resultados obtidos pela pesquisa confirmou nossa problemática que era investigar o imaginário de várzea parintinense através das narrativas imaginárias do boto e como essas narrativas influenciam no cotidiano dos moradores. A leitura apurada das narrativas nos ofereceu a resposta de nossa investigação. As narrativas do boto orientam e organizam o cotidiano da comunidade que se desdobra para que o boto não seja desrespeitado pelas mulheres em período menstrual, em torno desse fato os moradores mudam a rotina para dar assistência à mulher que precisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** imaginário amazônico, narrativas orais, cotidiano na várzea, sistemas simbólicos.

## ABSTRACT

The universe of the riverside peacock allows the contemplation of all the beauty that nature can provide, its grandeur invites us to navigate in its rivers to the enchantment and the reverie that spreads in the great mysteries that surround it. For the riverbank the river brings together an enormous universe of meanings of legends, beliefs and supernatural beings. The imaginary of the daydreams of the riverbed and the forest, where the winds shake the trees that are reflected in the mirror of the waters. It is in this relationship of complicity with the waters that the riverbank meets the intimacy of the secrets and dangers that it offers. Constant contact with nature produces a rich imaginary that leans over reverie and contemplation. The forest and the river represent the symbolic field of the riverside imaginary composing its social organization. The river paths are adorned by the forest that together build a magical world where enchanted beings inhabit. This research study the oral narratives of the boto that are told by the residents of the Community of the Sacred Heart of Jesus of the Coast of the Eagle, appropriating these narratives to investigate the Amazonian imagery of the man from the Parintins floodplain through the narratives of Boto, Community of the Sacred Heart of Jesus of the Coast of the Eagle, and how these imaginary narratives influence in the daily life of the inhabitants, configuring the rhythm of life of the rural communities formed on the banks of the Amazon River, constituting the base of the cultural patrimony of the place. It is necessary to verify how the human groups inhabiting the Parintins-AM floodplains are influenced by the imaginary narratives lived in the context of the river and the forest and through them they give meaning to their experiences, starting from the relations and experiences lived with Nature in everyday life. The research is developed with the qualitative approach. The qualitative approach works with the universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes, which corresponds to a deeper space of relationships, processes and phenomena that can not be reduced to the operationalization of variables. Minayo (2001). The methodology used was oral history. According to Thompson (1992, p.72) "oral history as a method arises according to alternatives that privilege the interviews as special attention of the studies. It is a question of centralizing the testimonies as a fundamental, privileged, basic point of analysis". The material was collected through recordings and field notes. The chosen place was the Community of the Sacred Heart of the Coast of the Eagle, region of várzea, located to the right margin of the Municipality of Parintins. The community is currently constituted by one hundred and thirty-eight residents, distributed in thirty-eight families. The chosen subjects were residents of the community of the Sacred Heart of Jesus of the Coast of the Eagle, those who accepted to participate in the research in a total of twenty five collaborators, but only sixteen were analyzed. The data collected were transcribed, and discussed with authors who base the research. The data collection presented two narratives that circulate in the community: the one of the boto and the one of the great snake. These two elements are a daily part of the imagination of the community of the Coast of Water. The results obtained by the research confirmed our problematic that was to investigate the imagery of the Parintina floodplain through the imaginary narratives of the boto and how these narratives influence the daily life of the residents, the accurate reading of the narratives offered us the answer of our investigation, the narratives of the boto orientam And organize the daily life of the community that unfolds so that the boto is not disrespected by women during the menstrual period, around this fact the residents change the routine to give assistance to the woman in need.

**KEY WORDS:** Amazonian imaginary, oral narratives, daily life in the floodplain, symbolic system.



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO E O BOTO</b>	<b>10</b>
1.1- A Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia .....	11
1.2 – O Conceito de imaginário.....	17
1.3 – A cultura do lugar e o imaginário amazônico.....	24
1.4 – A formação do imaginário amazônico.....	29
1.5 - O simbolismo e o boto.....	40
<b>CAPTÍTULO 2 .....</b>	<b>49</b>
<b>2.1 - AS NARRATIVAS DO BOTO NO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO .....</b>	<b>49</b>
2.1. – As narrativas do boto na Comunidade. ....	53
<b>2.2 - AS MALINANÇAS DO BOTO.....</b>	<b>54</b>
2.1 Maria José Bentes Pereira.....	55
2.2 Lailson Lopes Pereira.....	57
2.3 Oscar Almeida.....	58
2.4 Francisco Batalha.....	60
2.5 Simone Souza Pimentel.....	61
2.6 Adailza Almeida.....	64
2.7 Djalma Bentes Batalha.....	66
2.8 Iane Batalha Carvalho.....	67
2.9 Raimundo Nonato Bentes.....	70
2.10 Thiago Cunha.....	72
2.11 Aldair Almeida da Silva.....	73
2.12 Franciane Almeida.....	76
2.13 Josinei Bentes Pereira.....	79
2.14 Tatiana Maria Bentes.....	81
2.15 Sávio Almeida.....	83
2.16 Tarcísio Souza.....	85
<b>CAPÍTULO 3: O BOTO E O IMAGINÁRIO COMENTADOS.....</b>	<b>89</b>
3.1 As estripulias do boto no imaginário caboco.....	89
3.2 O encanto do imaginário.....	93
3.3 Caboco bom.....	96
3.4 O olhar do imaginário.....	98
3.5 A hora do ataque .....	99
3.6 As marvadezas do boto.....	101
3.7 Várzea mítica.....	103
3.8 O imaginário: criação, recriação e ordenança.....	106
3.9 O portal do imaginário.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>5 ANEXOS.....</b>	<b>121</b>

## **CAPITULO 1 - O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO E O BOTO**

Um velho do mato com sangue de índio  
 Conta suas lendas para os curumins  
 De um rio doce, meio abarrotado  
 Dois dragões dourados lá de Parintins  
 Uma moça linda, um moço encantado  
 Saem da festança pra não mais voltar aqui

Autores: Júnior Lima e Sérgio Albuquerque.

Adentrar os mistérios do Rio Amazonas é vivenciar um lugar sagrado de belezas e deslumbramento. Essa região de magnífica exuberância nos convida a conhecer seus valores e a sentir o belo em seu maior esplendor. Esse poderoso rio em suas margens abriga uma diversidade de comunidades que transbordam lendas, magias e mistérios que enriquecem a cultura antológica da região. Tão majestoso pedaço de chão carrega consigo a história do seu povo na sua mais profunda intimidade, na sua vida diária, vida vivida intensamente. Os habitantes da várzea amazônica costumam viver o presente. Para eles o passado e o futuro é o agora. Viver é um presente de Deus. Vivem sua vida de maneira simples, sem maiores atropelos ou preocupações.

Nas margens do Rio Amazonas, ou nos beiradões como são chamadas as terras baixas, também conhecidas como várzea, vive o caboco<sup>1</sup>, homem simples que abarca uma multiplicidade de seres: é pescador, caçador, roceiro, vaqueiro, agricultor entre tantas outras características a ele atribuídas. Mora em casa de palafitas, com assoalhos, marombas bem altas para suportar as enchentes do rio, que regulam a vida.

A vida cotidiana desse ribeirinho é bastante metódica, dorme ao cair da noite e acorda aos primeiros matizes que anunciam o raiar do dia. Levanta, vai verificar a malhadeira que colocou à noite para pegar o almoço. Trabalha no roçado, alimenta-se de caça e pesca. No final do dia, retorna para casa, toma banho no rio para tirar o suor do dia, janta e dorme, para no outro dia tudo começar outra vez.

A várzea amazonense apresenta características próprias, acompanha a cíclica da natureza. As terras de várzea são banhadas pelo Rio Amazonas o ano inteiro, pois as comunidades são formadas à margem do rio. Através das narrativas imaginárias se observa a visão que esse povo tem do sobrenatural e a implicação deste no seu modo de vida cotidiana, sua forma simples de viver pode parecer ingênuo, mas é característica da sua realidade.

---

<sup>1</sup> Termo com o qual linguisticamente os colaboradores se autodenominam.

Algumas comunidades ribeirinhas se estabelecem às margens do Rio Amazonas, onde recebem todo o movimento de banzeiro, provocadas pelos navios e motores de passageiros que cortam as águas todos os dias, em um movimento incessante. Quando inicia o processo de subida das águas os banzeiros constantes levam a água a bater nas margens do rio que acabam por desmoronar, promovendo a queda das ribanceiras.

A pesquisa realizou-se no Município de Parintins, que possui comunidades rurais de terra firme e várzea e cujo núcleo urbano, localizado na margem direita do Rio Amazonas, está distante da capital Manaus 369 km em linha reta. É a segunda cidade em desenvolvimento do interior do Estado.

Em termos de cultura representa em parte a identidade cultural do Estado do Amazonas. Entre tantos produtos culturais, sobressai-se o Festival Folclórico de Parintins, com a apresentação de Caprichoso e Garantido, na última semana de junho.

É nesse contexto amazônico que se insere o locus da nossa pesquisa.

### **1.1 - História e caracterização da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia**

A Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, está localizada à margem direita do Rio Amazonas, distante da sede do Município de Parintins cerca de duas horas e meia de barcos de recreio, ou de linha, como chama a população que os utiliza. Foi fundada entre os anos 1963 e 1965 pelos senhores Mundico Velho, João Mendes Filho, João Muniz, José Cutuba, Anacleto Muniz, Licinho Bentes Batalha, José Ferreira, Osvaldo (Vavá), José Siqueira, Zadiau (Zazá), Candido Correa, Alfredo Nonato, Nascimento Pereira e seu Juca Castro. A missa de fundação da comunidade foi rezada pelo padre Augusto Gianolla.

Dona Maria Creuza Martins da Silva, de 89 anos, mais conhecida como tia Lalá, e seu Djalma Batalha, de 80 anos de idade, contam que no início a comunidade era no Saracura, localizado na mesma margem do Rio Amazonas, mais acima, próximo da Ilha das Onças e a Ilha das Guaribas. Nesse tempo, o nome da comunidade era São José. Tudo estava bem na localidade até o dia em que seria escolhida a nova diretoria. Os responsáveis se desentenderam, brigaram entre si. Esse desentendimento provocou uma divisão da comunidade de São José do Saracura, levando-os a fundar a Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. No Saracura eram setenta famílias. Metade ficou e metade saiu para formar a nova comunidade.

Segundo tia Lalá foi seu João Muniz que convidou seu Anacleto a dividirem a comunidade. Os mesmos comunicaram o fato ao seu Mundico Velho, que concordou e saiu convidando as pessoas para formarem uma nova comunidade. Começaram a comunidade com um barracão, posteriormente construíram a primeira capela.

A escolha do nome da comunidade se deu por decisão dos moradores que se reuniram e escolheram o nome Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Após a fundação muitas pessoas foram se agregando, gostando do lugar. Tia Lalá ressalta que eles eram muito unidos, que a terra era boa para plantar e muito farta de pescado.

O primeiro presidente da comunidade foi seu Anacleto Muniz, que após a construção da capela e do barracão social, rumou para Parintins para falar com o prefeito e solicitar uma professora para ensinar as crianças. Assim, a Comunidade do Sagrado Coração e Jesus da Costa da Águia se constituiu enquanto comunidade, formando seu espaço social, econômico com base no desenvolvimento da agricultura, da criação de animais e roçados. Seu patrimônio cultural é formado por lendas, mitos, contos, costumes e superstições, transmitido oralmente pelos mais velhos aos mais novos. No que diz respeito à oralidade, Loureiro (1939, p. 65) relata que

No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, ligada a valores decorrentes de sua história. A Cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

A esse respeito, Almeida Neto (2011p. 47) identifica que

O relato oral tem por esteio a memória, que se apresenta como uma espécie de tecido puído, cujo cerzido ocorre através de sutil e silenciosa urdidura. Olhar para essa trama que se gasta ao mesmo tempo em que se constitui requer uma abordagem cautelosa e criteriosa, pois possui evidentes limitações que devem ser tomadas não como fatores impeditivos ou fraquezas, mas como especificidades a serem estudadas e tornadas assertivas.

A história oral tem ajudado a fortalecer os questionamentos surgidos em torno dos relatos orais que aponta uma fragilizada memória. É a história oral que permite evidenciar

fatos guardados na memória de quem tem experiência de vida para contar. Ela dá significado aos fatos que parecem estar esquecidos.

A Comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia possui 32 famílias que estão distribuídas em seu território de abrangência, num total de 138 pessoas. Possui no seu quadro social uma escola municipal com o mesmo nome da comunidade, uma igreja cujo santo padroeiro é o Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, uma sede social do time, cujo nome é Flamengo da Costa da Águia, e um bar que faz parte da igreja e só é utilizado nos dias de festejo do santo.

Por ser área de várzea, a comunidade da Costa da Águia<sup>2</sup> sofre as inundações periódicas em decorrência do regime de cheia e vazante do rio. Após a cheia, quando o águas baixam, os moradores da comunidade aproveitam que a terra está saindo limpa e fértil das águas e fazem a semeadura de malva, melancia, jerimum, milho, entre outros. É nesse universo cíclico que o homem de várzea constrói sua morada, perto da mata, na beira do rio. A cíclica da natureza contribui para o desenvolvimento da vida social, econômica e cultural.

Na Costa da Águia, seus moradores respeitam e temem o sobrenatural, pois, como herdeiros dos povos indígenas primitivos, têm seus temores explicados por narrativas que justificam os fenômenos naturais que não são compreendidos de outra forma por eles. O temor ao sobrenatural faz parte da vida do ser humano, pois aquilo que ele não conhece ou domina lhe causa temor, medo e insegurança. As crenças fazem parte das superstições populares, elas são consideradas um atalho do sentimento religioso.

Os moradores dessa comunidade relacionam os elementos que rodeiam o mundo ao medo dos fenômenos que não conseguem explicar. O medo e o temor asseguram aos comunitários a tranquilidade e o bem-estar, impedindo as adversidades e remediando os infortúnios que supostamente são originários do mundo sobrenatural. Os comunitários da Costa da Águia acreditam que existem energias invisíveis que orientam o bem e mal, podendo interferir no cotidiano das pessoas de forma individual (como o ataque do boto) ou coletivo, como a queda da terra que aconteceu em 2008 e atingiu a comunidade como um todo. As crenças de forma geral estão impregnadas de tabus, de interditos, de reservas, de medos, e envolvem alguns animais como: gato, boto, coruja, etc. Na Costa da Águia, o medo e o temor são em relação ao boto. Eles acreditam que esse ser aquático tem a capacidade de se metamorfosear em homem ou mulher para copular com os humanos.

---

<sup>2</sup> Nome pelo qual a comunidade é chamada e conhecida.

A visagem também é outro elemento que aparece na crença das populações ribeirinhas, elas foram trazidas pelos colonos brancos e por negros na época do povoamento e se misturaram com as crenças ameríndias. Quanto a isso, Galvão (1976, p. 66) esclarece que

Essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo constituindo a religião do caboclo. Em alguns casos transformaram-se de tal maneira que hoje é impossível determinar sua fonte original. Em outros, porém, conservaram caracteres que permitem atribuí-las a um dos elementos formadores da cultura e da sociedade do caboclo amazônico.

As crenças e superstições dos povos da Amazônia tem fundamento nos povos que aqui chegaram e se misturaram com as dos índios que habitavam este chão. Todos os temores e crenças desses ribeirinhos nos colocam diante de questionamentos sobre a compreensão desse mundo vivido, pois para quem olha de fora pensa que existe certo grau de ignorância das pessoas em acreditar nos fenômenos que ocorrem na comunidade. No estudo sobre as narrativas do boto, observamos que as pessoas acreditam no que contam. Para elas, de fato os acontecimentos ocorreram em algum lugar no tempo e chegaram até elas através do pai, da mãe, dos avós. Essas crenças são de cunho moral, regulam os valores que são repassados pelos pais aos filhos com o intuito de não ofender a natureza e assim evitar as punições pela desobediência.

Os temores aos seres sobrenaturais aquáticos, como a cobra grande e o boto, exigem por parte dos moradores especial atenção, visto que os feitos desses dois seres aquáticos permeiam a vida dos povos que moram às margens do Rio Amazonas. Na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, essas crenças se fazem presentes na vivência da comunidade. Há por parte dos moradores temor e respeito por esses dois animais que habitam os rios amazônicos. Essa relação mista de temor e medo evidencia a forma dos moradores da comunidade encarar o sobrenatural, o inexplicável. O sobrenatural é uma constante na vida dos moradores da comunidade. Muitas dessas crenças sobrenaturais adentraram o imaginário caboco a partir da colonização. Galvão (1976, p. 66) corrobora com esse pensamento quando nos esclarece que a maioria das crenças do homem da várzea amazônica são legados dos povos ameríndias que aqui habitavam.

Algumas crenças derivam de tradições europeias conservadas e transmitidas pelos colonos dos primórdios do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras, trazidas pelos escravos

africanos e, finalmente, muitas que se atribuem ao ancestral ameríndio.

As crenças se fazem presentes no cotidiano dos moradores da comunidade da Costa da Águia. O imaginário se apresenta constante em seu cotidiano, dando à realidade uma carga simbólica de reais significados. A cultura amazônica ribeirinha na reflexão de Loureiro (2001) está representada pelo imaginário que unifica refletindo os mitos, na expressão artística que pode ser visualizada e suas utilidades.

A vivência do homem e sua dependência do rio e da floresta para a manutenção do sustento da família pela pesca e caça levam o caboco a transfigurar em Mãe do Rio, Mãe da Mata, em seres sobrenaturais que têm poder para defender o local onde vivem. No seu devaneio imaginário, o homem da várzea vive sua vida sem censura. Como bem esclarece Bachelard, (1988, p.54), “O devaneio faz-nos conhecer a linguagem sem censura”. Para o homem de várzea viver sem censura não significa fazer as coisas ao seu bel prazer: significa respeitar a natureza para que ela continue lhe proporcionando os meios para sua subsistência.

O caboco de várzea tem uma relação muito forte com o rio, pois da janela de sua casa olha encantado para a imensidão do rio. O rio para ele é como um sonho. Para esse homem, na visão de Bachelard, (1988, p. 61), “as imagens da água dão a todo sonhador a embriaguez da feminilidade. Quem é marcado pela água guarda uma fidelidade à sua alma”. O homem amazônico tem sua vida basilada pela cíclica da natureza, mas principalmente pela magnitude do rio que ele contempla diariamente, por onde caminha em sua canoa para pescar e trabalhar.

O local da pesquisa é uma comunidade de várzea. Por comunidade se entende lugar de vivências culturais e vivências comuns entre pessoas da mesma localidade (Wagley, 1988). As comunidades na Amazônia, apesar de parecerem iguais, apresentam características diferenciadas, singularidades próprias. Há muitas comunidades na Amazônia constituídas em terras de várzea e em terras firmes. Embora elas façam parte do complexo amazônico, possuem especificidades diferenciadas, tais como localização, divisão espacial, cultura, economia, crenças, costumes. No entendimento Wagley (1988, p.43) cada comunidade expõe

Suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que as integram. Existem instituições e poderes sociais de âmbito

regional, nacional e até internacional, que determinam a tendência de vida de cada pequena comunidade.

Embora a comunidade se apresente com simplicidade, suas relações culturais, econômicas, educacionais e sociais vão além do que é observado. A organização é complexa, sofre influência direta e indireta dos sistemas que controlam a região e a nação.

O caboco amazônida mora em pequenas comunidades e aldeias. Nessa vivência seus padrões culturais são firmados, constitui e partilha sua herança cultural, seus valores e arquétipos. Wagley (1988, p. 44) fala da importância da comunidade para o desenvolvimento da vida em sociedade:

(...) Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram deuses, tem suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política, e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais.

As comunidades dentro do território amazônico são marcadas pela historicidade que compõe o povoamento desse pedaço de chão. Parte de sua cultura se misturou com a dos povos que por aqui chegaram para catequizar, coletar droga do sertão. Esses acontecimentos formaram as características sociais que são encontradas nas comunidades amazônicas. As migrações tem grande participação na formação sociocultural das comunidades, que se elevam na forma de trabalho.

No espaço da comunidade, o homem de várzea desenvolve seu trabalho, bem como sua alimentação baseado na pesca e produtos de sua plantação. No café da manhã come macaxeira, banana e bebe leite de gado. No almoço, o peixe é o prato principal. Os habitantes da várzea, em especial do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, narram lendas que acontecem na comunidade como a sedução do boto; histórias de cobra grande que se esconde em áreas alagadiças; do pinto feiticeiro, ou pinto pio, que pia em noite de luar; da mulher que se transforma em matinta pereira e voa na noite dando gritos angustiados, entre tantas outras narrativas imaginárias que fantásticamente enriquecem esse lugar.



Os moradores da Costa da Águia vivem em função do rio, pois ele é o cartão postal natural e diário que admiram da janela de sua morada. Vivendo uma “eterna” poesia de inefável beleza, transmitem ensinamentos de vida e memória de seus antepassados,.

A religiosidade desse povo é formada pelo catolicismo popular e o eclesiástico. Essa formação permite que façam compadrio na festa junina e compadrio pelo batismo dos filhos e filhas. Tal ambiente está impregnado de costumes e hábitos que compõem o imaginário desses moradores e permeiam sua vida com personagens que se fazem presente nas narrativas imaginárias da cobra grande, do sedutor das águas – o boto-, entre outras de igual beleza imaginária.

## **1. 2- O CONCEITO DE IMAGINÁRIO**

**“O imaginário é o perfume do real. Por causa do odor da rosa eu digo que a rosa existe”.**

**René Barbier**

A problemática do imaginário eleva-se a uma perspectiva instigante de debates para algumas áreas do conhecimento. O conceito de imaginário apresenta vários significados, a discussão sobre o tema acontece de certa forma interdisciplinar, uma vez que seu campo de abrangência amplia-se por diversas áreas das ciências humanas a saber: história, sociologia, antropologia, filosofia, dentre outras.

A palavra imaginário adentrou a linguagem cotidiana, passou a ser utilizada pela maioria das pessoas, mas poucas têm clareza quanto ao seu significado. A crise dos paradigmas de análise da realidade no final do século XX pôs fim às crenças nas verdades absolutas que davam legitimidade a ordem social (PESAVENTO, 1995). Trabalhar o imaginário no século XXI se apresenta árduo, pois nesse início de século o homem busca e produz novos sentidos cada vez mais complexos e difíceis de serem interpretados.

A incerteza no modelo científico vigente colocou em dúvida as questões das ciências sociais, uma vez que produziu perdas nos fundamentos sobre o homem e a sociedade. Quando o mecanismo de análise de interpretação dos fenômenos sociais deixa de responder às inquições dos fatos, as ciências humanas se solidificam, provocando um movimento multidisciplinar em busca de novas saídas para o problema. Novos contextos, novos objetos são visualizados produzindo novas teorias e a busca por estudos temáticos, onde os objetos de estudo originam meio social (PESAVENTO, 1995).

A crise dos paradigmas nas ciências humanas produz mudança de método e de conteúdo, bem como uma quantidade de teorias multidisciplinares e com enfoques de temas diferentes. Com a crise dos paradigmas, novas possibilidades se abrem para o estudo do imaginário, que sempre foi reduzido a uma posição secundária (SILVA, 1995).

Na antiguidade grega já existia a dualidade entre o real e o imaginário que permeavam as normas das condutas humanas. Essa dualidade basilava a potencialidade imaginativa, entrelaçando duas correntes que não dialogavam, a saber: o comportamento pessoal ético que se adquiria pela percepção, que era adequado à realidade; outra era a ilusão, a imaginação e arte (SILVA, 2012).

Na Idade Média, a religião se colocava entre o racional e a fé. O homem vivia em estado de contemplação entre a manifestação do ser e a razão. O Renascimento traz a ideia de que o conhecimento pode ser por todos conhecido, mas só pode ser alcançado se for aplicado o rigor da ciência (SILVA, 2012).

A partir do Renascimento, o sonho ganha o reconhecimento, a imaginação é destacada no mundo da ciência, mas socialmente continuava renegado. Conhecido como o século das imagens, o século XX fornece o equilíbrio para o imaginário e o real, permitindo a reconstrução de valores morais e a produção de diálogo da pessoa com sua conduta e suas ações (SILVA, 2012).

Novos caminhos se abrem para o imaginário, o homem é questionado e levado a desenvolver suas possibilidades de exteriorizar o seu pensar. O imaginário se manteve reprimido dentro do homem, isso possibilitou ao ser humano o equilíbrio como membro imaginante, como sujeito concreto que tem pleno domínio do seu pensamento, das imagens que compõem o mundo, que são existentes, não como fruto da sua imaginação (SILVA, 2012)

A desvalorização do imaginário ocorreu em decorrência do avanço racional e científico no ocidente. O racionalismo cartesiano rompeu com tudo que dizia respeito à opinião e a formas de conhecimentos transmitidos pela tradição ou por ideologias. Pesavento (1995), citando Descartes, afirma que a imaginação era fruto da falsidade e do erro, devendo ser rebaixada a um estágio inferior do conhecimento. Sendo o pensamento racional (penso, logo existo) o atributo por excelência do homem, tudo o que não estivesse nesse campo de abrangência, nos rigores da lógica formal, que fosse dado pela opinião, não era levado em consideração.

Posteriormente ao pensamento de Descartes, o imaginário se separou do racionalismo, chegando até o positivismo de Augusto Comte, para quem o critério de verdade era o cientificismo, não o ilusório, a ficção. O racionalismo cartesiano se instaurou como verdade

universal e um caminho do saber científico, que em seus estágios de desenvolvimento positivista produziu a desvalorização ou extinção do simbólico (PESAVENTO, 1995).

Para o saber científico, a imaginação não poderia se constituir enquanto conhecimento, pois produz imagens deformadas da realidade, para o cientificismo o senso comum, o imaginário é uma invenção, fabuloso e sem seriedade, ou seja, sem base científica (PESAVENTO, 1995).

A discussão sobre o conceito de imaginário é polissêmica, muitos autores de diversas áreas do conhecimento se debruçam sobre o tema. Pesavento (1995, p. 24), por exemplo, entende que

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.

As representações do imaginário são imagens sensíveis, possíveis de resgate que chegam até nós. Para que se possamos tentar interpretar fatos de um tempo, é necessário que tenham deixado uma trilha que apareça no presente de alguma forma, seja escrita, contada, imaginada ou material, para que possa ser verificada. Mesmo que essa trilha seja um sentimento, uma fantasia, uma emoção, precisa deixar marcas, só assim podem ser estudadas. (PESAVENTO, 2012).

A problemática do imaginário está diretamente ligada ao real, essa é a constância da desavença entre o pensamento científico que se colocou contra o imaginário por considerá-lo como ilusório. O imaginário seria uma construção social deformada cabendo ao cientificismo a separação entre o que real e imaginado (PESAVENTO, 1995).

O avanço das discussões sobre o imaginário tem apontado novos padrões, como a dicotomia entre o real e o imaginário. Castoriadis (1982, p.193) destaca que

O “real” da natureza não pode ser capturado fora de um quadro conceitual, de princípios de organização do dado sensível, e este nunca são – mesmo em sociedade – simplesmente equivalentes, sem excessos, sem faltas ao quadro de categorias construído pelos lógicos (aliás eternamente retocado). Quanto ao “real” do mundo humano, não é somente enquanto objeto possível de conhecimento, é de maneira imanente, no seu ser em si e para si, ele é categorizado pela estruturação social e o imaginário que este significa.

Para esse pensador as ligações entre o imaginário e o real são mantidas por representações imaginárias, a própria sociedade seria instituição do imaginário. O real da natureza e o real humano se diferenciam pela forma de apreender o objeto, visto que o primeiro é apreendido por categorias lógicas e o segundo emana em si mesmo e de acordo com a estrutura social que é o seu significado.

Roger Chartier (1990), por outro lado, revela que a representação apresenta três modalidades em seu campo analítico em relação ao mundo social, a saber: o trabalho produtivo, as práticas que almejam estabelecer uma identidade própria no mundo, e as formas institucionais mediante as quais umas pessoas representam as outras. Cada situação citada se apresenta no lugar de outro ou alguém, invoca a presença simbólica de cada envolvido.

Pesavento, (2012, p. 26) contextualiza que “tanto as sociedades arcaicas quanto as modernas, contemporâneas, tecnologicizadas possuem seus sistemas imaginários de representação, a construir verdades, certezas, mitos, crenças”. O homem vive mergulhado num mundo cotidiano de coisas, de desejos, de sonhos. A realidade vivida está em constante luta entre o imaginário e o real, esses dois mundos antagônicos que em si e por serem indivisíveis não se separam.

A valorização do imaginário é muito recente, visto que na história esse termo foi inferiorizado, negado como fantasioso, ilusório, não real, tal como sinalizamos acima. Grandes correntes de pensamento contribuíram para que o imaginário se firmasse no mundo científico, tais como o racionalismo cartesiano do século XVII, o Iluminismo do século XIX, o século XX, que ficou conhecido como o século das imagens. A partir desses acontecimentos o imaginário se tornou o objeto central nas análises da realidade com a finalidade de revelar as experiências vividas e não vividas, ou seja, aquilo que está no mais íntimo do homem e que pode ser exteriorizado (PESAVENTO, 1995).

O imaginário se manifesta pela oralidade, através da linguagem, é por esse meio que o homem se comunica, mas essa comunicação depende do signo que é escolhido. Isso não acontece com o imaginário, nas palavras de Durand (2002, p. 29), para quem

[...] é capital que na linguagem, se a escolha do signo é insignificante porque este último que não possa ser arbitrário, já não acontece o mesmo no domínio da imaginação em que a imagem – por mais degradada que possa ser concebida – é ela portadora de um sentido que não deve ser procurada fora da significação imaginária.

Se pensarmos no imaginário construído na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, é uma constante, pois ele é uma realidade, é vivido cotidianamente por

seus moradores. As imagens ajudam a construir as estruturas do imaginário, uma vez que não precisam estar presas a uma realidade existente, essa realidade é instituída na própria ação imaginativa do homem.

A realidade imaginativa do homem fundamenta sua orientação com o mundo de imagens e suas relações. Durand (2002, p. 18) ressalta que

O imaginário é “– o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensador do homo sapiens – aparece-nos como o grande dominador fundamental onde se vêem encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por outro aspecto de uma outra.

O pensador destaca o conjunto de imagens e as relações dessas imagens com a formação do pensamento humano, pois as imagens são abstrações do pensamento humano que se constituem a partir de conhecimentos prévios capturados na natureza e compõem o quadro imaginário humano.

Laplatine e Trindade (2003, p. 2), por seu turno, esclarecem que “imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva”, ou seja, somos envolvidos pelo ambiente em que vivemos e através dele percebemos o mundo, produzimos formas de compreender esse mundo, criamos as imagens pelo que conseguimos absorver do mundo à nossa volta.

As imagens compõem parte do ato de pensar, aquilo que é formado no pensamento é exteriorizado como representação do que conhecemos do objeto. As imagens se formam na vida social, na natureza e nas relações com os outros, formando o universo mental da sociedade. As imagens não são iguais para todas as pessoas, pois cada uma carrega diferentes referências dos objetos, o que é marcante para uma pessoa em uma imagem, pode não fazer sentido para outras pessoas. Imagens são marcadas de sentimentos, expressam experiências vividas com elas, Laplatine e Trindade (2003).

As coisas existentes que constituem a realidade existem em si mesmas, não dependem do que as pessoas pensam sobre elas e dos significados que lhes são atribuídos. Existem definidas pelas suas experiências históricas, situações ecológicas e pelos seus contextos socioculturais. Castoriadis (1990, p. 183) destaca que

A história humana, assim como as diversas formas de sociedade que conhecemos nessa história, é essencialmente definida pela criação imaginária. Imaginário nesse contexto, não significa evidentemente fictício, ilusório, espetacular, mas posição de novas formas, e posição não determinada, mas determinante; posição imotivada, da qual não pode dar conta uma explicação casual, funcional ou mesmo racional.

Como existe em si mesma, a realidade permite que algo, um fato, um fenômeno seja interpretado. O objeto real se constitui a partir das ideias, dos signos, dos símbolos que são dados pela percepção da realidade. Cotidianamente, vivemos muitas experiências, como da religião, por exemplo, que nos permite observar os simbolismos que nos são apresentados nos ritos católicos.

Quando repetimos rituais, fazemos o que num passado distante era feito pelos nossos antepassados. Podemos perceber nos nascimentos, nos casamentos, nos batizados, as homenagens que eram feitas aos deuses, ou ao sobrenatural pelo acontecimento ocorrido no mundo físico. Laplatine e Trindade (2003, p. 6), explicam que

As experiências cotidianas, e não apenas as religiosas, são permeadas de ritos. As homenagens a fatos históricos e míticos, os aniversários, velórios, cortejos fúnebres, casamentos e batizados religiosos são rituais de reatualização dos acontecimentos passados e de passagem de uma etapa da existência humana para outra.

Esses atos ritualísticos, religiosos ou não, compõem o patrimônio imaginativo do homem, são imbricados de valores, crenças e costumes, possuem uma simbologia sagrada para quem vivencia cada ato.

O que importa é verificar o simbolismo que está envolvido em cada reatualização. Eles estão envolvidos de sentimentos, atitudes e de mudanças significativas na vida social das pessoas. O simbolismo permite a continuidade dos rituais que são significativos para quem está envolvido (CASTORIADIS, 1982).

O simbolismo pela capacidade imaginativa permite a reatualização dos rituais. Nesses rituais, o imaginário se coloca como elemento mediador e agitador de imagens, que é exteriorizada pelo símbolo. De acordo com Castoriadis (1982), a instituição é definida socialmente como rede simbólica que abarca a organização e o imaginário.

Em Karl Marx (2006), o conceito de imaginário surge pela alienação. Segundo ele, a autonomia das instituições econômicas ou religiosas são produtos das ações humanas,

expressam as contradições de produtor e produto. Para esse autor, o imaginário é a solução fantasiosa encontrada para justificar as contradições do mundo real. O homem, em Marx, é um produtor, produz para suprir suas necessidades materiais, econômicas, sociais e culturais, assim o imaginário é produto da sua imaginação. Em Marx, portanto, o imaginário torna o homem autônomo no que diz respeito à sociedade e àqueles que a produzem. Nessa construção imaginária, o capitalismo aplica as suas leis a partir da ilusão das pessoas. Marx não trata o imaginário como fortaleza do homem, mas como meio para sua alienação, porque o enfraquece diante da realidade. A ação humana se constitui como fundamento do imaginário produzido, é pelo imaginário que esse homem produz a ideologia de produto que ele produziu.

Embora a sociedade seja produzida pelo homem, é o imaginário que providencia a instituição de seu caráter autônomo em relação à sociedade. É pelo imaginário que as coisas ganham forma. Através das imagens que são fornecidas diretamente pela percepção, o imaginário organiza a realidade que está a sua volta, é a tradução mental do que é capturado pelo pensamento (LAPLATINE e TRINDADE, 2003).

Para Maffesoli (2001, p.75), o imaginário é uma construção que está para além do que é imaginado, é metafísico:

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra - estátua, pintura - há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra.

Para esse pensador o imaginário acontece na sociedade, mas não é palpável, é sentido, percebido, está para além do mundo físico. Seria o que Platão chamou de mundo das ideias: está no pensamento. Desse modo, sendo o imaginário uma construção mental, pode ser percebido na produção do homem. O imaginário, produzido pela cultura humana, se materializa através da arte, da literatura ou por obras que produzem o prazer estético. A aura pode ser compreendida como o prazer estético que é produzido pela beleza da obra. O prazer estético é a sensação sentida diante do objeto, ou obra, e que fala por si, perpassa a obra, mas nela não fica, é inefável.

Laplatine e Trindade (2003, p. 8) justificam que “a representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas”. A imaginação é produzida pelo

pensamento humano, o ser humano é um ser de emoção, guarda para si, na memória, lembranças de experiências vividas que têm grande valor sentimental e afetivo.

A construção do processo imaginário não é algo fácil e capaz de ser feito por qualquer pessoa que não faça parte de dada sociedade, pois, como nos instrui Laplatine e Trindade (2003, p. 9), para

Construir o processo do imaginário é preciso mobilizar as imagens primeiras, como dos homens, cidades, animais e flores conhecidas, libertar-se delas e modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução real dessa realidade exterior.

A relação entre real e imaginário ocorre de maneira interdependente, pois embora pareçam antagônicos, não o são, visto que fazem parte do mesmo sistema de representação do simbólico, reconstruem o real. O real é a representação do imaginário, eles se complementam para colocar para exteriorizar a realidade do pensamento. O real é a materialização do imaginário, ou seja, é a demonstração de tudo que o homem pensa e acredita.

### **1.3 - A cultura do lugar e o imaginário amazônico**

A cultura de um povo é construída durante muitas décadas, não é de uma hora para outra. Só quem vive dentro de uma determinada sociedade pode utilizar o imaginário como fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de preservação da memória coletiva do local. Isso pode parecer insignificante, mas representa o fio condutor da cultura do lugar.

O imaginário amazônico tem por base material a natureza, que desenvolve nos seus moradores a contemplação da região em devaneio que faz a ligação entre o real e o imaginário. A floresta e o rio levam o homem ribeirinho ao estado contemplativo de admiração diante do belo, do grandioso que ao mesmo tempo é um universo sublime, assustador e destruidor.

Quando navega em seu casco ou canoa, o homem da várzea amazônica contempla a magnitude da natureza e transforma seus elementos em seres sobrenaturais que o ajudam a



compreender a realidade que ele contempla, atribui a essa realidade uma relação de intimidade. Loureiro (2001, p.195) esclarece que

Para o nativo da Amazônia, a contemplação é um estado de sua existência. O princípio e o fim de suas relações com a vida cotidiana e a raiz de suas peculiaridades. (...) Confere à natureza uma dimensão espiritual, povoando-a de mitos, recobrando-a de superstições, destacando-lhe uma emotividade sensível, tornando-a lugar dos ser, materializando nela sua criatividade, ultrapassando sua contingência na medida em que faz dela um lugar de transcendência. Assim, o caboclo se reconhece nessa natureza e amplia sua realidade, eliminando as barreiras com o ilimitado do imaginário.

O nativo da Amazônia tem sua vida dedicada, na grande maioria das vezes, à contemplação da natureza, que se torna para ele o princípio e o fim de suas relações diárias. Este nativo impõe à natureza uma extensão sobrenatural, espiritual, onde passeiam lendas, mitos, crenças que falam da emotividade e sensibilidade do amazônida que às vezes parece embrutecido pelo trabalho e pela vida. Esse caboco constrói através da contemplação a transcendência da natureza que lhe permite estender sua realidade, ultrapassando os obstáculos ilimitados do imaginário.

O imaginário funda as imagens dos seres da floresta e do rio, dando a eles vida e poder de interferir na realidade do caboco. Existem vários componentes da cultura amazônica que, na imaginação do ribeirinho, são seres existentes, embora estejam no campo do sobrenatural, chamados pelo caboco de visagem. No universo das visagens estão incluídas as almas que vagueiam pelo rio, os conhecidos anhangás, os bichos agoirentos que anunciam o infortúnio para quem esta por perto, os espíritos que buscam amenizar seus pecados e usufruir do descanso eterno, a cobra grande que se transforma em um grande navio iluminado, o boto que se transforma em um rapaz bonito, sedutor, carinhoso e atrai para si a mulher amada e se deita com ela no silêncio da noite.

O imaginário se apresenta pelas imagens. As imagens são formas de comunicação e conhecimento, elas não são concretas, mas fazem parte do ato de pensar. A imagem nunca é neutra, de uma maneira ou de outra apresenta como é percebida a vida social, as pessoas, a natureza e a construção do mundo mental. Sobre a imagem, nos revela Sartre (1940, p. 29) que

Uma consciência *sui generes* que não pode de modo algum *fazer parte* de uma consciência mais vasta. Não há imagem *numa* consciência que, além do pensamento, compreenderia

signos, sentimentos, sensações. Mas a consciência da imagem é uma forma sintética que aparece como um certo momento de uma síntese temporal e se organiza com outras formas de consciência, que a precedem e seguem, para formar uma unidade melódica.

O homem ribeirinho de várzea tem uma profunda relação de admiração com o rio, sua ligação é muito forte. Eliade (1986) nos aponta que a sacralidade das águas e a estrutura das cosmogonias e dos apocalipses aquáticos não poderiam ser reveladas integralmente senão por meio do simbolismo aquático, que é o único ‘sistema’ capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias. A vida do homem ribeirinho, marcada pela subida e descida do rio, cria a ambientação necessária para a emergência da sacralidade das águas de que fala Eliade.

É na água que o homem amazônico renova suas forças diárias, quando chega do trabalho em sua canoa se joga na água e nela deixa todo o suor e o cansaço da labuta. Pela manhã vai à beira do rio, toma banho e contempla a imensidão que antagonicamente parece tão perto, mas ao mesmo tempo esta distante e inatingível. É nessa rotina das águas que o homem ribeirinho cria e recria o seu imaginário, conta histórias, recria a natureza de acordo com a sua forma de ver, sentir e de explicar a realidade circundante.

Assim, o imaginário do homem amazônico esta identificado com o meio vivido, suas experiências com a terra e com a água. Os seres imaginários emergem da floresta e do rio como forma de preservar e de moralizar valores entre os membros sociais. O ribeirinho tem seus sentidos voltados para a natureza, é por meio dela que alicerça os conhecimentos de si, do outro e da natureza.

O contato direto com a natureza o torna mais sensível. Na sua simplicidade, evoca as forças imaginárias sobrenaturais de compreensão do mundo para socializar suas experiências individuais vividas no rio e na floresta, por onde a vida flui sem pressa. Neste sentido, a contemplação da natureza, em especial, do rio cria imagens imaginárias que são conhecidas pelo pensador. Para Bachelard (1998. p. 12), por exemplo,

Água já não é apenas um grupo de imagens conhecidas numa contemplação errante, numa sequência de devaneios interrompidos, instantâneos; é um suporte de imagens e logo depois um aporte de imagens, um princípio que fundamentadas imagens. A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante.

A água exerce um papel importante na composição do imaginário ribeirinho, servindo de suporte para os devaneios que compõem a cultura amazônica, pois é pela imaginação do que a água oferece que ele busca compreender a vida, a morte, o trabalho, a natureza. O homem amazônico direciona suas ações pela natureza, que na maioria das vezes determina seus fazeres cotidianos. Os fatos que ocorrem nos caminhos da floresta e nos contornos do rio são produzidos pelo imaginário do homem amazônico, que passa longos períodos de tempo sozinho com a floresta e o rio. Esses fatos nos chegam pelas narrativas imaginárias ou lendas. Suas experiências relatam uma verdade do real, revelando descrições fabulosas imaginadas e vividas na proa de sua canoa. Quando entramos em contato com as essas narrativas apresentadas por esses atores da floresta e do rio nos confrontamos com a criatividade, sensibilidade e emoção diante do desconhecido, do inexplicável.

As façanhas do ribeirinho com a natureza produz o imaginário social, que também se apresenta como identidade de uma sociedade. Cada sociedade se identifica pelas normas comportamentais que são de conhecimento de todos e por eles reconhecidos. O imaginário se faz presente como realidade no contexto político e econômico com elementos que constituem representações simbólicas existentes socialmente. Nesta perspectiva Castoriadis (1990, p. 183) assinala que

Essas formas, criadas por cada sociedade, fazem existir um mundo no qual a sociedade se inscreve e ocupa um lugar. É por meio delas que a sociedade constitui um sistema de normas, de instituições no sentido mais amplo do termo, de valores, de orientações, de finalidades, tanto da vida coletiva como da vida individual. No núcleo dessas formas encontram-se, a cada vez, as significações que suas instituições encarnam.

Assim, as representações simbólicas do imaginário social permitem que a sociedade crie seus padrões de normas e condutas que orientam tanto a vida coletiva quanto a vida individual. As normas comportamentais identificam cada sociedade, cujos membros reconhecem e respeitam tais valores que organizam a vida social. Nessa rede de significados, a sociedade cria e recria seus padrões institucionais, a partir dos quais cada um exerce o papel e a função exigida.

A valorização do imaginário ocorre no viés da queda do cientificismo e racionalismo. Sobre esse assunto Pesavento (1995, p. 5) destaca que não é por acaso que o realce do imaginário, enquanto objeto de preocupação temática e investigação, tenha crescido

justamente no momento em que as razões cartesianas e as incertezas do processo científico não se apresentam como capazes de dar conta da complexidade do real.

O imaginário está inserido no campo das representações, exteriorizando aquilo que está no pensamento do homem. O meio utilizado para exteriorizar esse pensamento são as imagens e os discursos que têm a pretensão de definir a realidade. Porém, nem tudo o pensamento apresenta através de imagens e discursos, ambos são o retrato da representação real da realidade (PESAVENTO, 1995). No domínio das representações, os fatos expressam sentido diferenciado daquele que se pensa, o campo do real, sendo o imaginário o espelho que reflete o outro que está ausente, ou seja, o real. O imaginário evoca a imagem daquele que não se faz presente expressando seu significado e seu significante no campo simbólico (PESAVENTO, 1995)

As representações sociais são construídas no campo simbólico, imaginário. Segundo Castoriadis (1990, p. 183), historicamente, “é esta construção que dá sentido à realidade vivida, a sua existência, marcando sua identidade”. Sobre as representações sociais, Márcia Espig (2004, p. 54) adverte que

Os imaginários sociais proporcionam a um grupo a designação de uma identidade e uma representação sobre si próprio, auxiliando ainda na distribuição de papéis e funções sociais, expressão de crenças comuns e modelos.

O imaginário social se constitui como identidade de um determinado grupo. Como identidade social a comunidade expressa os sentimentos, as ações, as crenças, os costumes, os valores, ou seja, tudo que é de reconhecimento da coletividade. É esse imaginário social que atribui e distribui o papel e a função de cada um naquela sociedade. Portanto, o imaginário social não ocorre na individualidade, mas na coletividade, onde todos se identificam como parte integrante do todo. O imaginário social é a representação dos elementos e modelos comuns que falam por si próprios do lugar.

Socialmente o imaginário é o mecanismo organizador, controlador, que expressa símbolos, ritos, representações sociais figurativas e crenças, é uma realidade constante no cotidiano das pessoas, reflete os modos de vida, como bem nos diz Pesavento (1995, p. 24) sobre o conceito de imaginário e suas representações:

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade

visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar o significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.

Desta forma, o imaginário se constitui como realidade fundante, carregado de uma carga simbólica de valores, costumes e crenças que são reconhecidos pela sociedade envolvida, tão reconhecida que é defendida pelos indivíduos que a compõem. Como pode quem não vivencia o imaginário de um determinado lugar dizer que o que ocorre nesse lugar não é verdadeiro? Como, por exemplo, desconsiderar a narrativa do boto que se transforma em homem, namora e engravida as moças por quem ele se enamora? Para as comunidades ribeirinhas do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, onde foi desenvolvida a pesquisa, esse fato ocorre, esse imaginário é real, o boto é temido e respeitado, porque, para os moradores dessa comunidade, ele possui poderes sobrenaturais, é um encantado, e com ele não se brinca.

Assim, ao final desta seção, é possível afirmar que o conceito de imaginário, tal como apresentado pelos autores Castoriadis, Pesavento, Bachelard, Esping, Eliade, Chartier, Mafessoli, Marx, Laplatine e Trindade, Silva e Sartre, entre outros, se faz presente no cotidiano do homem ribeirinho da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia como elemento organizador e orientador da vida social, ou seja, produz as leis e a conduta da sociedade, funciona como forma de controlar a vida coletiva e a prática do poder (BACZKO, 1991). Desse modo, o imaginário social executa os papéis e as funções sociais sem que exerça a força, mas pelo convencimento que foi instituído pela ação imaginária do homem.

#### **1.4 - A formação do imaginário amazônico**

O imaginário amazônico, tal como se apresenta na atualidade, tem suas bases enraizadas na trajetória histórica pelo qual passou a região amazônica desde momento da colonização e povoamento.

O povoamento do território amazônico foi marcado por configurações sociais, migrações nacionais e internacionais até à formação das comunidades tal como elas se configuram hoje. Esses acontecimentos são fundamentalmente responsáveis para a formação cultural, social e econômica da Amazônia.

Algumas pesquisas mostram que o povoamento e as migrações na Amazônia são mais antigas do que se imaginava, ou seja, mais antigas que a chegada dos colonizadores. As datas mais antigas para a ocupação da Amazônia é mais ou menos 10.500 anos AP<sup>3</sup>. Essa data é resultante das escavações feitas na Caverna de Pedra Pintada por Roosevelt em 1996, em uma várzea próxima a cidade de Monte Alegre (NEVES, 1999-2000).

O complexo cultural amazônico, como nos informa Benchimol (1999, P. 13), compreende

Um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de acontecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzea e terra firme, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional.

Os ciclos econômicos que em que a região foi envolvida teve como predominância a mão de obra indígena que era organizada e distribuída pelos jesuítas – missionários católicos enviados no período da colonização para catequisar os índios. Essa economia durou até a expulsão dos jesuítas deste território (SOUZA, 2002).

Na constituição da cultura amazônica, a presença do indígena foi mais intensa que do negro e do branco, em consequência de um número maior de indígenas que os outros povos. A economia se apoiou no extrativismo no qual caboco se tornou elemento chave, pois os índios dominavam as técnicas e saberes daquele local (GALVÃO, 1976)

Benchimol (1999) expõe que à cultura amazônica existente foram incorporados novos valores de povos e nações. Em decorrência de suas condições geográficas, a Amazônia ficou por um longo tempo isolada. Esse isolamento produziu uma aura de mistério sobre a região e sobre a vida de seus moradores. Em sua obra, Galvão (1976, p. 2) aponta que

Juntamente com as essas condições determinadas pelo ambiente geográfico e pelas técnicas que se utilizam para sua exploração, outros fatores imprimem características bem marcadas a essa região. Dentre esses, destacam-se os que se referem à formação étnica e cultural da população da Amazônia. O vale era habitado por considerável massa indígena, a que se mesclaram portugueses e um pequeno contingente africano. Dessa amalgama resultou uma cultura regional, em que repontam, com mais intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias.

---

<sup>3</sup> Antes do Tempo Presente.

O índio foi o primeiro habitante do vale amazônico. Bem adaptado à região, desenvolveu técnicas de trabalho e de sobrevivência que o mantiveram e mantém na região com seus mitos e crenças. Por conhecer a região, o indígena foi utilizado em maior número por conhecer as técnicas de exploração das chamadas drogas do sertão. A utilização da mão-de-obra indígena barateava os produtos da floresta. Para a coleta das drogas do sertão, eram organizadas expedições que observavam o período em que a natureza as produzia (GALVÃO, 1976).

Por sua influência cultural ameríndia, o homem amazônico tem o imaginário povoado por seres fantásticos sobrenaturais que habitam seu universo mítico, tais como o curupira, os anhangás, cobra grande, matintaperera, botos, companheiros do fundo, mães de bicho, mãe da mata, bichos visagentos, entre outros seres imaginados.

A religião católica é seguida por grande parte da população amazônica. Como católico, o homem amazônico vai ao culto oficial, mas não deixa de participar de rituais de cura, também conhecidos como pajelança cabocla, que acontecem na casa de algum morador que foi chamado para praticar tal façanha. Galvão (1976) explica que “embora as crenças e instituições religiosas católicas e as de origem ameríndia sirvam a objetivos diferentes, elas se completam como partes integrantes de um mesmo sistema religioso”. A fusão das crenças católicas trazidas pelo colonizador e das crenças ameríndias que aqui existiam criaram o sistema religioso que é praticado pelo amazônida, que é o catolicismo popular. As crenças católicas buscam a salvação das almas, e a ameríndia se volta para contemplação da natureza. Embora sejam diferentes na concepção, elas compõem o sistema religioso praticado na Amazônia. Apesar de se mostrarem antagônicas, as crenças ameríndias e católica fortalecem um sistema religioso que se completam (GALVÃO, 1976).

Não podemos falar de Amazônia, se deixarmos de fazer referência ao objeto de contemplação do homem ribeirinho - o rio. Para o homem amazônida o rio lhe dá o sustento da vida. Seu capital cultural é constituído por uma profunda relação de respeito para com o rio. Serra Pinto (2008, p. 2) destaca que

O rio é associado ao sensualismo que fortalece as imagens presentes principalmente nos mitos cosmogônicos, nos quais a água exerce o papel de fundamento da vida, do mundo, de um povo. A necessidade de sentir, degustar, banhar-se, desse adentrar todas as espécies vivas coloca a água doce em primeiro plano, tanto no que diz respeito à realidade, como no nível mais profundo do inconsciente. No nível da imaginação, a água doce é sempre privilegiada porque representa a primeira bebida, tão doce quanto o leite materno.

Percebe-se a relação de dependência do homem para com o rio. Desde que nasce, é levado a olhar a imensidão das águas. É pelo rio e através dele que o imaginário cria suas formas de compreender o mundo em que vive. A construção do imaginário amazônico está relacionada com as crônicas dos primeiros viajantes que por aqui passaram. A penetração do europeu no rio da Amazônia é datada de 1541-2, documento registrado por Gaspar de Carvajal. O registro de Carvajal se inicia no Rio de Orellana. Carvajal (1941, p.12) destaca que “eu vou contar d’aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi”.

Nesse universo de índios, guerras, morte, fome e sobrevivência, sobressai o reino das temidas mulheres, onde cada movimento era tomado de cuidados para não serem surpreendidos pela Amazonas, pois, segundo conta a lenda, tais mulheres não tinham marido, acasalavam com os índios que guerreavam, levavam-nos a força e com eles ficavam o tempo necessário para engravidar, então mandavam-nos embora. Sobre as mulheres guerreiras, Carvajal (1941, p. 60) relata que

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, trançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas na mão, fazendo tanta guerra como dez índios.

Quando nasciam as crianças, se fosse meninos, elas matavam e mandavam para o pai. Se fosse menina, era cuidada e educada para ser uma guerreira. A comandante dessa tribo era Conhori. Para a procriação, eram escolhidos homens altos e brancos. As amazonas eram as guardiãs do jardim do Éden tropical. Gondin (2007, p. 105) narra que

As mulheres não eram casadas, viviam no interior e que lá ele já estivera muitas vezes pagando vassalagem. Ao todo havia setenta aldeias, construídas em pedras e com portas. [...] As celibatas só coabitavam quando sentiam desejo e com homens de um povo vizinho com os quais guerreavam, levando-os à força. Ficavam com eles o tempo que quisessem até engravidar. Depois deixavam-nos ir embora. Ao parirem um filho, mandavam-no morto ao pai, mas se fosse filha, era bem criada e educada na arte guerreira.

O viajante fala de um paraíso que ele conhece e o traz em seu imaginário. O lugar de morada das Amazonas contempla o paraíso terrestre, um reino que se apresenta seguro e



inviolável, que se acomoda na imaginação de quem narra à região por onde passou, com um misto de fascínio e medo.

O universo mítico amazônico é povoado de seres fantásticos que habitam os rios e a floresta. Os seres imaginários que compõem o mundo mítico faz da cultura desse torrão uma fecunda fonte de inspiração, de símbolos, de experiências, de beleza e trabalho acumulado.

O processo de ocupação da Amazônia, no pensar de Benchimol (1999) é marcado pela multiplicidade de povos e nações, etnodiversidade histórica e original que se manifesta por aspectos antropológicos e culturais ricos, típicos e diferenciados na linguagem, ritos, magias, usos, costumes, produtos ergológicos, formas de subsistências nas lavouras itinerantes, nos processos de caça e pesca, bem como o aproveitamento dos recursos da floresta.

A cultura amazônica surge do encontro da cultura europeia com a ameríndia, constituindo a Amazônia Lusíndia – mais índia que lusa-, a Hispano-índia – mais índia que espanhola. Essa mistura originou a sociedade caboca e dos cholos, crioula e mestiça. A ocupação da Amazônia colonial foi predominantemente indígena, Benchimol (1999, p. 21) esclarece

Os ameríndios iniciaram essa ocupação e os seus descendentes caboclos (do tupi caá-boc, “tirado ou precedente do mato”) [...] Seu ciclo de vida se adaptava às peculiaridades regionais, delas retirando os recursos materiais de subsistência e as fontes de inspiração do seu imaginário de mitos, lendas e crenças. Especiarias, drogas do sertão, ervas medicinais, madeiras, óleos, essências, frutos, animais, pássaros, bicho de casco e peixes, constituíram um mundo novo e exótico que exacerbava a cobiça do colonizador e excitava o paladar dos novos senhores.

O índio como autóctone da região adaptou-se às condições climáticas e geográficas da região amazônica, de onde tudo retirava para sua subsistência e para alimentar seu imaginário, pois para o amazônida a natureza é sua eterna fonte de inspiração do seu patrimônio cultural crenças, mitos e lendas. A diversidade de especiarias, pássaros, frutos, quelônios e peixes mexiam com o paladar e com a ganância do colonizador.

A chegada do colonizador europeu, com seus novos padrões culturais a serviço da fé e do império, impusera uma nova identidade cultural que aniquilou a identidade cultural indígena quando criaram mecanismos de apreensão do índio, por meio das tropas de resgates, aldeamentos, missões, reduções, catequeses, queima de malocas, dízimos e trabalho servil (BENCHIMOL, 1999).

A construção do imaginário amazônico no período quinhentista até o século XVIII é embasado nas narrativas dos viajantes naturalistas. Os naturalistas capturam um homem através do “contato íntimo com o ambiente físico e biológico” (Benchimol, 1999). Os povos que aqui habitavam foram interpretados pela via biológica. Torres (2008) esclarece que os viajantes naturalistas não viam o homem como sujeito central no universo amazônico e sim como uma peça unida à natureza ou como um duende imiscuído nela. Sobre a instituição da Amazônia no que ela representa nos dias atuais, Gondim (2007, p.13) declara que

contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, se quer foi construída. Na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes.

Assim, somos resultado do que disseram de nós. A representação da Amazônia não é feita por nós amazônidas. O pensamento de Gondim esclarece que a Amazônia é constituída no pensamento daqueles que por aqui passaram, por isso é uma “invenção”, uma criação imaginária, trazida e adaptada para essa região. Em nem uma outra região desse país existe um imaginário tão rico e forte como o construído sobre a Amazônia, mas que precisa ser desmistificado pelos atores que aqui habitam. Torres (2008) defende que “não tivemos condições históricas para construir um pensamento amazônico autônomo, não temos uma epistemologia. A nossa compreensão de Amazônia é ainda muito ocidental”, nós amazônida devemos buscar o conhecimento da região, ouvindo as polifonias que compõem o nosso torrão amazônico.

São muitos os nomes dados para a Amazônia na tentativa de conceituá-la. Como diz Castoriadis (1990), é uma criação imaginária e Gondim (2007), uma invenção dos viajantes que por aqui passaram. Essa criação imaginária não pode ser entendida como obra de um ou de alguns indivíduos definidos, mas como sendo obra do imaginário coletivo anônimo, do imaginário instituinte, ou poder instituinte.

A compreensão da formação do imaginário amazônico se dá pela interpretação de contextos históricos e sociais, signos, símbolos e representações. As representações do imaginário dessa região são resultantes de representações já existentes, como por exemplo, o mito, que utiliza signos já existentes mais o reveste de novo significado. Pierre Grimal (1982, p. 13) esclarece que “os mitos não nascem como um conjunto organizado, ao modo de um sistema filosófico, teológico, ou científico. Crescem ao acaso como plantas”. Compreender o

mito, seus significados ocultos, mas presentes na sociedade ajuda a entender as diversas formas de representações que se apresentam socialmente.

Na Amazônia, os mitos estão presentes como forma de organização e explicação da realidade. O mito nasce da necessidade de explicar um fenômeno inexplicável. Depois que é criado, não se sabe dizer de fato qual a sua origem. O imaginário se encarrega de criar as representações simbólicas que serão reconhecidas por toda a sociedade envolvida. As representações simbólicas organizam e ordenam a vida em sociedade, todos desempenham seu papel e sua função social. É esse imaginário que permite os relacionamentos entre as pessoas, a natureza e o mundo em si,

Sobre essa relação homem natureza, Loureiro (2001, p. 89) discorre que

Na sociedade amazônica, é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante, que o envolve, que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve a ativa sua sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística e pela visualidade. Experiência sensorial que é essencial à vida amazônica, pois representa qualidade complementar à expressão dos sentimentos e ideias, concorrendo para criar uma unidade cultural no seio de uma sociedade geograficamente dispersa.

O contato com a natureza torna o homem sensível, receptivo, transforma, renova e possibilita o aumento de suas potencialidades espirituais. A experiência contemplativa da natureza recarrega energia cotidianamente, é uma ação de encanto diante da realidade. Na Amazônia como em qualquer lugar o mito é uma crença verdadeira e coletiva, cujos significados são instituídos na própria cultura que os criou e o firma como verdade. Por meio da cultura, os homens passam a ter confiança de estar no mundo, no qual estabelece o sentido da vida e da natureza que lhe possibilita infinitas experiências para a compreensão do mundo.

Não se pode compreender o imaginário amazônico sem dar o devido valor para o social, o homem que produz é o mesmo que faz festa, ou seja, ele produz e faz festa. Trabalho e festa se misturam e formam modos de vida individual e carga simbólica particular. A vida social faz o movimento circulatório das formas simbólicas.

Na comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia os comunitários elaboram e expressão sua realidade. As construções sociais dessa comunidade exprimem as operações simbólicas da vida coletiva dessa sociedade. Fraxe (2004, p.312) identifica que

As diferentes construções sociais do real, onde a realidade como campo contratual pode ser expandida, redefinida e eventualmente mudada exigem que repensemos o caráter atribuído à relação entre mundo material e simbólico. No cerne dessas questões está a compreensão como operações simbólicas que se articulam com a vida coletiva de uma sociedade a partir de processos de constituição simbólicos, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontra o seu lugar.

As construções sociais do real se constituem em diferentes períodos históricos, pois assim se constitui a comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, eles elaboram as suas representações simbólicas para compreender o mundo real. É importante tentar compreender as operações simbólicas que direcionam e organizam a vida em sociedade, pois é pelo entendimento das representações simbólicas que os moradores da comunidade dão sentido ao mundo vivido, buscam o entendimento da vida e ocupam o seu lugar na sociedade.

O mundo amazônico se apresenta por meio de representações simbólicas de imagens que povoam o imaginário caboco. Essas imagens se constituem como realidade operante, possuem força própria, realidade que se expande para campos que a memória atualiza. O universo imaginário do caboco amazônida é povoado por seres sobrenaturais que estão presentes cotidianamente na sua realidade, organizam a vida social e são constantemente reatualizados pela memória coletiva.

Por ser constituída por uma população indígena considerável, a cultura amazônica apresenta mitos, lendas, crenças e costumes que estão imbricadas com o imaginário indígena. A massa indígena se misturou aos portugueses e em menor número aos africanos, Galvão (1976, p. 2) destaca que “dessa amálgama resultou na cultura regional, em que sobressai, com maior intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias”.

O imaginário caboco segue dando significado aos fenômenos da vida cotidiana, as imagens de representação simbólica aparecem nas mais variadas realidades da vida. No imaginário amazônico, encontramos seres sobrenaturais imbricados em numerosas imagens tornando significante o sensível e o aparente (LOUREIRO, 2001)

A vida do ribeirinho está atrelada à imensidão do rio, para cujos habitantes foram instituído poderes sobrenaturais. Da água surge no imaginário amazônico dois seres que

representam em maior intensidade o temor do caboco: a cobra grande – a boiuna – e o boto sedutor. Neste estudo, a ênfase será dada ao boto, o encantado. O encantado é aquele ser que passa do plano terrestre para o espiritual sem passar pela experiência da morte.

O mundo dos encantados é submerso, formando grandes cidades no fundo do rio, também conhecido como lugar de encante. Na região amazônica, segundo Napoleão Figueiredo (apud LOUREIRO, 2001, p. 96)

Os encantados cultuados pelas regiões populares são entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e o fundo dos rios e que protegem, não somente os homens, como também as comunidades em que os mesmos vivem; venerados sob as formas mais diversas garantem a prosperidade, saúde, felicidade a quem os reverencia.

Os encantados adentram o espaço de formação do imaginário amazônico pelo viés da religião que foi introduzido na região pelo colonizador. Loureiro (2001) revela que “as encantarias, lugar onde moram os encantados – incluindo aí também aqueles que não são objeto de culto religioso – estariam localizadas acima das nuvens e abaixo de céu, como também nas florestas e no fundo dos rios”. Sobre a religião no cenário amazônico, Galvão (1976) profundo estudioso do tema na região, discorre que a religião de um povo, diante de suas motivações psicológicas, mostra em suas instituições, como processo de evolução, a influência de causas de natureza histórica e social.

Na Amazônia a religião apresenta os padrões socioculturais com características ambientais da região em que é praticada. As comunidades amazônicas se compõem de um pequeno povoado que possui uma organização social, econômica e cultural e são praticantes, na sua grande maioria, do catolicismo. São devotos de santos padroeiros. Nesta região, a forte influência ameríndia revela a origem das crenças religiosas do povo amazônida.

No bojo dessas crenças locais se apresentam seres como o currupira, os anhangás, a cobra grande, a matintaperera, os botos, os companheiros do fundo, mães dos bichos, o bicho pau, bichos visagentos e a crença na panema. Galvão (1976) enriquece este estudo quando afirma que as crenças não católicas do caboclo amazonense derivam do ancestral ameríndio. Essas crenças foram se modificando e influenciaram a solidificação da religião com a cultura ibérica e africana. Apesar de originar do ancestral ameríndio, não houve fusão das práticas religiosas, não se observam na Amazônia manifestações religiosas onde se pratique religião católica e indígena juntas.

Com parte da formação do imaginário amazônico, a pajelança se destina à cura de doenças que são produzidas nas pessoas pela prática da feitiçaria. As representações quanto essas práticas já foram aqui descritas, são produções culturais originadas pelos nossos ancestrais que se reatualizam atualmente. Segundo Fraxe (2004, p. 313),

O contexto pode ser definido não apenas pelo espaço social em que a ação se desenrola, como também a partir de uma perspectiva temporal. Creio, assim que três tempos marcam, então, esta perspectiva temporal: o tempo curto da interação, o tempo vivido e o território do habitus das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupo sociais.

O homem é essencialmente um ser do tempo, portanto é histórico. É especificamente do seu tempo, pois apresenta características do local em que está inserido. Assim marca suas práticas de acordo com o habitus adquirido, por pertencer a um grupo social.

O imaginário social orienta dispositivos simbólicos que permitem a efetiva interpretação de experiência individual, complexa e variável, uma cota de espera e de esperança, uma fusão no quebra cabeça de memória coletiva, das lembranças e das representações de um passado distante ou próximo, assim como visões do futuro nas quais se apresentam as obsessões e fantasmas, de esperança e sonhos coletivos (FRAXE, 2001).

A identidade cultural amazônica se solidifica pela construção do imaginário social da coletividade que elabora a representação de si, distribuindo papéis sociais que representem a sociedade em sua razão de ser, onde cada ser individual encontra sua posição.

No decorrer da história social amazonense, o imaginário foi criando seres encantados, mitológicos, que constituem o sistema cultural amazônico que, ao mesmo tempo, revela e encobre a realidade. Esse imaginário ajudou construir, em maior ou menor intensidade, a própria imagem do homem e como ele reproduz a vida, através das relações sociais pelas imagens simbólicas.

Já foi dito que as imagens se constituem pelo conhecimento prévio que se tem das coisas. A cultura institui a identidade social coletiva, as imagens são decorrentes da experiência individual, mas é imbricada de magia, crença e manifestação do imaginário coletivo. Nesse sentido o homem amazônico, no seu espaço de representação imaginária, acredita que a natureza está impregnada de entidades sobrenaturais.

Nos dizeres de Loureiro (2001, p. 98) a natureza está

Guardada pelo currupira, entidade sobrenatural que aparece na forma de um menino de pés voltados para trás; o inhambu, pássaro de longo e penetrante assovio, revoa anunciando a má sorte para quem anda por perto; Poromina-minare, índio que migra para a cidade nas asas de um pássaro grande e que entre outras peripécias, exhibe seu falus descomunal; as Anhangás – almas de demônios – que habitam as águas e a selva, infernizam a vida das pobres criaturas que caem sob sua maldição; o jurupari, que é o próprio demônio, assombra os que atravessam em suas jornadas malignas; a Boiúna ou cobra-grande é um animal mítico que se transforma em navio iluminado, possui poderes sobrenaturais, surpreende e espanta os navegantes em noites escuras ou tormentosas; o Boto, que é na verdade um belo rapaz, encantado no animal e que representa a sedução, o poder mágico da sexualidade; a Uiara, mulher cuja beleza se revela á flor das águas, atraindo os moços com seu encantamento, fazendo-os mergulhar no rio em sua busca.

Essas entidades são reconhecidas por todos os moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, pois são instituídas no imaginário coletivo que as legitimas como verdade. Laplatine e Trindade (2003) afirmam que o imaginário é uma realidade, ele existe para a sociedade que o vivencia. A existência dessas entidades imaginárias compreendem realidades da cultura que valorizam o ontológico para o entendimento desse mundo encantado da realidade cotidiana.

Dessa forma, o mundo mitológico amazônico, que é instituído pela criação imaginária, tem sido utilizado para explicar a Amazônia, a relação dos homens com a natureza e com os outros. Para o amazônida, a natureza é parte integrante de si, sua vida está totalmente envolvida pelos elos culturais, manifestados no imaginário individual e coletivo, e pela representação simbólica, criando o modo de ser do homem amazônico.

No cerne da formação da cultura amazônica está a cultura ameríndia miscigenada com a cultura portuguesa e africana. No imaginário amazônico, as histórias apresentam a convivência do homem com os seres que habitam o mundo sobrenatural, o mundo invisível. As histórias são propagadas pela oralidade, guiadas pela memória dos fatos vivenciados na realidade imaginária.

A formação do imaginário amazônico possui forte presença indígena, seu repertório mitológico expressa a compreensão do mundo. Loureiro (2001, 111) reforça que “na vida amazônica a mitologia reaparece como linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas”, onde a experiência individual constitui o todo coletivo, ou seja, o imaginário coletivo, base da expressão cultural da população amazônida.

O imaginário amazônico é constituído historicamente, refletindo os processos de desenvolvimento pelo qual passou a região, sendo relatado primeiramente por viajantes naturalistas que, a partir do pensamento ocidental e pela herança greco-romana, povoaram este lugar de seres mágicos, criando imagens representativas que não condizem com a realidade existente, contribuindo para o pensamento exógeno que se tem da região.

Deste modo, sobre a formação do imaginário amazônico é possível compreender que foi construído pela visão dos cronistas, viajantes e comerciantes que o por aqui passaram e fizeram sua narrativas a partir de conhecimentos estabelecidos fora da realidade existente, forjando uma Amazônia vista de fora para dentro, exógena. Se pensarmos no conceito de imaginário a partir da realidade amazônica, veremos que a criação imaginária buscou representações sociais que dessem conta de explicar e organizar a realidade existente.

O rio Amazonas se constitui como princípio primordial para a instituição de um imaginário povoado de seres sobrenaturais que emergem das águas e que permeiam a vida dos moradores das comunidades ribeirinhas. Ressaltamos que a constituição histórica da formação do imaginário amazônico está pautada pelas crenças e costumes do ancestral ameríndio que se fundiu com os povos que por aqui chegaram e contribuíram para a formação do sistema simbólico social desta região.

### **1.5- O simbolismo e o boto**

[...] lá vinha ele boiando lentamente, boiou debaixo da ponte, ele ficou olhando para a ponte, quando ele viu..., ele se levantou num transforma de homem. Ele pegou o caminho da casa..., passou embaixo da árvore que ele estava. Ele ficou olhando. Quando ele chegou na porta, ela começou a gemer lá pra dentro. Ele entro se serviu dela e saiu de volta. Quando ele passou de volta embaixo da árvore, o marido disse que ele não teve coragem, que era um homem. Que ele viu mesmo um homem subindo. Pra lá ele ficou com ela, pra lá. O curador dizia que ele estava querendo levar ela. Ele ficou quando ele voltou, era um homem mesmo, ele tornou ver, mas ele não teve coragem de arpar. Ele viu ele caindo na água. Ele caiu n'água. Ai quando ele boiou na transforma de um boto, assobiando.

Simone Souza Pimentel, 2017.

O imaginário amazônico é constituído de muitos mitos que povoam as encantarias amazônicas, tal como apresentamos na seção anterior. Entre esses tantos mitos iremos nos ater ao boto, golfinho sedutor, que enamora as moças e as mulheres cujos maridos estão longe. Metamorfoseado de rapaz sedutor, o boto adentra o quarto das mulheres pelas quais se enamorou, deita-se na rede junto dela para seduzi-la e amá-la, podendo engravidar as



mulheres ribeirinhas que estejam menstruadas e olharem para ele muito perto (LOUREIRO, 2001; FRAXE, 2004).

Nas comunidades ribeirinhas amazônicas, a convivência com o sobrenatural faz parte da vida na Amazônia. O sobrenatural toma forma humana e caminha pela comunidade para que possa ser visto. Wagley (1988, p. 217) narra:

Santo Antônio e São Benedito, cujas imagens ocupam o altar-mor da igreja matriz, chegaram mesmo a ser vistos à noite caminhando pelas ruas. O pai do Juca contou-lhe ter avistado os dois santos passeando certa noite sob as mangueiras da rua principal; usavam hábitos de monge e dirigiam-se à igreja, onde os viu entrar. Uma luz acendeu-se no interior e em seguida a igreja voltou às escuras.

Esse episódio de aparição dos santos está relacionado com o sobrenatural, que é um traço comum característico da vida amazônica. O episódio é aceito como reflexo de dois mundos que se entrelaçam no cotidiano: o real e o imaginário. As aparições do boto como um amante incansável das mulheres da várzea amazônica, que é visto saindo das águas na forma de um belo rapaz, se enquadra no imaginário sobrenatural amazônico (LOUREIRO, 2001).

A religiosidade do homem amazônico foi fortemente influenciada pelas ideologias europeias que foram trazidas pelos espanhóis, no século XVI, e principalmente pelos portugueses, a partir do século XVII. No processo de colonização da Amazônia, o colonizador branco trouxe traços da cultura cristã que fora disseminada por onde passavam, fundando missões, aldeamentos e povoados.

O homem amazônico tem o boto como um ser que é respeitado por acreditar que ele é um encantado. Algumas pessoas acreditam que ele seja a encarnação do espírito protetor dos peixes. Loureiro (1999, p. 208) descreve que

O boto é um golfinho, é mamífero cetáceo, da família dos platanistídeos e delfínídeos, marinho e de água doce, que pode alcançar mais dois metros comprimento e diâmetro aproximado de 70 cm. Corresponde na água doce, ao golfinho ou delfim do mar. Das seis espécies conhecidas, três pertencem à bacia amazônica. Destacam-se o Boto-preto e o vermelho. O Boto-preto é tido como o que protege. O Boto vermelho é o Don Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas.

Para os ribeirinhos, o boto é um ser encantado, ele pode se metamorfosear, no momento que se transforma em humano, assumindo a condição humana através de um rapaz bonito, vestido de branco e capaz de exercer um grande poder de sedução. Loureiro (2001)

esclarece que nessa nova e eventual condição, o único sinal identificador que guardam é um buraco no meio da cabeça, por onde respiram com certo ruído.

O encantado, revela Prandi (2011), são os espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência de morrer: diz-se que se encantaram. Essas manifestações de encantamento são próximas das tradições indígenas, no caso, as encantarias amazônicas é a modalidade mais próxima das religiões indígenas.

O imaginário amazônico é formado a partir de grande carga simbólica indígena, pois eram os ameríndios que habitavam a região no período da colonização e povoamento. Os cultos de encantaria possuem o sincretismo muito próximo do catolicismo popular.

Conhecido como Don Juan amazônico, o boto, como nos demonstra Loureiro (2001, p. 208), transita entre o mundo físico e o invisível, ele

É um encantado da metamorfose por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si mesmas, fazendo-as esquecer todas as normas para seguir somente o impulso ardoroso desse ser de puro gozo, de amor sem ontem nem amanhã. Esse ato puro de prazer que em si mesmo se encerra, que é forma e conteúdo de si mesmo e que se estrutura esteticamente como mito.

O poder de sedução é tão grande que as mulheres que são por ele enamoradas perdem a noção de si, ficam totalmente vulneráveis ao ataque do Boto, obedecem somente às suas pulsões sexuais, vivem um êxtase constante de embriaguez amorosa, que não tem hora para acabar. Nos rios da Amazônia os botos são constantemente visto seguindo embarcações, chamando atenção com o barulho de sua respiração cansada de tanto nadar. Seu movimento ao nadar lembra o momento da cópula sexual.

O homem da várzea amazonense adepto do catolicismo, tem um santo de devoção, que ele chama de santo padroeiro. A concepção que o amazônida tem de universo vem do ancestral ameríndio, por isso sua crença está impregnada de ideias e crenças indígena. Essa visão de mundo representa a sedimentação das tradições ibérica e indígena, que se fundiram no processo histórico de colonização e povoamento da região. A fusão dessas duas tradições sofreu influencias do ambiente físico no que diz respeito ao processo de adaptação do homem e as técnicas utilizadas para explorar a região por conta da sociedade que se desenvolvia (GALVÃO, 1976).

Galvão (1976) enriquece o tema ao expor que a organização socioeconômica dos povoados e cidades se modificou sob o impacto de novas técnicas e novas modalidades de

exploração do meio geográfico. Essas mudanças se fizeram refletir nas ideias e instituições religiosas e imprimiu-lhes um caráter regional. A religião de um povo mostra em sua instituição o processo de desenvolvimento e evolução, bem como a influência que sofre em decorrência da natureza histórica e social. A religião amazônica sofre forte influência ameríndia que se revela em crenças e práticas religiosas dessa origem.

Dentre as crenças ameríndias, principalmente as tupi-guarani, destacam-se as crenças nas forças sobrenaturais, como as que se referem ao curupira, a matintaperera e o boto, entre outros seres imaginários que habitam o fundo dos rios e as florestas. Nessa crença, o boto é um ser encantado que possui o poder de transitar entre dois mundos. Para os amazônidas existem dois tipos de encantados, os que habitam o rio e os que habitam as matas. Vou me ater aos que habitam os rios, os chamados bichos do fundo. O boto deve ser totalmente ignorado, pois pode trazer graves consequências para quem mexe com ele, ou o desafia, a pessoa pode atrair para si a malineza do boto (GALVÃO, 1976).

As crenças não católicas do caboco amazonense derivam do ancestral ameríndio, mas sofreram modificações por influência do processo de amalgamação com as crenças de origem ibérica e mesmo africana. Dentro dessas crenças não católicas encontramos as cerimônias de pajelança utilizadas para a cura de doenças que acometem as pessoas pela prática de feitiçarias, essa prática atende a fins individuais.

As cerimônias de pajelança cabocla ocorrem para curar as doenças que são praticadas pelo ataque do boto: mau-olhado, panema e etc. O ataque do boto acontece quando ele se enamora das mulheres. A mulher por ele seduzida passa a ter relações sexuais, e a frequência das visitas noturnas deixa a mulher com o aspecto de doente, pálida, pois no momento do ato sexual, seu sangue é sugado. Se a mulher não for curada poderá morrer, e é neste momento que entra a figura do curador. O curador é praticante da pajelança cabocla e faz o tratamento através de passe e por meio das plantas da floresta.

No contexto das crenças não católicas consideradas pagãs, está a crença nos seres sobrenaturais, como o curupira, a matintaperera, o boto e outras entidades que no imaginário caboclo moram no fundo dos rios e da floresta e que devem ser respeitados. O boto representa uma forte presença ideológica na região. Maués (2006) analisa a temática incorporando os conceitos de pureza/impureza e tabu e chama a atenção para o fato de que as narrativas apresentam um tempo e espaço mítico, portanto de caráter sagrado, pois fazem parte da concepção religiosa de quem faz a narrativa.

Maués trabalha o simbolismo do boto a partir dos seus estudos sobre a reima. A reima são aqueles alimentos que, segundo o imaginário popular, não fazem bem para o corpo

e eram conhecidos na antiguidade como impuros. Nessa concepção, são impuros ou reimosos: o porco, os peixes de pele (e “de lixa” ou “de casco”) (MAUÉS, 2006), entre outros que compõem esse universo mítico de concepções religiosas sobre a reima. Não é nossa intenção adentrar profundamente nesse tema, mas se faz necessário mencionar, pois é a partir da impureza dos animais que Maués trabalha a ambiguidade desses animais do ponto de vista simbólico.

O boto é um animal ambíguo em nossa região: é um mamífero em forma de peixe que vive nas águas amazônicas. Nos dizeres de Maués (2006), o boto constitui um tabu alimentar inconsciente (ninguém ao menos concebe a possibilidade de comer a sua carne), porém, concomitantemente, é tido como símbolo sexual, um objeto de desejo de homens (boto fêmea ou “bota”) e mulheres (o boto macho, transformado em um belo rapaz). Por não ser comido como alimento, é pensado como vigoroso parceiro sexual (outra forma de “comida”). A cópula de uma pessoa com esse animal, segundo relato de pescadores, pode levar a morte pelo orgasmo sexual, caso não tenha quem a afaste do animal.

O imaginário amazônico sobre o boto inclui o lugar de encanto, onde vive os companheiros do fundo, espécie de mundo submerso que abarca todo esse imaginário. Galvão (1976) destaca que uma das concepções que se tem sobre o boto é que ele é um encantado, por isso recebe características humanas. Na Amazônia existem duas espécies de boto conhecidas, o boto grande vermelho, tido como o perigoso, e o pequeno, preto, chamado de tucuxi, o bondoso.

Os botos apresentam hábitos peculiares, seguem canoas, fazem barulho, e o caboco avisa que quando isso acontece o melhor é ignorá-lo, pois o simples fato de observá-lo pode atrair sua malignidade. A malineza do boto provoca doenças em quem tira brincadeira ou bagunça com ele.

Galvão (1976) destaca que o boto tem especial atração pelas mulheres, principalmente aquelas que estão menstruadas, que devem evitar andar em barcos, canoas, e se aproximar de rios. Maués (2006) esclarece que a sedução das mulheres por botos, que dizem ser encantados e são pensados como seres humanos vivos, iguais a todos os outros, está nos poderes sobrenaturais, pela sua condição limiar de encantado.

O “boto encantado” que seduz as mulheres se apresenta como humano e no momento do ato sexual, suga o sangue de suas vítimas, por isso que a continuidade das relações sexuais com o boto vai deixando a mulher doente. Após o ato sexual, o ele se joga no rio e assume sua forma de boto.

Para Maués (2006) o ataque dos encantados a mulher ocorre

por não ter tomado certas precauções necessárias para evitá-lo. O fato é também interpretado como um descuido da parte dos parentes da mesma (marido, irmãos, pais, etc.), que não tiveram o cuidado de vigiá-la.

Podemos observar no texto acima que a mulher provoca o ataque do boto, mesmo de forma inconsciente. Esse pensamento perdura na sociedade contemporânea: se uma mulher for atacada por algum homem, ela é culpada, porque provocou tal ataque, seja pela sua forma de vestir, de falar de se comportar, cabe aos parentes vigiá-la para que coisas ruins não aconteçam a ela.

O ataque do boto às mulheres ribeirinhas ocorre quando elas estão menstruadas, porque não tomaram os devidos cuidados para evitar o ataque. Uma mulher menstruada deve ficar em casa e evitar o rio. Deve evitar o contato com o boto. Isso inclui não olhar para ele, ofendê-lo, admirá-lo, ou simplesmente mexer com ele, porque qualquer manifestação pode trazer más consequências. Se a mulher menstruada precisar se locomover pelo rio por meio de canoa ou barco, deve levar consigo um pedaço de alho, que o cheiro forte espanta o boto.

Uma mulher que seja vítima da sedução do boto, ou ao ataque do boto, é submetida à pajelança caboca, na qual o curador faz várias sessões de cura para afastar o espírito do boto, tais como remédios produzidos a base de ervas de cheiro forte e fedorento. A maioria dos componentes de banhos e defumações tem cheiro desagradável. Acredita-se que há uma relação entre os cheiros. Os remédios com cheiro agradável atraem bons espíritos e de cheiro pouco agradável afastam espíritos de má índole.

Em outros lugares da região amazônica há relatos de relações sexuais entre botos machos, que se metamorfosearam em belos rapazes, com mulheres por eles enamoradas que em consequência desse contato engravidaram “de boto”. O povo da cidade quando ouve essas histórias faz graça da inocência do caboco do interior, sem mencionar que o boto é o pai dos filhos cujo pai não pode se dar a conhecer (MAUÉS, 2006).

O assédio sexual do boto é perigoso e maléfico. A aparição do boto acontece com ele transformado em um belo rapaz que seduz as mulheres, sobre o assunto Galvão (1976, p. 68) discorre que

É frequente sua aparição como um jovem atraente que seduz as mulheres. Algumas vezes quando a mulher é casada, toma a semelhança do marido e a possui sem que a vítima perceba o que esta acontecendo. A continuação das relações faz com que a mulher emagreça e fique “amarela”. A menos que

interrompidas, as consequências são fatais para a vítima. Somente com a continuação das relações é que surge indícios, a mulher começa a emagrecer e ficar amarela.

A mulher que é seduzida pelo boto não oferece resistência, entrega-se amorosamente porque acredita que está se envolvendo com um humano. Mesmo durante a relação, o boto continua rapaz. Podemos estabelecer uma ligação entre as narrativas do boto com contos de origem europeia, da idade média europeia, que devem ter sido trazidas pelos portugueses quando da colonização do Brasil. Trata-se dos íncubos e súcubos, que são entidades demoníacas capazes de manter relações sexuais com seres humanos (MAUÉS, 2006).

Os íncubos e súcubos apresentam uma ligação com o boto, por apresentarem um orifício no alto da cabeça. O boto também possui um orifício que é escondido pelo uso do chapéu, quando está metamorfoseado de homem. O boto - é gente – gente que foi encantada em boto, portanto é gente e não boto (MAUÉS, 2006).

Na lenda do boto, Loureiro (2001) aponta que o interdito dessa história diz respeito à consumação da cópula do animal com o humano. Aqui existem duas situações de relação do boto com o humano: a união do homem com a boto fêmea, e a união do boto-feito-rapaz com a mulher. São uniões diferentes. No caso da relação sexual do homem com a fêmea-do-boto, não acontece à transformação de nenhum dos dois envolvidos. Loureiro (2001, p. 210) esclarece que

A fêmea-do-boto tem o sexo semelhante ao da mulher, o caboclo, segundo relatos orais que testemunham o fato, copularia com ela nas praias à beira do rio, para depois matá-la. Segundo esses relatos correntes no interior do Estado, a preferência do caboclo por essa relação decorreria do fato de que o sexo da fêmea-do-boto ter uma conformação muscular interna que se contrai repetidas vezes durante a cópula, provocando a intensificação do prazer. [...] Essa explicação também pode ter concorrido para o prestígio do sexo da fêmea-do-boto (a “boceta da bota”) como amuleto propiciador de sedução e venturas sexuais. Rica metáfora, pois a parte funciona com a significação do todo.

Os botos são evitados, jamais perseguidos ou arpoados, sua carne não é utilizada como alimento. Quando é encontrado morto em armadilha de pesca, seu corpo é todo aproveitado para uso medicinal e de magia. Os olhos servem de espécie de talismã para despertar o amor, a carne serve para a cura da lepra, o cérebro para despertar o faro de cachorros, e uma infinidade de outros usos (GALVÃO, 1976).

Na relação boto x mulher, há a transfiguração do boto para humano. Essa transfiguração deixa a relação como natural, pois no momento da relação sexual não é o boto que tem reações com a mulher, mas um humano, que depois do ato retoma o corpo de boto e cai na água. Nesse caso, quando o boto engravida alguma mulher pelo olhar, ou quando ela esta menstruada, o mistério reside no não contato físico, na não violação do interdito. No interior da Amazônia, se aparecer um desconhecido, o imaginário se eleva, pois há grande possibilidade de ser um moço encantado (LOUREIRO, 2001).

Na comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Àguia, segundo relatos do seu Lailson (65 anos), morador da comunidade, o ataque do boto ocorreu porque foi posta em duvida a sexualidade do boto

Olhe, eu era novo, rapaz, tava cons dezoito anos, era até a comadre Laura Siqueira. O boto vinha boiando, ela lavando roupa, o boto boiou, ela tinha um ataque de chamar assim: égua do boto fresco, ela chamou pra ele, paresque o boto... se ofendeu, era homem, botou-lhe o ferro nela. Ele emprenhou ela, quando foi no tempo ela, pra ter o neném, ferrava muito na barriga dela aquilo, e, tinha um curador aqui que até morreu... era bom..., fez essa defumação nela, curou, disse que ela estava gestante, mas que não era do marido dela, era do boto tucuxi, ela ia ter..., e ela teve..., eu ainda vi..., ficou lá no vidro de álcool pra mostrar. Tinha um botinho assim desse tamanho, pequeno, tinha rabo, tudo, tudo, tudo.

Nesse relato, seu Lailson expressa sua crença no poder que o boto tem para engravidar uma mulher que desafiou sua virilidade. Dona Laura não estava menstruada, o ataque se deu porque ela duvidou da masculinidade do encantado. No relato fica claro que dona Laura era casada, mas ficou grávida do boto. Chegada a época do nascimento, a criança não nascia, então chamou-se o curador que fez a cura através de reza e defumação, e foi detectado que o que dona Laura esperava não era humano, mas um filho de boto. Entra aqui a pajelança caboca que é desenvolvida por companheiros do fundo, que se incorporam no curador, ajudando-o na cura.

Na Amazônia, as crianças que nascem de mãe solteira ou de casada sem o concurso do marido, sendo reconhecidas e aceitas como filhas-de-boto, quebram um elo da rígida estrutura moral de punição da mulher, que ocorreria em situações equivalentes passadas entre seres humanos e sobrevém o perdão. Ou, pelo menos, a aceitação natural do fato sobrenatural (LOUREIRO, 2001).

Não é visto com bons olhos pela sociedade ribeirinha a moça solteira que engravida e a mulher casada que o marido viaja aparecer da mesma forma grávida. Uma boa justificativa é dizer que a criança é filha do boto, e não haverá questionamentos sobre o fato.

O que fica claro nessas narrativas é que o animal que passa pelo processo de encantamento não é o boto comum, mas um encantado. Nos dizeres de Maués (2006, p. 25, 26),

O boto sedutor não é um boto qualquer, um boto comum, mas um boto “encantado”, isto é, não um mero ser da natureza, como qualquer outro, mas um “bicho do fundo”, uma entidade sobrenatural específica, isto é, mas um ser humano especial, que vem do “encante”, a morada dos encantados ou bichos do fundo, que tem uma presença tão conspícua no mapa cognitivo dessas populações.

Os elementos simbólicos estão arraigados na cultura amazônica. E em todos nós seres humanos, essas criações sociais fazem parte do pensamento mítico da região. Para aqueles que estão fora do contexto em que os fatos aparecem, podem ridicularizar o acontecimento, até dizer que a ciência prova o contrário, que os cromossomos são diferentes, mas Laplatine e Trindade (2003) ressaltam que o imaginário é real. Para nós amazônidas o boto se apresenta com uma carga simbólica de representação da realidade, através de imagens construídas historicamente ao longo do processo de colonização da região. Cada lugar, seja ele simples ou com alto grau de racionalidade, possui seu imaginário, que dirige sua forma de vida. Esse simbolismo do boto amazônico bebe na fonte do imaginário instituído historicamente, que é, como diz Castoriadis (1990), criação imaginária do poder instituinte.

Este capítulo teve como objetivo geral compreender as implicações do conceito de imaginário para o entendimento das narrativas amazônicas. Para dar conta de tal objetivo, percorremos o seguinte caminho: primeiro apresentamos o conceito de imaginário, num segundo momento nos debruçamos sobre a formação do imaginário amazônico e por fim analisamos os simbolismos que envolvem o boto. Sobre esse processo é possível dizer que o simbolismo do boto está presente no imaginário mágico e místico do homem amazônida. É uma representação social que dita normas e regras comportamentais da comunidade onde a pesquisa está sendo realizada, a comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Àguia. Para os comunitários, o boto é um ser encantado que deve ser respeitado porque é perigoso para as pessoas. A malineza do boto adentra o espaço da comunidade através do comportamento da mulher em período menstrual, que pode atrair a malineza do boto. No



tocante às implicações do conceito de imaginário para o entendimento das narrativas amazônicas, podemos compreender que o imaginário amazônico é construído a partir dos relatos dos primeiros viajantes que visitaram a região. As narrativas amazônicas são construções do imaginário ribeirinho que as elabora como representações sociais simbólicas determinando comportamentos, costumes e valores que devem ser seguidos pela sociedade envolvida.

O conceito de imaginário nos permite observar como o pensamento amazônico é resultado do amálgama de conhecimentos elaborados a partir da chegada do colonizador e pelo povoamento da região.

## **Capítulo 2 - AS NARRATIVAS DO BOTO NO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO**

O boto aqui pra nós, aqui ele é sempre uma... agente diz que ele é uma pessoa, porque ele sai, nós já vimos. Uma vez uma irmã minha adoeceu aqui, lá embaixo, adoeceu quase ela morria, ela morava com a mamãe e eu já era casado nessa época. Eu fui pra lá, pra casa da minha mãe com essa minha mulher cuidar dela. Nós cismemo que era boto, porque ela apareceu com febre, foi ficando amarela e pálida.

Oscar Almeida (2016)

Para o levantamento da pesquisa, realizamos uma viagem de recreio para a Comunidade do Sagrado de Jesus da Costa da Águia, distante duas horas e meio da sede do município de Parintins, localizada a margem direita do rio Amazonas, assentada geograficamente em área de várzea.

A localização da comunidade vai além do espaço econômico e geográfico, das relações culturais: possui uma dimensão do imaginário mitológico, simbólico. As populações tradicionais, como os moradores do Sagrado Coração da Costa da Águia, têm intimidade com o ambiente vivido, dominam os ciclos naturais a que estão expostos, como os períodos de descida e subida dos rios, suas estações de escassez e fartura, tanto do rio como da terra. O conhecimento da natureza e as técnicas de caça e pesca pela população ribeirinha amazônica foi herdada dos ameríndios que habitavam a região (GALVÃO, 1976).

Os comunitários dessa comunidade respeitam os mistérios do rio e da floresta, que possibilitam cuidar do lugar onde habitam. Há um cuidado com a natureza em geral. No caso

do rio, o respeito e o cuidado são redobrados, pois o rio carrega consigo dois seres bastante respeitados: a cobra grande e o boto.

A pesquisa foi feita através de entrevista semiestruturada. A chegada ao campo de pesquisa deu-se por conversa informal, preliminar, com os moradores, com intenção de estabelecer laços de confiança. Falou-se com o presidente da comunidade ocasião em que foi esclarecido o objetivo do trabalho e a importância da contribuição dos comunitários.

Passamos três dias na comunidade para fazer as entrevistas, pois em conversa com os entrevistados eles marcaram o melhor momento para a entrevista, sempre após o trabalho do dia. Durante a espera visitamos a comunidade e conversamos informalmente com alguns moradores sobre o assunto da pesquisa. Fomos bem recebidos por todos.

Como metodologia de pesquisa, optamos por trabalhar com a história oral temática. Freitas (2002, p. 17) esclarece que a história oral temática “é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico”. No caso da pesquisa em questão, são as narrativas do boto na Comunidade da Costa da Águia.

O campo de pesquisa está intimamente relacionado com as narrativas contadas pelas pessoas do local onde a pesquisa será desenvolvida. Meihy (1996, p. 25) esclarece que a história oral “se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida”, as pessoas se dispõem a participar e a contar o que sabem ou o que se passou com elas em determinado momento.

Quando nos dispomos a investigar uma determinada problemática, estamos dispostos a buscar as informações que permitirão a compreensão e que darão respostas a problemática em questão. No caso, a nossa é investigar o imaginário amazônico do homem de várzea parintinense através das narrativas imaginárias do boto, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, e como essas narrativas imaginárias influenciam no cotidiano de seus moradores. Cabe ao pesquisador investigar os percursos que lhe ajudarão a percorrer o caminho para ajudar a compreender o objeto.

Quanto aos procedimentos metodológicos da História Oral, que tem como objetivos a investigação da memória, buscamos coletar as narrativas do boto na comunidade do Sagrado Coração da Costa da Águia pelo viés da memória de seus moradores. A escolha da História Oral Temática decorre do fato desse método permitir confrontos a partir de datas, fatos nomes e situações, explicando as opiniões que são formadas, possuindo um caráter social.

As narrativas contadas pelos moradores da Costa da Águia são provenientes da memória, que não pode ser confundida com história. A história oral se preocupa com a conservação da memória, com o registro das narrativas dos sujeitos,

bem como resgatar a participação desses sujeitos que não estão vinculados à chamada história oficial. A história oral é uma metodologia que se utiliza da fala dos sujeitos, a fonte oral (PORTELLI, 1995).

Portelli (1995, p. 26) destaca que “a memória guarda as versões do passado, jamais deixam o ato e a arte de lembrar, jamais deixam de ser profundamente pessoais”. A história oral busca reconstruir a realidade, não como um tabuleiro em que os quadrados parecem iguais, mas como um mosaico ou uma colcha de retalhos onde os pedaços são diferentes, mas produzem um trabalho harmonioso.

A priori, a memória parece ser fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, porém pesquisadores da História Oral apontam que a memória se constitui por pessoas, personagens e lugares que serão acessados à medida que seja necessário recorrer a eles para que um fato, um lugar, um momento possa surgir na memória (POLLAK, 1992).

Desta forma a memória se enquadra na pesquisa das narrativas, porque as narrativas do boto que serão coletadas estão na memória imaginária dos colaboradores que se dispõem a participar da pesquisa. A pesquisa que usa a metodologia da História oral requer do entrevistador diretrizes éticas na manipulação e no trato com as informações. Portelli (1997, p. 15) destaca a importância da ética no trato com a história oral e seu

Compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos: compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são”, equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como as coisas podem ser”.

Quem se determina a usar a história oral como metodologia deve conhecer os procedimentos éticos que cercam esse tipo de metodologia, aprendendo a valorizar seus colaboradores e respeitando suas vivências. O colaborador é muito importante para a pesquisa, deve ser respeitado, porque ele conta o que sabe. E o pesquisador deve ter uma mente aberta, não julgar, mas observar as variáveis que compõem o fato contado e verificar como o que foi contado pode ser interpretado.

Na Amazônia, a oralidade é muito forte, pois as sociedades tradicionais ou ribeirinhas transmitem seus padrões culturais por essa modalidade. As orientações são dadas pelos mitos e lendas que orientam o comportamento dos filhos e da comunidade como um todo. Sobressaem-se no mundo mítico amazônico as lendas do boto e da cobra grande. Esses dois seres lendários e mitológicos estão relacionados com as águas, pois o homem amazônico

passa grande parte de seu dia em contato direto e indireto com esse elemento da natureza, pescando, tomando banho ou simplesmente contemplando as águas que correm em frente a sua residência.

A pesquisa em questão está voltada para as narrativas do boto que ocorrem na comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, uma região de várzea, no baixo Amazonas, onde a concepção mitológica dos moradores é fortemente marcada pelo contato com a natureza. Os comunitários que moram nessa comunidade da beira do Amazonas contam narrativas de contato do boto com mulheres e homens, sendo o boto macho (boto) para as pessoas do sexo feminino e o boto fêmea (bota) para as pessoas do sexo masculino. O contato desses seres sobrenaturais com os humanos provoca uma espécie de doença, que é conhecida como ataque do boto. Esse ataque só pode ser quebrado com a ajuda de benzições e remédios que são preparados pelo curador, nos quais são utilizadas folhas de cheiro forte (vindica, mucuracaá, etc), tabaco, alho, folha de pimenta, entre outros.

Esses remédios quando queimados produzem uma fumaça de cheiro bastante forte que afugenta o boto. A fumaça desses remédios potencializam seus resultados, se orientados pelo curador. O curador é um profundo conhecedor das plantas e seus benefícios de cura. O curador, segundo Galvão (1976, p. 146) tem o mesmo significado de pajé, visto que “é um indivíduo dotado de poderes sobrenaturais, capaz de controlar os ‘companheiros do fundo’ e utilizar seu poder para cura de doenças espirituais e físicas”.

O curador é forjado pelos companheiros do fundo, pois os mesmos atuam como seus familiares. Nas narrativas coletadas, o curador aparece para sanar a doença que os companheiros do fundo<sup>4</sup> – botos – causam nas pessoas que ele ataca, como no caso da narrativa que conta o ataque de boto sofrido por Helena, que foi perseguida pelo boto durante quase um ano. Essa senhora fez várias visitas a um curador de nome Pinto<sup>5</sup>, que morava na comunidade do Aduacá. Era para a comunidade do Aduacá que as pessoas que se sentiam doentes iam em busca dos remédios que restabelecessem sua saúde. Como bem relata o colaborador senhor Francisco Batalha, “A Helena, ela ficou na casa dela, levaram ela lá pro finado Pinto, ele curava aquilo (benzia, ensinava banhos e defumações) e eles vinham pra

---

<sup>4</sup> Em Galvão (1976, p. 146) podemos encontrar a definição de companheiros do fundo, que são entidades sobrenaturais que habitam o fundo dos rios e igarapés. Algumas vezes identificados como ‘botos’. Funcionam como espíritos familiares do pajé. São descritos á semelhança de seres humanos e o seu ‘reino’, uma cidade onde tudo reluz como se coberto de ouro.

<sup>5</sup> Nome de um curador já falecido que era muito conhecido e requisitado pelas pessoas, morava na Comunidade do Aduacá. Quando alguém precisava de seus serviços fretavam barco para levar o doente até ele.

casa”. O curador não ficava com o doente, ele consultava, passava os remédios necessários e a pessoa voltava para casa e seguia suas orientações.

Na comunidade da Costa da Águia, o curador tem um papel fundamental para restabelecer a saúde da pessoa e o equilíbrio da comunidade, sua reza e benção protegem do mal a todos. Na pesquisa não detectei nenhum curador que morasse na comunidade, mas seus moradores sempre sabem onde encontrar um. Quando é necessário, eles vão buscá-lo ou levam a pessoa até ele.

Os poderes que o curador possui são procedentes dos caruanas, guias ou cavalheiros possibilitam também que ele veja o que acontece com a pessoa pela benção de algum objeto de uso pessoal, como camisa, blusa, calça etc. Através da vidência, ele identifica o motivo pelo qual a pessoa está doente, fazendo assim a prescrição dos remédios. Mas há casos que necessitam da presença do doente pela gravidade que a doença apresenta.

As narrativas se constroem no imaginário amazônico pela crença do homem desta região em seres mitológicos e lendários que nascem da sensibilidade e criatividade do caboco que manifesta seu entendimento de mundo por meio sobrenaturais que o localizam na imensidão da região em que habita.

## **2.1 - As narrativas do boto na Comunidade.**

È no universo de terra e água que os moradores da comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia constroem sua morada, na beira do rio, e nesse sistema desenvolvem uma vida social, econômica e cultural. A comunidade da Costa da Águia possui muitos mitos, lendas, credices, superstições e simpatias que são utilizados e respeitados por seus moradores, que em nenhum momento ousam duvidar do que dizem sobre os seres sobrenaturais que temem.

O universo de vivência do homem de várzea é mítico. Este homem é ao mesmo tempo religioso e teme as punições da natureza por algum ato intencional ou não sobre ela. Tem profundo respeito e temor pelo sobrenatural. Esse temor é herdado do homem primitivo, que através de narrativas procurava explicar o que não compreendia.

O boto não serve como comida do corpo para a população ribeirinha, mas, como nos fala Maués (1995), ele é comida sexual, objeto de desejo de homens e mulheres que desejam de maneira inconsciente ter uma experiência com esse ser sobrenatural. O boto não alimenta o homem como comida do corpo, mas seu simbolismo vai além dos prazeres sexuais que ele pode possibilitar, pois quando um boto é morto quase tudo do seu corpo é aproveitado, sua

gordura é usada para cura da lepra, seus órgãos genitais quando tratados (benzidos pelo curador) são utilizados como atrativos para a pessoa conseguir o amor que tanto se procura, até aquele amor considerado impossível.

Os olhos do boto também vira uma poderosa cagila<sup>6</sup>, a pessoa que usa esse recurso não passa despercebida pelos lugares onde passa. Em qualquer lugar que chegue os olhos se voltam para ela, pois carrega em seu bolso o olho do boto como amuleto para atrair as pessoas. Tudo tem conotação de atração amorosa. Dona Adailza nos mostrou os órgãos genitais de um boto e de uma bota que ela tem guardados a sete chaves. Dona Adailza garante que o produto é eficaz e que basta que se rale um pouco para usar no perfume, ou usar para o asseio e assim fazer as conquistas amorosas, até aquelas julgadas impossíveis.

Os moradores mais velhos e os mais jovens da comunidade exprimem uma profunda relação de respeito com os seres do rio, como o boto e a cobra grande. Levam muito a sério os ensinamentos deixados por seus antepassados. As narrativas são importante manancial para recuperação dos aspectos das vivências da Comunidade da Costa da Águia e busca das representações que estão inseridas nas histórias contadas por seus moradores.

## **2.2 – As malinças do boto**

Malinar, na linguagem do caboco, refere-se às doenças produzidas pelo contato direto ou indireto por seres encantados, visíveis e invisíveis e que afetam fisicamente uma pessoa. Aplica-se este termo para justificar a doença produzida nos seres humano provocadas por ataque de bicho, em especial o boto. A pessoa afetada apresenta sinais que são interpretados pela comunidade como ataque de boto, pois quem é atingido fica amarelo, pálido, perde a vontade de trabalhar, não sai de casa e vive dormindo. Esse tipo de doença física os médicos não curam, somente o curador tem o poder de afastar o mal, com suas sessões de cura feita com ervas, banhos e defumações.

Nesta seção, apresentaremos os relatos sobre o boto coletados entre os moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Para a apresentação das narrativas foram utilizados nomes reais dos moradores que aceitaram colaborar com a pesquisa.

---

<sup>6</sup> Benção feita pelo curador para tornar os órgãos genitais do boto macho e boto fêmea, bem como o olho para fins de atrair uma pessoa pela força sobrenatural do boto. A cagila é muito utilizada por homens e mulheres que chegam a pagar até R\$ 500,00 (quinhentos reais) por um órgão do boto.

As narrativas do boto na comunidade da Costa da Águia estão intrinsicamente relacionadas com o comportamento da mulher em seu período menstrual. Esse fator biológico da mulher desperta no boto especial atração. Salvo as exceções, o ataque ou batida do boto acontece quando ocorre ofensa ao animal, ou a pessoa é pega no rastro de alguma mulher que está no período menstrual e não obedeceu ao interdito, então ele se vinga e ataca homens e mulheres.

Para os moradores da Costa da Águia, alguns horários devem ser respeitados. São as chamadas horas sagradas, nas quais ninguém deve se dirigir ao rio ou caminhar sozinho pela comunidade. A desobediência leva a uma punição que é aplicada pela própria natureza, através do ataque do boto. As horas que devem ser respeitadas por todos são: seis horas da manhã, meio dia e seis horas da tarde. Se for necessário alguém ir à beira do rio nesses horários, deve sempre ir acompanhado.

### **2.2.1 – Maria José Bentes Pereira**

Na comunidade, dona Maria José Bentes Pereira (61 anos) nos contou que, quando era jovem, teve uma experiência com uma visagem que ela acredita que era o boto, pois ela não conheceu a pessoa que passava. Na comunidade todos se conhecem bem, e quando à noite se aproximam da casa do outro, falam em voz alta para ser reconhecido pelo dono da casa, fato que não aconteceu com o homem que ela conta que viu.

Dona Maria relata que viu um homem que lhe causou bastante medo. Ela ressalta que o homem tinha olhos de fogo que saltavam quando ele se abaixava, causando medo nela e nos outros que acompanhavam o acontecimento. Quando dona Maria viu o homem passar, correu atrás dele, por isso viu o fogo nos olhos dele. Ela lembra que ele passou por baixo de uma cerca e caiu n'água, fato que a leva a acreditar que era o boto, pois em seguida um boto boiou no meio do rio, fazendo barulho.

Dona Maria relaciona esse episódio com ciclo menstrual da mulher. Ela fala que

*Agora, essas mulheres de agora, elas facilitam né, elas não acreditam, elas dizem que isso é uma... Que não é verdade, que isso não é doença e, e aí... O que a gente pode fazer? Nada, por causa que elas que estão doente falam isso né. Sei por que eu tinha uma filha, que ela sempre, ela me dizia, sempre ralhava com ela... Mas ela levava tudo como se não fosse verdade, só que eu não deixava ela ir pra beira. Ela só ia pra beira quando ela ficava boa (Maria José Bentes Pereira, 2016).*

Para essa senhora, hoje as mulheres mais novas da comunidade não dão mais atenção às orientações sobre o cuidado com a menstruação que ela chama de “doência”. Os mais antigos consideravam a menstruação como uma doença, porque impossibilitava a mulher de executar seus afazeres domésticos. Ela tem uma filha que não acredita (finge não acreditar) que o boto possa praticar maldade com ela. Mesmo diante da descrença da filha, vale a ordem de não sair de casa, de permanecer sem sair de casa durante o tempo que dure a regra.

Dona Maria acredita que o boto pode tomar a forma humana e assim transitar entre aqueles que habitam a comunidade como se fosse um de seus integrantes. Na narrativa que contou, acredita que fosse o boto, porque os olhos dele pareciam expelir fogo. Isso o diferencia dos moradores. Outra coisa que chama a atenção é o homem ter caído na água e ter boiado lá fora, como boto. Esses dois motivos dão a ela a certeza que o que ela viu não era humano, e sim mais um boto que estava transformado em homem.

Só que eu vi foi um homem quando eu era nova né, ai nós tava lá fora, a gente viu um, um homem passar para baixo... lá em casa tinha uma cerca, lá, ele abaixou por cima, de noite, ele passou por baixo, quando ele se abaixou aí, saiu uns fogo do olho dele né. Ai nós não quisemos mais ir atrás, fiquemos com medo dele, ai ele dobrou assim, lá pro lado de baixo, por baixo de uma rama, pra lá ele sumiu, ele caiu e boiou lá fora, por isso que a gente diz que é boto né (Maria José Bentes Pereira, 2016).

Para dona Maria o boto existe, mas só “malina” ou “bate” (faz adoecer) se for incomodado, ou desrespeitado. Ela lamenta que as mulheres de agora, as mais novas, não acreditem mais nessas histórias. Ela trata o período menstrual como doença e gostaria muito que a filha acreditasse que o boto é capaz de “malinar” das pessoas.

Na comunidade da Costa da Águia, a menstruação é um tabu, ela é tida por todos como doença. No imaginário de dona Maria, a narrativa do boto faz a representação social coletiva da comunidade, é em torno dessas histórias que a comunidade se mantém unida, dotada de força de integração coercitiva. O mundo toma sentido por meio dessas representações, que dão significado à realidade. Sobre a representação, Pesavento (2012, p. 41) diz que “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de reproduzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regime de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade”.



Na coerção<sup>7</sup>, dona Maria não deixa a filha ir à beira do rio para tomar banho ou pegar água, ela só é liberada quando o período menstrual acaba. Na escola, os professores reforçam a ideia de que menstruação não é doença e que elas devem ir à escola nesse período, gerando um desconforto para as meninas, pois na comunidade não se fala de menstruação, porque este assunto não pode ser mencionado.

### 2.2.2- Lailson Lopes Pereira

O esposo de dona Maria José, senhor Lailson Lopes Pereira (65 anos) nos contou uma estória do boto que ele presenciou quando ainda era rapaz novo, quando tinha dezoito anos. Ele nos conta uma estória de “malineza” de boto que aconteceu porque a pessoa ofendeu o boto, duvidando da sexualidade do animal. A mulher que foi “malinada” foi uma comadre dele que gostava de lavar roupa dentro d’água com água na altura da cintura.

Na narrativa de senhor Lailton, dona Laura foi para beira lavar roupa. Depois de certo tempo que estava lavando roupa, ela ouviu o boto vir boiando. Quando o boto boiou mais próximo, duvidou da virilidade do animal, dizendo que ele parecia homossexual. Essas palavras de desrespeito, segundo o senhor Lailson, ofendeu o boto.

Dona Laura ficou grávida e na gestação pensava que fosse uma criança, o que só foi negado quando começou o trabalho de parto. Como o bebê não nascia, o marido de dona Laura foi buscar um curador para ajudar no parto. Quando chegou a casa, o curador benzeu, puxou a barriga, rezou e informou que ela estava prenha de boto, que era um botinho que ela tinha na barriga, mas que ela ia parir. Ela pariu um botinho.

Essa narrativa é muito interessante, pois o ataque ocorre porque houve uma ofensa ao boto. Entre as crenças da população está a potestade desse ser lendário amazônico em engravidar as mulheres com as quais copula. A gestação em questão se deu pelo interdito da palavra. O desrespeito com o sobrenatural (o boto) que transitava no rio em frente à sua casa lhe causou um infortúnio.

Ele diz que a mulher da estória é sua comadre, que ainda é viva e mora na cidade. O boto a emprenhou, levando a referida senhora a parir um filho de boto, que segundo o narrador o mesmo ainda chegou a ver, o botinho, “(...) *eu ainda vi..., ficou lá no vidro de álcool pra mostrar. Tinha um botinho assim desse tamanho, pequeno, tinha rabo, tudo, tudo, tudo*” (Lailson Lopes Pereira 2016). Nos dizeres desse colaborador o boto se transformou em

---

<sup>7</sup> Ato reprimir

homem para emprenhar a mulher que duvidou e banalizou sua virilidade, ele acredita no poder desse ser sobrenatural.

Chegado o momento do nascimento, as dores eram fortes e a criança não nascia, procura-se ajuda mais próxima, no caso o curador. Nas comunidades do interior amazônico, existe a presença do curador. O pajé (curador) é uma pessoa que domina os espíritos dos caruanas<sup>8</sup>, que detém o conhecimento das ervas para curar os doentes. Senhor Lailton conta que o curador foi chamado para verificar o que acontecia com dona Laura,

*Quando foi no tempo ela, pra ter o neném, ela, ferrava muito na barriga dela aquilo, e, tinha um curador aqui que até morreu... era bom..., fez essa defumação nela, curou, ela disse que ela estava gestante, mas que não era do marido dela, era do boto tucuxi, ela ia ter..., e ela teve...*

A respeito do curador (pajé), geralmente na comunidade ele é praticante da religião católica, é devoto fervoroso, participa da festa do santo, acompanha as novenas e não raro ocupa posição de destaque nas irmandades religiosas. Porém não mistura o ritual católico com seus processos de cura (GALVÃO, 1976). Esse curador procurado pelo marido de dona Laura era considerado “bom” pelos moradores, ou seja, dominava os espíritos e seus remédios faziam efeito, levando a pessoa a atingir a cura.

### 2.2.3 - Oscar Almeida

Outro morador da comunidade que aceitou participar da pesquisa foi seu Oscar Almeida, 52 anos. Senhor Oscar contou um fato de ataque do boto que aconteceu na sua família, com uma de suas irmãs. Oscar Almeida contou que sua irmã adoeceu. Ele e a mulher tiveram que se mudar para casa da mãe dele para ajudar a cuidar da irmã. Conta que desconfiou que a irmã estivesse sofrendo ataque do boto, porque ela tinha febre e foi ficando amarela e pálida.

Durante o dia ela não levantava para fazer nada e a noite começava a gemer. Para confirmar suas suspeitas, ele e o irmão foram atrás de um curador que morava na agrovila do Caburi. Após ser informado do que estava acontecendo com a irmã do senhor Oscar, o curador falou que era um boto que estava se viciando com ela, que o boto era aleijado, e se ele e o irmão quisessem matar o boto, deveriam esperar às seis horas da tarde na beira do rio.

---

<sup>8</sup> Também conhecidos como guias ou cavalheiros, companheiros do fundo. (Maués, 1991, p. 190)

Depois de tudo preparado: arpão, espingarda e linha, montaram a tocaia. No caminho entre a casa da mãe do senhor Oscar e o rio existia uma plantação de bananeira de um lado e de outro do caminho. Cada irmão se colocou de um lado e ficaram à espera do boto que, segundo o curador, iria subir em direção a casa. Aconteceu que o senhor Oscar conversou com outra pessoa além do curador. A pessoa entendia de espíritos e pediu que ele não matasse o boto, porque ele era gente.

O senhor Oscar fez a tocaia com o irmão, mas não matou o boto, porque ele ficou na dúvida. “E se fosse gente?” Eles não mataram, mas tudo o que o curador disse que haveria de acontecer aconteceu. O curador falou para eles que o boto iria passar baixando, na volta e que ele iria subir. O boto veio boiando, boiando, parou do lado da ponte. Ele não subiu, mas o senhor Oscar garante que ele iria subir, mas ele pressentiu a tocaia. O senhor Oscar relata: *“eu e a mulher sentimo muito a doença da minha irmã, tivemo que deixar tudo para ajudar no tratamento. Minha irmã foi curada depois de muitas idas ao curador, teve que sair da Águia e se submeter ao tratamento”* (Oscar Almeida, 2016).

Nesta narrativa contada pelo senhor Oscar, observamos que existe uma dúvida quanto a dizer se o boto é humano ou não. No caso prevaleceu a humanidade dele, pois eles não o mataram porque ficaram com medo de estar matando um humano. Para o senhor Oscar o boto existe e se transforma em gente, deve ser respeitado:

*Ele existe, ele existe porque, olha, esse Ivo é o boto que mais anda ai. Ele é assim, ele não é do mal, ele é o vermelho. Ele é o seguinte, ele não é do mal, agora ele é o seguinte, ele não gosta que brinque com ele. Por exemplo, a mulher, o que mais onde ele luta quando mulher, porque sempre a mulher quando ela ta no tempo dela, que ela não pode tá né? Ai ela começa abusar, onde ele não gosta, ele não gosta mesmo!* (Oscar Almeida, 2016).

Ivo, segundo o senhor Oscar, foi encantado aos quarenta dias, não é um boto mal, só reage quando é desrespeitado, principalmente se o desrespeito se der por alguma mulher menstruada. Com relação à menstruação, o senhor Oscar deixa claro na narrativa que a mulher não deve sair de casa quando está, segundo ele, *“no tempo dela (menstruada), isso é considerado um abuso, o boto não gosta”* (Oscar Almeida, 2016).

Para o senhor Oscar, a mulher provoca o ataque do boto quando não faz o “resgarde” da menstruação. Algumas mulheres não querem aceitar essas normas que são

repassadas na comunidade, começam a abusar (desrespeitar), e uma forma de desrespeito é ficar circulando na comunidade menstruada.

Para o senhor Oscar Almeida o boto é humano, ele acredita que o boto sai do rio e “sobe” na comunidade transformado em homem, aliás transformado em um belo rapaz, bonito e sedutor. O universo mítico dos botos, visagens, entre outros é um universo de mediação entre o real e o irreal, é essa mediação que permite ao imaginário intuir novos significados aos seres e as coisas, é marcado pelos valores da ação de cada um, evitando as punições e valorizando o compromisso de respeito aos seres sobrenaturais que permeiam a vida social da comunidade.

#### 2.2.4 - Francisco Batalha

Outra narrativa é contada pelo colaborador Francisco Batalha, 73anos, narra um ataque de boto, muito conhecido por todos na comunidade, pois a mulher envolvida na situação ficou muito doente e quase morreu. O fato ocorreu por conta da mulher em questão não obedecer às normas de “resgarde”<sup>9</sup> do período menstrual. Ele nos conta que tinha uma parenta<sup>10</sup> que sofreu com o ataque do boto. O senhor Francisco relata: *“Ela contou para minha mulher que ela vivia perseguida dum homem. Esse homem a deixava tudo lisa, e não deixava dormir, vinha um dia sim, um dia não. Quando ele chegava deitava na rede e ela ficava dormente”*. (Francisco Batalha, 2017).

O senhor Francisco relata que, ao observar a situação da doente, os sintomas pareciam ataque do boto. Ele nos diz que contou para outro parente que o boto estava viciado na mulher, e eles resolveram matar o boto. Senhor Francisco pediu que sua esposa fosse conversar com a “parenta” para obter informações sobre as visitas.

Os dois homens munidos de linha e arpão foram esperar o boto no porto da casa da mulher. Ele relata que esperaram por um bom tempo, movidos por batida de jenipapo e cachaça. Depois de um longo período de espera, quando já estavam quase desistindo, ouviram o barulho do boto que vinha boiando. Ele conta que o boto veio lentamente e parou debaixo da ponte. Eles esperaram que o boto subisse o porto, mas o silêncio fez com que eles pensassem que não era o boto. Então, o amigo do senhor Francisco resolveu fazer um cigarro, ao riscar o fósforo, o peixe que estava embaixo da ponte “bateu” e saiu na direção

---

<sup>9</sup> Termo usado pelo colaborador, que significa guardar o devido tempo.

<sup>10</sup> Expressão usada pelo Senhor Francisco batalha, que quer dizer o mesmo que parente para o sexo feminino.

contrariado. O boto estava embaixo da ponte. O senhor Francisco relata que com essa senhora o boto passou quase um ano.

A narrativa apresenta um fato conhecido da comunidade, os mais velhos ressaltam a sedução do boto com essa comunitária e como se desenvolveu o ataque do encantado. Quando o boto se personifica em homem, ele está em um momento de fantasia, costuma seguir as embarcações de perto, nada muito e, cansado, vem à superfície para respirar, é atraído pelo barulho e iluminação dos barcos, seu nado se aproxima dos movimentos do ato sexual humano (LOUREIRO,1939).

Personificado, o boto apresenta-se muito bem vestido. Depois que escolhe e conquista a moça, não tem mais como a mesma escapar, adentra o quarto, deita na rede com a mulher que seduziu e escolheu para amar. O boto tem o poder de engravidar as mulheres que estão menstruadas ou “doentes”, tal como é dito no linguajar caboco.

No ataque em questão, a comunitária ficou totalmente vulnerável ao boto, pois há relatos da desobediência e o cuidado no período menstrual, quando o interdito da mulher em locais inapropriados é visto como um “abuso” ao ente sobrenatural. Não se sabe ao certo o que motivou o ataque do boto dessa narrativa, o que se sabe é que se olhar de perto, seja da beira do barco, seja da beira do rio, pode ser encarada como uma atitude ofensiva inconsciente ao encantado, porque se acredita que existe uma punição para aquele que ofende a natureza mesmo sem intenção.

### **2.2.5 - Simone Souza Pimentel**

Outra estória coletada na pesquisa nos foi contada por Simone Souza Pimentel, 35 anos. Ela nos contou uma estória que ouviu de seu pai. O fato se deu com a madrinha da colaboradora. O pai contava que de uma hora para outra a mulher adoeceu, ficou muito doente, doente mesmo. Não comia nada, foi ficando pálida. Durante o dia, vivia dormindo, não levantava por nada. A doença já se desenvolvia por uma semana. O marido dela foi buscar o curador. O curador era o pai da doente. Conta dona Simone que ele (o curador) sabia rezar e benzer as coisas e as pessoas. O nome do pai dela era Benedito. O senhor Benedito rezou, benzeu e depois disse que era ataque do boto. Ela já estava muito doente, toda noite ele (o boto), vinha fazer as visitas pra ela.

O curador aconselhou o marido a matar o boto, senão ele perderia a mulher. Pediu para o marido fazer tocaia para esperar o boto. O marido seguiu as orientações do curador. Subiu na árvore que ficava no caminho do porto, levou um arpão e esperou. Segundo seu

Benedito, ele ia passar por lá. Quando ele passar, vem transformado em homem. O marido dela fez o que o curador disse. À noite o marido subiu na árvore e ficou esperando. O boto veio boiando lentamente, boiou debaixo da ponte. Quando ele viu, subiu na ponte e se transformou em homem. Ele pegou o caminho da casa, passou embaixo da árvore que ele estava, ele ficou olhando.

Quando ele chegou à porta, ela começou a gemer. O boto entrou na casa, manteve relações sexuais com a mulher e já ia de volta para o rio. Quando ele passou embaixo da árvore, ele não teve coragem de matar o boto, porque era um homem. Ele viu um homem subindo, caiu na água e boiou transformado em boto, assobiando. Segundo o curador o boto estava querendo levá-la para o encanto. Ela sentia vontade de ir embora para água, ficava lisa, queria o caminho da beira do rio. Era preciso vários homens para segurá-la, era assim que ela ficava. O marido dela disse que era o boto, porque ele viu o viu caindo na água, depois boiando e assobiando.

A madrinha da colaboradora ficou curada, o curador fez os banhos e as defumações que a ajudaram a se livrar da malínea do boto. Quando o boto malina, só deixa o curador fazer o trabalho para afastar o encantado. A colaboradora diz que na Águia tem muito boto, que onde caiu a terra se tornou um lugar de encanto. Muitas pessoas dizem ter visto um ser que se transforma em homem e fica nadando no meio do rio. Quando volta para ajudar ele desaparece. Ela afirma que é boto com toda certeza. Conta que quando adocece (menstrua) não vai à beira, nem sai de casa. São os filhos e o marido que carregam água para ela tomar banho, fazer comida e lavar roupa. A casa da família é bem distante da margem do rio, porque eles têm medo que o boto venha querer malinar de alguém da família.

Nesta narrativa o ataque do boto se deu com a madrinha da colaboradora, que sofreu o ataque do boto. Além de ele copular com a mulher, tinha a intenção de levá-la para a cidade encantada, já que ela queria correr para o rio. Enquanto o curador não vinha e nem tinha remédio, ela ficava amarrada para evitar que se jogasse na água e fosse morar no mundo dos encantados. Segundo Maués (1995, p. 19),

Os encantados são seres perigosos e podem levá-las para suas moradas, no encanto. Por isso é necessário cautela com eles, não só pedindo a proteção divina contra os males que podem provocar, como adotando atitudes respeitadas no momento em que se passa pelos locais que onde costumam manifestar-se (o mangal, os rios e os igarapés).

A intenção dos encantados é levar a pessoa que sofre ataque, mudando a forma de ataque de uma pessoa para outra. Em alguns casos ele se enamora da mulher, vem sempre à noite, mas a mulher não sofre a vontade incontrolável de ir para o rio. Em outros casos, como o da narrativa em questão, o ataque parece mais violento, maltratando ainda mais a pessoa e sua família, pois dia e noite a pessoa está sendo atacada. Como já foi dito, o boto (encantado) é perigoso, ele causa várias doenças, dependendo da categoria da entidade que está em epifania. Mas as doenças mais comuns que são provocadas pelo boto são o mau-olhado, flechada do bicho e ataque do boto.

Esse pensamento de que o boto é humano e muito presente na comunidade. Os moradores acreditam nos poderes do boto de ir e vir entre um mundo e outro, o fluxo entre o mundo real e o imaginário é constante, por esse motivo todos são orientados a não desrespeitá-lo.

Dona Simone conta que quando adoecer (menstrua) não vai à beira, “nem saio de casa, são meus filhos e meu marido que carrega água para mim tomar banho, fazer comida e lavar roupa” (Simone Souza Pimentel, 2017). A casa da família é bem distante da margem do rio porque eles têm medo que o boto venha querer malinar de alguém da família.

Nesta narrativa o ataque do boto se deu com a madrinha da colaboradora, que sofreu o ataque do boto. Além dele copular com a mulher, tinha a intenção de leva-la para a cidade encantada, já que ela queria correr para o rio, enquanto o curador não vinha e nem tinha remédio, ela ficava amarrada para evitar que se jogasse na água e fosse morar no mundo dos encantados. Maués (1995, p. 19), nos coloca que

Os encantados são seres perigosos e podem levá-las para suas moradas, no encante. Por isso é necessário cautela com eles, não só pedindo a proteção divina contra os males que podem provocar, como adotando atitudes respeitadas no momento em que se passa pelos locais que onde costumam manifestar-se (o mangal, os rios e os igarapés).

A intenção dos encantados como já foi mencionado anteriormente é levar a pessoa que sofre ataque, mudando a forma de ataque de uma pessoa para outra. Em alguns casos ele se enamora da mulher, vem sempre à noite, mas a mulher não sofre a vontade incontrolável de ir para o rio. Em outros casos como na narrativa em questão o ataque parece mais violento, maltratando ainda mais a pessoa e sua família, pois dia e noite a pessoa esta sendo atacada. Como já foi dito o boto (encantado) é perigoso, ele causa várias doenças, dependendo da categoria da entidade que está em manifestação, mas as doenças mais comuns que são provocadas pelo boto são o mau-olhado, flechada do bicho e ataque do boto.

A madrinha da colaboradora se enquadra nas doenças das correntes do fundo, pois apresenta possessões descontroladas de caruanas, com força física e emocional descontroladas, porque a vontade desse encantado é levar para o encanto, assim nos falou a entrevistada

Dava nela uns ataques que ela sentia vontade de ir embora pra água, ela ficava lisa, pra ir embora, pra sair da casa, ir no rumo do caminho, pra beira, assim que ela se sentia. Pra ir embora ela ficava lisinha, lisa, lisa pra segurarem ela, pra ir no rumo da beira, era preciso uns cinco homem pra segurar ela, era assim que ela ficava. (Simone Pimentel, 35 anos)

Por algum motivo esses encantados passaram a possuir o corpo e mente da mulher que estava sofrendo o ataque para transformá-la em outro encantado do fundo. A vontade que ela tinha de se jogar na água explica essa ideia, pois no momento do ataque a pessoa esta fora de si, quando volta ao normal não lembra o que aconteceu.

### **2.2.6- Adailza Azevedo Almeida**

Dona Adailza Almeida, 52 anos, nos contou uma estória que ela ouvia seu tio contar. Ele contou a ela que aqui na comunidade que o boto malinou de uma mulher que ele conhecia. De repente a mulher começou a ficar doente. Ela não saía mais de casa para nada, era uma moleza, apresentava febre, dor de cabeça, não tinha fome, não comia, ia ficando pálida, magra e amarela.

Os irmãos resolveram matar o boto. Da beira do rio para a casa tinha uma árvore. Eles se prepararam com arpão e foram de noite esperar o boto. Eles subiram na árvore e ficaram esperando, lá pela meia noite o boto vinha boiando. Vinha contornando, beirando a margem do rio. Quando chegou bem no porto deles, parou bem perto, o boto subiu na ponte e se transformou em um homem. Veio subindo na direção da casa, passou pelos irmãos que estavam em cima da árvore e foi até na casa onde a irmã estava. Quando ele vinha de volta, depois de ter copulado com ela, passando embaixo da rama eles arpuaram o homem.

Ele correu com o arpão na costa dele, esticando a linha na direção da ponte. Chegando a ponte, ele se jogou n'água, voltando a sua forma de boto, e o chapéu que usava se transformou numa arraia. Segundo dona Adailza, o tio dizia que era boto, porque eles mataram. Depois que eles mataram o boto, ela melhorou e não adoeceu mais. Eles também a levaram para o curador que disse que ela tinha ido pra beira doente (menstruada), por isso que ele tinha se viciado com ela. Ela ficou curada.



A colaboradora nos disse que quando está naqueles dias (menstruada) não vai à beira e não sai de casa, porque tem medo do boto. Diz que boia muito boto diante da comunidade. Ela nos contou que é Agente Comunitária de Saúde e que, quando está menstruada, não vai fazer as visitas, porque os caminhos da comunidade são próximos da beira do rio, por esse motivo não vai, tem medo que o boto possa pensar que é abuso, que não gosta de brincar com ele, tem medo, diz ela. Conta também que, quando menstrua, é o marido que carrega água ou liga a bomba para puxar, mas que na beira não vai.

Ressalta que não se pode olhar para o boto, pois ele pode acompanhar as pessoas. O melhor que se tem a fazer é ignorar a presença dele. Não pode falar nada, nem desafiar, senão de noite ele vem perseguir. Ela reclama que a escola não dá crédito para esse cuidado, o professor diz que isso não existe. Quando uma aluna falta à aula porque está menstruada e não pode vir de canoa por causa do boto, ele dizia que isso não existe, é lenda. Dona Adailza diz que as meninas não vêm para a escola no período menstrual. Seu Oscar que faz o transporte escolar não traz. Se trouxer, causa prejuízo ao barco, põe em risco a vida dos outros alunos, por isso ele diz que não transporta mulher menstruada.

Nesta narrativa o boto malinou da moça que de uma hora para outra ficou doente. A doença impossibilitava que ela saísse de casa. Seu quadro era de moleza, febre, dor de cabeça, não tinha fome, ficou pálida, magra e amarela. Os sintomas apresentados pelas pessoas que sofrem de alguma forma com a malineza do boto, como mau-olhado, dor de cabeça constante. A pessoa deve ser levada ao curador (pajé), para que ele possa afastar os efeitos desse encantado. Maués (1995, p. 195) coloca que

Os encantados mais tímidos, porém, quando, surgindo na forma de boto, procuram seduzir as mulheres, ou quando, agradando-se de alguém, desejam levar a pessoa para suas moradas. O boto encantado apresenta-se diante de suas vítimas sob forma humana, seduzindo-as e mantendo relações sexuais com elas. Em seguida, dirige-se ao rio, nele mergulhando e desaparecendo, já sob forma de boto. Durante o ato sexual, age como uma espécie de vampiro, sugando o sangue da mulher.

A fraqueza, a palidez, a febre que a mulher sente após as visitas noturnas do boto, é justificada por essa ideia de que o boto é uma espécie de vampiro que suga o sangue de suas vítimas, tirando-lhe toda a energia, provocando o sentido inverso de viver. A pessoa perde a vontade de viver e pode morrer, caso os parentes não tomem medidas para curar a paciente.

O descrito acima pode ser observado na narrativa de dona Adailza, segundo a qual a moça atacada pelo boto sofreu com os sintomas apresentados por Maués. Para acabarem com o sofrimento da irmã, os irmãos resolveram tomar uma drástica, decidiram tocá-lo à noite para matá-lo no momento em que fosse fugir para o rio. Mesmo matando o boto, a mulher deve ser levada ao curador para passar por algumas sessões de cura para afastamento do encantado e restaurar sua saúde.

Os encantados são temidos porque podem provocar o mal às pessoas e podem se manifestar como bicho, oiaras<sup>11</sup>, anhangás e curupiras, mas que, por mais antagônico que seja, são também benéficos, quando como entidades baixas como caruanas nos trabalhos do curador e seus ensinamentos ajudam a curar os doentes.

### **2.2.7 – Djalma Bentes Batalha**

Seu Djalma Bentes Batalha, de 87 anos, nos contou uma história de uma mulher atacada pelo boto. Segundo a narrativa de seu Djalma, um boto se “*inviciou*” (atacou) com uma mulher, e quase a mata. Toda noite ele ia com ela. Não dava sossego. A mulher começou a ficar amarela, dormia muito de dia, não comia, foi ficando fraca, foi ficando doente, sem força. Na casa dela começaram a desconfiar que era o boto que estava malinando dela. Os familiares ficaram observando. Quando o boto boiava na frente da casa, ela começava a gemer, não deixava ninguém dormir. De noite foram ficar de vigia, escondidos pela sombra de duas árvores de cuieira que ficavam no caminho da casa. Vigiam, vigiam. Já era tarde da noite quando eles ouviram o boto vir boiando. Ele veio e parou na ponte, então levantou um homem, estava vestido de calça e camisa branca. Foi até a casa ficou por lá um tempo, e eles ficaram olhando. Voltou e se jogou na água e boiou no meio do rio como boto.

Eles decidiram matar o boto. Os dois se prepararam com arpão e na noite combinada subiram nas cuieiras do caminho. Um ficou na cuieira que ficava mais na frente e o outro ficou na outra que ficava mais atrás. Ficaram esperando. Quando foi aquelas horas da noite, ele chegou boiando. Parou na ponte. Eles viram o homem se levantar todo de branco e vir subindo na direção da casa. O homem de branco foi até a casa. Ele vinha voltando e eles arpoaram. Ele correu para a ponte e caiu para dentro d’água. Ao chegarem lá não era mais homem, era boto.

---

11

Seu Djalma afirma que o homem contava essa história. Dizia que o boto vira homem, dorme com as mulheres e as deixa doente. Não é só boto que se vicia com mulher, a bota também se vicia com homem. Diz que tem pavor de boto e se encontrar um “*eu mato*”. Fala para a mulher e para as filhas dela que quando não puder (estiver menstruada) ir pra beira, é para dizer. Pede para se guardar, não sair de casa, carregar água nada, nada. Quando estão de parto é a mesma coisa. Se desobedecer, elas que sabem, o boto vai “malinar” delas. .

O senhor Djalma nos contou essa narrativa ressaltando que boto é “malino”, deve ser respeitado. O boto atacou a mulher, deixando-a doente. Pelo estado físico e emocional da pessoa, a família achou logo que era boto. Os encantados são seres que parecem invisíveis aos nossos olhos, são confundidos com espíritos, aparecem transformados em homem, animais. Manifestam sua presença das mais variadas formas. Os encantados do fundo são os mais expressivos para quem mora na Amazônia ribeirinha, pois esses seres moram nos lugares de rios e igarapés onde existem pedras no fundo do rio, lugar chamado de encante.

O ataque do boto à mulher na narrativa contada por seu Djalma demonstra que o boto deixa sua vítima vulnerável ao seu ataque noturno. Como a mulher adoeceu, seus irmãos resolveram matar o boto, preparando a tocaia para pegar o boto. Mataram o boto e livraram a mulher do laço imaginário que a uniu ele. A tocaia é feita para pegar quem está fazendo o mal ao outro. A morte do boto libertou a mulher do espírito que a aprisionava.

As crenças do homem da Costa da Águia são fundadas na religião católica. Assim, quando a mulher entra no período menstrual, ela se torna um ser impuro. A Bíblia no Levítico 15:19 menciona que “Quando uma mulher tiver sua menstruação, ficará impura pelo período de sete dias. Quem tocar nela durante esse tempo será igualmente considerado impuro até o pôr do sol”. Essa impureza atrai para ela e para os outros perigos que são invisíveis e atribuídos aos seres sobrenaturais. Vimos que o boto é um ser encantado que, de forma invisível, permeia a vida dos comunitários e se manifesta ao mesmo na forma de homem e desenvolve todo comportamento do humano enquanto relação afetiva amorosa.

Na narrativa que seu Djalma, a mulher foi bastante perseguida pelo boto e ela só não morreu porque a família interferiu na situação, pois a intenção do encantado é fazer outro encantado, ou seja, a pessoa precisa ser levada para a cidade encantada, coisa que foi impedida quando os irmãos mataram o boto.

### **2.2.8 – Iane Batalha Carvalho**

Outra narrativa coletada na comunidade foi contada pela senhora Iane Batalha Carvalho, 23 anos. Iane contou que essa estória era contada pela avó, que orientava que quando ela e as outras netas ficassem doentes (menstruadas) não era para andar à toa e nem fosse para beira do rio. A avó dizia que mulher que ficava doente (menstruada) não podia ir para beira do rio, que era pra elas respeitarem os botos.

A avó as lembrava de que, se fossem à beira do rio (menstruada), o boto poderia malinar delas. Segundo Iane, a avó lhe contava que veio uma moça que era filha da Costa da Águia, mas que morava em Manaus já tinha algum tempo. Era uma moça jovem, muito bonita, morena e alegre. Tinha aproximadamente vinte e três anos, era muito bonita. A moça não obedecia ao que diziam pra ela sobre o período menstrual.

Os pais pediam para que não andasse sozinha, mas ela gostava de pescar, e sempre ia só, estando menstruada ou não. Ela vivia andando de canoa para cima e para baixo. Ela não acreditava nas estórias que eram contadas sobre o boto e as outras visagens do rio e da floresta. Passaram uns meses e ela apareceu grávida. A família pensou que ela tivesse vindo grávida de Manaus. A mãe contava que à noite ela gemia muito. Pensavam que era o boto que tinha malinado dela.

Na hora do parto ela não pode ter a criança. Chamaram à parteira, que tudo fez para ajudar, mas a criança não nasceu. A parteira contava que quando dava as contrações para a criança nascer, saía algo parecido com bico, muito parecido com o do boto. Ela não resistiu, ao parto e morreu. A avó dizia que queriam cortar a barriga dela para ver se era realmente uma criança ou boto. Fizeram o enterro. Após três dias os familiares foram ver a sepultura. Chegando lá viram muitas pegadas e dentro do tumulo não tinha mais nada, havia só o buraco.

Iane conta que a sua avó falava que o boto tinha ido buscar o filho. Tudo aconteceu, segundo a vó, porque ela não obedecia, andava doente (menstruada) por água. Iane é casada, mas diz que quando está menstruada não sai de casa, é o marido que carrega água para ela cozinhar, lava louça e a roupa. Diz também que fica preocupada porque a casa onde mora já está muito perto da beira do rio, devido à queda das terras. A preocupação é grande porque eles estão boiando bem próximo da casa. Conta que a comunidade respeita isso. Diz que *“no período menstrual não fazemos nada, as meninas que estudam nem vem para a escola”* (Iane Batalha Carvalho, 2017).

Essa é uma narrativa muito forte, pois a colaboradora afirma que o boto engravidou uma moça e que nem a mãe e nem o filho sobreviveram. E mais: o boto, segundo a vó contou, ainda foi buscar o filho. Os moradores da comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa

da Águia acreditam que o boto tem poder de engravidar uma humana. Esses episódios são aceitos por todos na comunidade. São dois mundos diferentes que se cruzam e se entrelaçam no dia a dia dos moradores. Assim, as narrativas que envolvem o boto falam da compreensão desse ribeirinho sobre o mundo à sua volta.

O mundo sobrenatural do boto faz uma ponte que liga os valores atribuídos aos domínios da ação, intervenção, regras de evitação e de compromissos assumidos. Nesses episódios, o boto faz a mediação entre a natureza e a cultura que levam em consideração a união dos sexos, as regras sociais que devem ser cumpridas por todos (LOUREIRO, 1995).

A união de seres diferentes é permitida pela natureza das coisas e na violação dos interditos. Loureiro (1939, p. 210) esclarece que

O primeiro interdito que a lenda do Boto transgride diz respeito à consumação da cópula entre humanos e animais. Há também uma profunda diferença quando se trata de união homem X fêmea-do-boto, da união do Boto-feito-rapaz X mulher. No primeiro caso, dá-se a cópula sem que haja a transfiguração.

Podemos observar que existe uma transgressão às leis naturais, pois os humanos devem manter relações sexuais com seres da mesma espécie, ou seja, humanos. A cópula do boto com a mulher e da mulher com o boto representa certo inconsciente de violação ao que está preestabelecido. A relação sexual entre homens e animais causa na ciência séria negação do fato, mas para o senso comum não existe essa diferença de impossibilidade. Em relação à narrativa contada pela colaboradora, a cópula do boto com a mulher gerou uma criança que não conseguiu nascer, levando a óbito mãe e filho.

Outro fato interessante dessa narrativa é que, após o enterro da moça, o tumulo foi violado. Quando a família voltou ao cemitério depois de três dias, a cova estava aberta, havia um buraco e várias pegadas em volta da sepultura, fato que é associado ao boto, pois os parentes da moça afirmam que o boto foi buscar o filho e a mãe, levando-os para o lugar de encanto.

A moça que engravidou do boto era filha da comunidade, mas estava algum tempo fora de lá, incorporou outra visão de mundo, não acreditando mais nas orientações dos pais de que não é permitido desrespeitar os seres sobrenaturais. O desrespeito ou abuso acontece quando a mulher está menstruada e anda livremente na comunidade, vai à beira do rio, anda de canoa, de barco, olha para rio, desafia o boto entre outras coisas. A saída dos moradores

para outros lugares pode provocar uma ruptura com os valores éticos morais e sociais praticados pela comunidade.

### **2.2.9 – Raimundo Nonato Bentes**

O senhor Raimundo Nonato Bentes, 57 anos, mais conhecido como Nonato, contou-nos uma estória de boto que aconteceu com ele. Segundo o que nos contou, ele e um amigo estavam trabalhando num roçado no estirão da Costa da Águia. Uma noite já estavam deitados, era por volta da meia noite, chegou uma mulher morena querendo deitar na rede com ele, só que quando ela sentava ele ficava todo dormente.

Segundo o senhor Nonato, ele estava sonolento. O problema é que ela o deixava adormecido, e ele lutava para não se entregar. Ele gemia, queria gritar e o compadre batia na rede, ele acordava e ela saía. O compadre perguntava o que era e seu Nonato respondia que era uma mulher morena que queria deitar com ele. Foram três noites seguidas que ela foi com ele.

Os dois conversaram entre si e o compadre disse para o senhor Nonato que era boto. O senhor Nonato não queria acreditar que fosse boto, mas o compadre disse que eles iam vigiar para descobrir se era o boto ou não. Assim fizeram. De noite eles subiram no galho de um pau que tinha porto e ficaram esperando. Já era por volta das dez horas da noite, eles escutaram boiar bem na frente deles, bem próximo à ponte. Ficaram calados olhando lá de cima. Eles tinham se preparado para pegar o boto, tinha malhadeira, arpão e dois cascos.

Ela veio boiando muito lentamente, boiou três vezes embaixo da ponte. Esperaram subir, mas ela não subiu, foi boiando, distanciando-se para o meio do rio. Desceram devagar cada um pegou um casco e interceptaram a saída, quando ela fez o contorno para voltar eles arpoaram, colocaram a malhadeira, erraram duas vezes porque era de noite. “*Era boto mesmo, boto, boto mesmo*”, diz o senhor Nonato.

Puxaram o boto para terra para verificar se era macho ou fêmea. Era bota morena mesmo. Ele calculou que ela devia ter uns quinze anos. Deixaram a bota amarrada na beira pelo rabo. Nessa noite os dois dormiram bem, nada mais incomodou. Ele disse que acabou a mulher bonita. Ela ficou amarrada por uma semana, no oitavo dia as piranhas comeram tudo.

O senhor Nonato afirma que acredita que era boto, porque depois que ela morreu, acabou a mulher bonita. Ele diz que ela era muito bonita, uma morena, que queria lhe abraçar e beijar. Vinha só de calcinha, parecia mesmo uma mulher, sem nada, nada, nada. Diz que matou a bota porque se ele chegasse a se envolver com ela seria muito prejudicado.

O senhor Nonato nos fala que os pais pedem às filhas que não andem fora de casa quando estiverem menstruadas, pois o boto pode malinar. Lembra que existem muitos casos de ataque de boto a mulheres da comunidade. Conta que a filha de dona Piedade morreu do ataque do boto, ele a emprenhou. A barriga foi crescendo, tinha certeza que não tinha se envolvido com nenhum homem, foi enfraquecendo, empalidecendo, ficou amarela, doente. A mãe chamou a parteira para fazer uma puxação, mas ela não falou nada que era de boto.

Na época do nascimento a criança não nasceu. Ela morreu, porque não nasceu. A curadeira afirmou que o boto judiou dela. Ele disse que isso aconteceu porque ela não se guardou. A mãe conta que isso aconteceu com a filha dela. Ia para beira menstruada. Lamenta a falta de respeito das mulheres de hoje, não se guardam, viajam para festa e atravessam o Amazonas de barco ou canoa. Diz que na comunidade, o boto se transforma em homem, e malina das pessoas, ele é malvado, especialmente o boto encarnado (vermelho).

A narrativa de seu Nonato nos coloca diante de um fato novo, porque o acontecido não é um relato do que se ouviu falar que aconteceu com alguém. O ocorrido se passou com ele, em carne e osso. É muito difícil um homem relatar um fato desses, principalmente se ele está envolvido. Na Amazônia, os homens costumam pescar o boto-fêmea para copular com ela e depois matá-la. O homem copula com a fêmea-do-boto por conta de sua contração interna, produz uma forte intensificação do prazer, isso é difundido pelos ribeirinhos despertando o desejo pela relação sexual com a bota. (LOUREIRO, 1995).

Das narrativas analisadas até aqui, notamos que, quando o boto faz o ataque, é muito difícil apresentar a comprovação do ato, uma vez que o boto que se transforma em homem é “arpuado”, mas vai embora, cai de volta ao rio. Ao contrário da bota, quando ocorre o acontecimento, o homem consegue matá-la, e não vai ao curador. No caso de seu Nonato, eles mataram a bota. Conversamos com o compadre de seu Nonato, que não quis gravar a entrevista, mas aceitou conversar sobre o fato. Louro é o nome dele. O senhor Louro me falou que a bota que visitava o senhor Nonato visitava ele também, mas ela se apresentava como uma mulher mais velha já madura. E quando visitava o senhor Nonato, ela se apresentava como uma moça de quinze anos.

Na narrativa, há uma união cósmica entre a bota e o humano. Eles mataram a bota. Segundo o senhor Nonato, mataram para evitar o contato, ou seja, o ato sexual. A bota apresenta as mesmas características de sedução do boto. O senhor Nonato e o senhor Louro fizeram armadilha para pegar a bota, pegaram e não mataram logo, deixaram-na amarrada na

beira do rio. Não disseram a finalidade de deixá-la amarrada, o certo é que ela ficou uma semana e foi devorada pelas piranhas.

### 2.2.10 – Thiago Cunha

O senhor Thiago Cunha, pescador, 33 anos, contou-nos um fato ocorrido com ele. O fato aconteceu porque o senhor Thiago Cunha falou que gostaria de arpoar o boto. O senhor Thiago nos contou que foi há uma pescaria. Quando chegou lá, que era bem na beira do Amazonas, tinha um buraco muito limpo. Chegou lá, se preparou legal, mas esqueceu a “*astia*” (arpão).

Os botos estavam boiando no buraco, eram grandes e bonitos. Então ele falou, sem maldade: “*Ah! Boto se eu trouxesse minha “astia” eu ia te dá uma arpuada.*” (Thiago Cunha, 2017). Lembra que, assim que falou, os botos pararam de boiar no buraco. Não sabe como tudo começou. Ele lembra que, quando acordou, os botos bateram no casco dele para alagar. Seu casco não era pequeno, era grande, mas eles queriam alagá-lo, água forte vinda do fundo, o rebojo vinha de todo lado.

Ele ficou tão com medo que perdeu a ação. Quando ele viu que os botos iam alagar a canoa, remou com força para o igapó. Entrou no igapó, estava com muito medo, os botos boiavam embaixo do casco. Segundo Thiago, eles batiam com o rabo na beira do casco. Era ameaçador. Para se livrar dos botos, levou a canoa para próximo de uma árvore, onde subiu e lá ficou por mais ou menos uma hora. Parecia que eles haviam desistido. O senhor Thiago desceu da árvore e foi para a canoa. Quando viu, começou tudo de novo. Criou coragem, pegou o remo e bateu com toda força na cabeça dos botos. O senhor Thiago conta que se ouviu um grito forte e os botos saíram para o Amazonas grande. Afirma que o boto é um animal malvado, vingativo.

Esta narrativa está especificamente relacionada com a malineza do boto quando ele é ofendido de algum modo. O boto vermelho ou rosa (encarnado para o caboco) é colocado nessa narrativa como um ser pensante, que monta estratégias para se vingar de seus agressores. Seu Thiago relata sua atitude diante do boto e o comportamento do boto diante da sua atitude. De alguma forma o boto se sentiu ameaçado pelas palavras do senhor Thiago, que falou que se ele tivesse levado o arpão mataria o boto, pois eles tiravam o óleo para vender. No entendimento desse ribeirão, os botos ouviram o que ele disse e resolveram se vingar dele, alagando o casco, para que ele caísse na água e, quem sabe, até matá-lo.



Existem outros relatos falando de como o boto cerca as pessoas e alaga a canoa ou o casco sem que a pessoa que vai dentro tenha feito alguma coisa que possa levar ao acontecimento. Existem relatos de maldades feitas pelo boto vermelho e relatos das bondades feitas pelo boto tucuxi, conhecido como boto bom.

Na narrativa, o boto queria alagar o senhor Thiago, ele tentou fugir de todas as formas do confronto, subiu na árvore, mas até na árvore que era dentro d'água eles batiam com o rabo para que ele caísse na água. Os pescadores se preocupam com o boto, pois eles alagam canoas, afugentam os peixes, temem sua malineza (GALVÃO, 1976), cuidado que seu Thiago não teve para com o animal. Foi atacado fisicamente pelo boto, não espiritualmente, porque nada aconteceu com ele além da luta para não ser alagado e tendo que recorrer à força física, batendo com o remo na cabeça do boto, fato que o livrou em definitivo do ataque do boto.

O que é interessante nessa narrativa é o fato do boto demonstrar uma inteligência única. É estrategista quando se trata de se defender e atacar quando se sente perseguido. Não se intimida com o que o homem é capaz de fazer com ele, é capaz também de tomar uma posição diante da ameaça que pode lhe atingir.

### **2.2.11 – Aldair Almeida da Silva**

Dona Aldair Almeida da Silva, 52 anos, nos contou sua estória sobre o boto. Começa sua narrativa nos dizendo que ela tem um pavor de boto, que tem uma desconfiança de que os botos provocaram a queda da terra na comunidade. Diz que foi um boto encantado. Fala isso por conta dos fenômenos que aconteciam no terreno em que ela morava e que não sabe explicar. Conta que no local onde morava subiam muitas (misuras) visagens, tinha o homem de branco que ficava em pé no canto da casa perto das plantas que vinha do porto (rio) e ficava olhando.

O marido bebia e andava pela beira do rio e contava as coisas (visagens) que via, mas que ela não acreditava porque ele estava porre, agora acredita que era verdade o que ele contava. Conta-nos que, antes de cair a terra, uma tarde seus netos jogavam bola e ela tinha ido ao centro da comunidade visitar a filha. Os netos chegaram e disseram que chegaram dois cavaleiros na casa querendo emprestar tabaco, e que um dos cavaleiros era o genro dela, por nome Junior. Eles voltaram juntos para casa, quando chegaram lá não havia nada de

cavaleiros, lembra que o genro não podia ser, pois seu genro estava no Chibui<sup>12</sup> reunindo gado.

Ressalta que tem certeza era o boto, que foi ele que fez a terra cair e encantaram o marido dela. Por esse motivo afirma que tem pavor de boto, principalmente se tiver menstruada, tem “discuforme” (muito) medo. Recorda o que o marido dizia para não duvidarem com o boto, para não andar na beira menstruada, porque acontecem as coisas, boto é encantado, é perigoso para judiar.

Dona Aldair lamenta que os professores digam que esse negócio de boto é lenda, que isso não existe, mas “é verdade”, diz ela. Relata que não gosta de mulher menstruada na beira, não vai á beira (se benze, Deus me livre), nem as noras. Fala para as mulheres da família para não irem à beira quando estiverem menstruadas. Recorda que quando morava na ponta (terra que caiu), via boto em terra, os filhos viram também muitas vezes. Conta que no dia que o marido morreu (se encantou), no momento em que a terra caía ela viu do outro lado os dois ditos cavaleiros olhando.

Até então, ela não sabia que o marido tinha morrido, pensava que ele tinha ido avisar a filha. Acredita que foram os dois cavaleiros que levaram ele. O filho mais velho do casal afirma que viu o pai perto deles, reafirma que era o boto. Depois que caiu a terra, sumiram os cavaleiros e o marido. Pensa e diz que eram encantados e foram eles que fizeram isso com as terras e com o marido dela.

Nessa narrativa, dona Aldair faz referência a um fenômeno ocorrido na comunidade, que destruiu boa parte da comunidade, justamente o local que ela morava com o marido, levando-o a óbito. Para ela tudo aconteceu por que os botos queriam encantar o marido dela. Justifica seu pensamento dizendo que na comunidade não tinha como ter cavaleiros, pois não tem cavalos. Outra coisa que ela chama atenção é que todos se conhecem e ninguém revelou ter ido à sua casa pedir tabaco, o rapaz que se apresentou na casa como genro dela estava em outra comunidade cuidando de gado. No pensamento de dona Aldair, o boto se transformou no seu genro para não levantar suspeitas.

O acontecimento em questão foi entendido pelas autoridades do município de Parintins como abalo sísmico, mas para a comunidade foi algo sobrenatural, principalmente porque matou um morador e o local onde tudo aconteceu se tornou um lugar de encanto, onde tudo acontece, é sagrado, um lugar para ser respeitado todas as horas do dia e da noite. No imaginário dessa colaboradora, o boto tem poderes para além dos que lhe são atribuídos, até

---

<sup>12</sup> Comunidade próxima à Costa da Águia.

de interferir na vida e na morte. A vida dessa comunitária está mergulhada no mundo mítico que a envolve, pois o marido morreu com a queda da terra e ela acredita que o marido é um encantado, porque ela, os filhos e vários comunitários já o viram na comunidade todo de branco, visita às casas, come, bebe água e depois volta para o rio.

Dona Aldair argumenta que foi o boto transformado em cavaleiro que levou o marido, porque segundo ela dois Cavaleiros foram emprestar tabaco dois dias antes das terras caírem e ressalta que tem pavor de boto, não gosta nem de pensar no que eles são capazes. Ela comenta que *“Dizem que boto não é encantado, mais tem mana. Foi eles que fizeram isso”* (Aldair Almeida, 2017).

O imaginário justifica para essas sociedades míticas fatos não compreendidos e que necessitam de explicações que ajudem a esclarecer os acontecimentos. Assim o real da natureza e o real humano são como instituições sociais, um e outro se diferenciam pela forma de apreender o objeto. O real da natureza é apreendido por categorias lógicas e o real humano se manifesta por si mesmo e pela estrutura social que lhe dá significado (CASTORIADIS, 1982). Nessa narrativa percebemos a crença da colaboradora nos poderes sobrenaturais do boto. Esse fato representa o quanto essa comunidade se encontra envolvida em aura que abarca seres mitológicos que transitam entre o mundo real e o imaginado, e os ajudam a explicar os fenômenos que lhes causa apreensão.

A crença de dona Aldair Almeida é entendida como oriunda de um pensamento mítico que se fundamenta na religião, no catolicismo popular, que permite um olhar para além da religião católica propriamente dita, ou seja, de um sistema imaginário que justifique seus medos. Na Costa da Águia, eles possuem meios tecnológicos que os conectam com os meios de comunicação, mas isso não tira deles o medo dos seres sobrenaturais da floresta e dos rios, que é o caso da pesquisa.

Dona Aldair afirma ter visto os cavaleiros do outro lado do rio assistindo a terra cair. Nos dizeres de Laplatine e Trindade (2003), as imagens que se formam no pensamento humano é fruto de informações anteriores. Aldair diz que dois dias antes os cavaleiros foram até sua casa emprestar tabaco. Esse fato chama atenção para o hibridismo da lenda do boto, pois a lenda em questão toma novos formatos para se adequar às transformações do tempo. Na Amazônia existem muitas visagens que têm por objetivo a proteção da natureza. O pedido do tabaco também é encontrado no bicho visagento chamado de matintaperera<sup>13</sup>. Para

---

<sup>13</sup> Bicho visagentos que voa durante a noite assombrando as pessoas com seus gritos estridentes. No Amazonas a matintaperera gosta de fumar tabaco, por isso se pede para ela vim no outro dia pegar o tabaco, então se descobre quem é ela.

descobrir a pessoa que se ingeria em tal bicho, o dono da casa pede que venha a sua casa pegar tabaco pela manhã.

O que a narrativa tem em comum com esse fato? Que dois dias antes das terras caírem o boto foi transformado em homem pedir tabaco na casa de dona Aldair, ao contrário da matintaperera, quando é o dono da casa que pede pra ela pegar o tabaco. Neste ponto percebemos o entrelaçamento de uma lenda com a outra. Ambas falam da malineza para com os humanos. Galvão (1976, p. 80) estudou o conceito de malineza e esclarece que

A malineza, porém, não é uma simples atitude de antagonismo entre o homem e as forças extraordinárias. Ela resulta do fato que os bichos visagentos dominam ou controlam um setor do ambiente natural, a mata e os rios. São como que entidades protetoras que guardam a natureza contra a sua depredação pelo homem.

Dessa forma, a malineza não é mero prazer dos bichos visagentos, entre eles o boto. É a forma encontrada para poupar a natureza da malineza dos homens que, em nome da ganancia, destroem os ambientes naturais. Para tanto são criadas as entidades protetoras de cada ambiente. Surgem às mãos da natureza, em geral são nascidas dessa ideia de proteção. Na narrativa de dona Aldair, a malinesa do boto destruiu literalmente a vida de sua família, pois sua casa caiu com as terras e seu marido foi encantado pelo boto, tornando-se protetor da comunidade.

#### **2.2.12 - Franciane Almeida**

Uma narrativa muito interessante nos foi contada por dona Franciane Almeida, 25 anos, uma estória contada por sua avó. Conta-nos que sua avó contava que uma bota se viciou com um rapaz, que, de acordo com que ouviu, eles eram três irmãos, três rapazes. Na frente da casa deles boiavam muitos os botos todos os dias. Certo dia o irmão caçula viu os botos boiando e disse: “*se for mulher hoje pode vim aqui comigo*” (Franciane Almeida, 2017).

De noite ela foi lá com ele transformada em uma mulher, loira, branca, muito bonita. Ficou um tempo com ele e foi embora. Ele dizia que era boto, porque na comunidade não tinha uma mulher que pudesse ser comparada a tal descrição. A partir de então todas as noites ela vinha visitar o rapaz. Ele se acostumou com ela. Ele foi perdendo a vontade de sair de casa. Os irmãos o convidavam trabalhar, jogar bola, passear, tomar banho, mas ele não queria

ir. Foi ficando viciado com ela e não fazia mais nada. Ficou pálido, amarelo, sem vida. Quando os irmãos perguntavam o que ele tinha, ele respondia que tinha uma namorada, que era uma bota e ele ia se casar com ela.

Os irmãos resolveram procurar saber o que estava acontecendo com aquele irmão. Disseram a ele que iriam sair, mas se esconderam para verificar o que acontecia. Lá pela aquela hora, eles ouviram e viram várias canoas cheias de gente pararem no porto da casa e levarem o rapaz. Desde esse dia nunca mais ele voltou. Acharam uma carta que ele deixou, dizendo que ele foi para o encanto da bota, que se casou ela. Dona Franciane nos disse que acredita, porque foi sua vó que contou que foi fato acontecido, não é estória.

Disse-me dona Franciane que muitas mulheres engravidaram do boto. Na comunidade da Costa da Águia, uma engravidou. A mulher ficou grávida de um botinho. Essa mulher lavava roupa menstruada com água pela cintura. Ela contava que passava alguma coisa lisa por baixo da perna dela, não identificava o que era. Ela apareceu grávida. Com três meses ela abortou um botinho. Conta que a avó disse que nasceu vivo, mas depois morreu. France conta que enterraram o botinho, depois de três dias foram visitar a sepultura, mas quando lá chegaram a cova, estava vazia, o botinho já tinha ido embora, caiu n'água. Segundo diziam, o boto veio buscar o botinho.

O boto pai veio buscar o boto filho. Sua avó dizia que o curador falou que o boto foi buscar seu filho. Diz que sua avó contava essa estória. Segundo dona France a mulher engravida, mas não nasce criança, não se cria, porque não nasce mesmo gente. Nasce, mas depois morre. A avó contava que era metade gente e metade boto. Dona Franciane conta que seu tio Lailson também viu. *“Eu não vi, porque ainda era criança”*.

Segundo a colaboradora, o boto judia, não só engravida, faz doer a cabeça, dá febre. É uma dor insuportável. Tu vais menstruada, ele vai judiando aos poucos. Tenho uma tia que o boto quase ele leva ela, ficou amarela, dava febre, só quem deu jeito nela foi o curador. Ele benzeu, fez os remédios, banhos e defumações para afastar o boto. Ressalta que se tratando de ataque de boto só o curador pode ajudar. Dona Franciane comenta que a mãe e a avó sempre a orientaram quanto aos cuidados com a menstruação, pedindo que respeite esse período e não frequente a beira do rio nem os lugares proibidos.

A narrativa contada se diferencia das contadas até aqui, porque apresenta um único caso em que um encantado fêmea consegue a proeza de levar para o lugar de encanto um homem, pois ele ficou apaixonado por uma bota que se transformava em mulher e usufruía com ela dos prazeres carnavais. Nos estudos de Galvão, no livro “Santos e visagens”, não há relatos de fêmeas de boto que exercem atração e sedução sob forma de mulher, como

acontece com o boto macho em relação às mulheres. Nos dizeres de Galvão (1976), a preocupação dos moradores não é com o boto fêmea e sim com o macho, visto que

A fêmea não é considerada tão perigosa, embora se afirme que um homem que as encontra mortas na praia não resiste à tentação de copular com o cadáver. A atração e o gozo são de tal intensidade que se não for arrancado à força pelos companheiros, sucumbe de exaustão.

Isto posto, o boto fêmea não representa para a comunidade algo para se preocupar e perder o sono, mas é antes de tudo a representação do símbolo masculino que se sobrepõe ao feminino. O boto fêmea (bota) é objeto de desejo sexual dos pescadores ribeirinhos, que não resistem ao apelo sexual de experimentar se é verdadeiro o que é falado sobre elas. Mas a orientação é que o pescador esteja acompanhado por um parceiro, para que esse parceiro lhe salve a vida no momento propício, pois quando está copulando vai perdendo a força para sair do ato, e se estiver sozinho sem ninguém para tirar, ele morre de prazer e exaustão (LOUREIRO, 2001).

O desejo do homem ribeirinho pelo sexo com a bota vem das histórias contadas e da semelhança dos órgãos femininos. O boto é um animal que carrega consigo diversas particularidades: ele é um mamífero em forma de peixe que habita os rios amazônicos; não é pescado para alimento da mesa de uma família, mas se constitui inconscientemente como objeto de desejo e símbolo sexual dos beiradões para homens e mulheres. Talvez de alguma forma isso tudo justifique tantos relatos.

O rapaz que ficou noivo da bota ficou tão apaixonado que chegou ao ponto de ir embora para casar e viver com ela no encanto. O que é interessante notar é que, na noite de sua partida, ela não veio sozinha, mas acompanhada dos companheiros do fundo, que estavam todos transformados em pessoas e dirigiam canoas, que é o meio de transporte mais utilizado pelos ribeirinhos. Neste ponto estabelecemos o elo de passagem de um mundo para o outro. É sempre à margem do rio que as coisas se transfiguram para outra dimensão. A canoa levou e ele nunca mais voltou, nem o corpo foi encontrado, ele foi de corpo e alma.

Dona Franciane relata também que, por desobediência, uma senhora engravidou do boto. Como dizem na comunidade, ela facilitou, não obedeceu as normas estabelecidas de que, quando está menstruada, a mulher não pode sair de casa e nem ir a beira. No caso da senhora em questão, ela lavava roupa e tomava banho dentro d'água, por isso o boto a engravidou, mas a gravidez não chegou até o final. Dona Franciane ressalta que a gestação

não completou porque não era uma gestação de homem e sim de boto, e não pode se completar por conta de ser diferente, ou seja, de animal com humano.

Nesse mundo de água e homem, esses dois elementos se fundem em um só, chegando ao ponto de se confundir um com o outro. O imaginário amazônico é criado a partir da relação homem natureza. Na sociedade amazônica, a natureza é percebida pelos sentidos que envolvem o homem que se afirma no mundo objetivo e por meio dele aprofunda o conhecimento de si (LOUREIRO, 1939). A gravidez da mulher pelo boto está inter-relacionada com a vivência do homem com seu objeto de contemplação que é a natureza, mais especificamente o rio com suas águas. Os fatos acontecem na água e para água, pois a água para o ribeirinho é o princípio e o fim de tudo.

### 2.2.13 – Josinei Pereira

O senhor Josinei Pereira, 27 anos, conta que, quando o boto sobe na comunidade, lamba o cachorro e faz barulho. Diz ainda que o boto se ingera para homem. Relata que uma vez seu irmão lhe contou que viu um boto cair de cima da ponte. Ele se jogou n'água, estava tomando banho em cima da ponte.

Conta que o boto fica se empavulando<sup>14</sup> (chamando atenção, fazendo brincadeira) no rio Amazonas. Lembra que tem um boto que joga pau para cima e apara na boca, se empavula, chama atenção. Não acreditava que ele ficava brincando, até o dia que ele viu. O boto jogava o pedaço de pau pra cima e aparava com a boca. Só acreditou porque viu.

Recorda que seu pai contava para ele e os irmãos à noite, que um dia aqui na comunidade, tio Homero, Francisquinho, o pai dele e a mãe dele viram um homem passando no caminho, indo para cima, subindo, vindo pra cá. Eles viram e saíram correndo atrás do homem, os dois Francisquinho com tio Homero só os dois. Havia uma cerca que atravessava o caminho. Eles correram atrás, correram muito, quando já estavam bem próximo do homem, ele foi abaixar para passar a cerca, foi então que caiu uma brasa de fogo dos olhos dele. O Senhor Josinei conta que o pai dizia que quando eles viram o olho do homem cair em forma de brasa, eles correram de volta.

Voltaram e chegaram cansados, correndo. Entraram na casa e contaram que eles viram esse homem que passou por baixo de um barracãozinho que tinham lá. Então eles não foram mais atrás com medo do homem, voltaram e disseram que nunca mais iriam correr atrás

---

<sup>14</sup> Termo que expressa o orgulho e a vaidade da pessoa por alguma coisa que faz ou pertence; o mesmo que pavulagem.

das coisas que passassem na frente da casa. Papai dizia que eles não sabiam se era o calça molhada que andava por aí, mas ele sempre passa por aqui no período da semana santa, ele sempre passa.

O senhor Josinei diz que as pessoas não sabem se é o boto que sai em terra, mas acredita que o calça molhada é o boto que sai em terra, se ingera para homem e vai embora na estrada pra cima. Da estrada, pensa que ele, cai n'água porque “*eu não vi mais*”. Diz que o boto procura alguma coisa, que ele anda procurando por quem malinar. Se ele encontrar uma mulher, ele namora com ela, e se encontrar cachorro ele lamba, se é homem, ele põe para correr, e quando ouve algum barulho, ele se esconde. Faz um barulho que lembra o andar de uma pessoa que está com a calça molhada, que ao andar esfrega uma perna na outra, e parece ser molhado. Na compreensão do senhor Josinei, só pode ser o boto.

Lembra que é o boto que dizem que se ingera para homem. Diz que seu pai falava muito sobre essas coisas, contava muitas estórias. Contava que mulher que está menstruada não é para ir à beira, porque o boto malina delas, judia.

Nesta narrativa o senhor Josinei associa uma visagem que aparece na comunidade com o boto, que é o calça molhada, um elemento que anda pelos caminhos do rio e que nunca ninguém viu, apenas ouvem seus movimentos e chamam de calça molhada porque essa visagem lembra o andar de alguém que está com a calça molhada, esfregando uma perna na outra. Essa visagem é detectada pelos cachorros que, ao se aproximarem dela, são lambados, provocando grande gritaria e latidos dos animais.

O Senhor Josinei diz que pensa ser o boto porque a visagem parece está molhada, e ele já observou que cai na água e, logo em seguida, ouve-se boto boiando. A forma de vida da comunidade da Costa da Águia permite a experiência de uma vida voltada para a sensibilidade. Os elementos que compõem essa vivência são percebidos, como nos diz Loureiro (1939, p. 93), “na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística e pela visualidade”. A experiência de vida do homem da comunidade representa sua forma de expressar seus sentimentos e ideias. Esse comportamento vai preenchendo as necessidades mais íntimas do espírito que potencializa o processo de transformação desse amazônida.

O imaginário do senhor Josinei representa uma forma única de ver e conceber o mundo a sua volta. Ele conta que o boto aparece na comunidade como homem e anda com a calça molhada. Ele possui uma profunda ligação com o lugar onde mora, pois revela uma capacidade intensa de criação imaginária. Para ele o boto gosta de chamar a atenção e se sente



bem fazendo isso, porque fica em frente à comunidade fazendo graça para obter a atenção de todos. Ressalta como boto consegue jogar um pau para cima e depois aparar esse pau com a boca, que só conta porque ele mesmo viu tal peripécia do boto.

O senhor Josinei nos afirma que acredita que o boto consiga se transformar em homem para engravidar aquelas mulheres que não tem respeito pelos seres sobrenaturais que habitam na comunidade. O imaginário produzido pelos moradores da Costa da Águia é uma constante tentativa de compreender a natureza, o amor, a vida e o limite entre o elo de homens e seres mitológicos que se juntam nas florestas e nos rios (LOUREIRO, 2001).

#### **2.2.14 – Tatiana Maria Bentes**

Dona Tatiana Maria Bentes, 39 anos, nos contou uma estória de boto que aconteceu com ela na adolescência. Ela conta que se criou na comunidade. Quando atingiu a idade para estudar, foi para a cidade, mas costumava passar as férias no interior. Quando chegava a época das férias, retornava para interior juntamente com as primas. Em uma dessas férias, resolveu tomar banho pulando n'água. Lembra que tinha em torno dos treze, quatorze anos, e a avó que a criou contava que moça quando estava menstruada não podia tomar banho no rio.

Conta que cresceu ouvindo essas estórias, mas que na verdade era menina e nunca deu confiança, que como moça e menina nova que era não acreditava nessas estórias, nem ela e nem as primas. Nessa tarde, foi tomar banho com as primas. Tomaram banho, pularam n'água e ela estava menstruada e não contou nada para avó. Recorda que já em casa, lá pelas seis horas da tarde, avó observou e notou a mesma estava menstruada e, chamou a atenção, brigou, repreendeu porque tinha tomado banho no rio com as primas.

Dona Tatiana lembra que era menina e que não acreditava nessas coisas. Sempre ouvia as estórias, nunca pensou, nunca tinha passado por elas. Para ela era só mais uma das muitas estórias que são contadas no interior. Conta que nesse dia viu que realmente não era só uma estória. À noite, deitada na sua rede, na época no interior não tinha luz, todo mudo para dormir apagava as lamparinas. Ficou deitada, dormiu, e passou por um sono. Ela não lembra como tudo começou e nem o que aconteceu para ela chegar à situação que chegou, o que recorda é que depois daquele primeiro sono, acordou com o corpo anestesiado e percebeu que não podia se movimentar.

Recorda que gritava para a avó que estava no outro quarto, mas sua voz não saía, tentava se movimentar, mas não conseguia, o corpo estava todo pesado, sentiu uma pessoa, um homem. Esse homem estava só de sunga, com chapéu e sentou na beira da minha rede.

Não conseguiu ver o rosto dele, só se lembra do desespero que sentiu. Tentou se movimentar e não conseguia. Seu avô era um homem sábio, experiente, viu que tinha alguma coisa estranha acontecendo. Chamou a avó e disse que tinha alguma coisa acontecendo com a neta, que achava que estavam judiando dela.

Lembra que o avô contava que os cachorros latiam bastante. O avô contava que sentia um cheiro forte de pitiú (cheiro de peixe). A avó acendeu as lamparinas e ela sentiu automaticamente o corpo sair da dormência. A avó ligou o fato ao acontecimento da tarde, repreendeu-a novamente: *“eu disse pra você que não era pra você ir tomar banho menstruada”* (Taiana Maria Bentes, 2017).

Para que eles voltassem a dormir, a avó, que era sábia, sabia como fazer. Levantou, pegou folhas de pimenta passou no corpo e deixou a lamparina acesa para que pudessem dormir. No dia seguinte não pode mais sair de casa, estava proibida, tinha que ficar trancada dentro de casa e tomar banho em cima. Durante os três dias seguintes, de três em três horas, meio-dia, três horas da tarde e seis horas, ela passava folha de pimenta no corpo da neta para afastar o boto e ele não pudesse mais judiar dela durante a noite.

Dona Tatiana conta que ficou a semana toda, até terminar o resguardo da menstruação. Explica que *“essas histórias se escuta e não se acredita, eu sou prova viva que realmente essas histórias existem, são histórias reais, as pessoas do interior acreditam fielmente que são reais, que mudam os costumes das pessoas”* (Tatiana Maria Bentes, 2017). Fala que na comunidade todos sabem quando a moça está menstruada não pode sair de casa, ir para o rio, tomar banho em gruta, os bichos estão esperando para judiar.

Para quem mora no interior, ter uma mulher menstruada em casa muda a rotina da família e da comunidade. Todos observam que *“quando a moça está menstruada não desce ao rio, toma banho em cima (na casa), as pessoas (família) pegam água pra que ela possa se banhar, porque os botos não judiam só da moça que esta menstruada, mas de outras pessoas”* (Tatiana Maria Bentes, 2017). Ressalta que viveu essa experiência aos quatorze anos, hoje tem trinta e nove anos, diz que acredita no encantamento do boto, porque viveu essa história na comunidade.

As narrativas do boto que acontecem na comunidade da Costa da Águia permitem que possamos observar o que Mafessoli chama de “função mítica da realidade”, que é o elemento umidificador de sentimentos individuais e coletivos produzidos pelo paradoxo perto-longe dos rios e das florestas que mediam a relação do homem amazônico com o magnífico, sendo que essa relação é possível pela ligação que se estabelece entre as criações imaginárias.

As criações do imaginário do homem de várzea unifica o sentimento social que o torna um ser diferencial, que ressignificando a realidade vivida com o vento, a floresta, a chuva, o tempo, as longas distâncias, o deslumbramento do mundo e a vontade de se fazer respeitar.

A vivência do homem com o rio produz narrativas como a contada por dona Tate, que afirma ter o boto tentado malinar dela, intuito que não foi alcançado porque o avô estava atento aos fatos do dia e impediu que ocorresse. Mas o que vale ressaltar é a descrença da colaboradora nas estórias de ataque de boto que eram contadas na comunidade, até o momento em que aconteceu com ela. Depois que o boto tentou se enamorar dela, passou a acreditar que o boto tem o poder de se transformar em homem para copular com as mulheres.

A cópula do boto com a mulher é suavizada pelo fato de que o boto se apresenta para a mulher como homem, não como animal, assim não ocorre à violação do interdito, porque, na hora da consumação da cópula, o animal é homem, tornando o ato normal, ao ponto de produzir a gravidez da mulher.

O afastamento do boto de dona Tatiana foi conseguido pelos conhecimentos tradicionais da avó mãe que se apropriou de folhas de pimenta maceradas e passadas no corpo para afastar o encantado, que foi atraído pela desobediência em ir tomar banho menstruada, desrespeitando as normas estabelecidas para que não seja importunada. Como foi para a beira do rio menstruada e ainda tomou banho no rio, permitiu que o encantado chegasse até ela. A forma como o boto chega às suas escolhidas impossibilita a defesa da vítima, pois ele adormece não só a mulher, mas todos que estiverem na casa, dando a ele tranquilidade para praticar o seu ato de desejo.

Dona Tate diz que agora sabe do risco que correu, que nunca pesou que essas coisas pudessem acontecer com ela e nem que pudesse provocá-las de forma inconsciente. A juventude leva à descrença dos fatos que julga distante, por isso dona Tate diz que não acreditava nas estórias contadas pelos mais velhos. Em seu pensamento, o boto jamais a atacaria, por isso ficou pulando n'água, gritando na beira com as primas. O resultado da sua descrença foi a visita do boto em forma de homem para dela obter o prazer sexual.

Ressalta a colaboradora que o boto de fato se enamora das moças que vão menstruadas á beira do rio, que agora, em momento algum, ela duvida desse encantado, e fala que só acredita porque é prova viva desse acontecimento.

#### **2.2.15 – Sávio Almeida**

O senhor Sávio Almeida, 22 anos, contou uma estória de boto que seu avô contava. Seu avô dizia que na comunidade não tinha fazenda de gado. Quando precisavam de leite, iam comprar na fazenda que ficava abaixo de onde moravam. Fazia isso dia sim, dia não. O avô contou, que nesse dia, a mulher insistiu para ir com ele comprar leite. Ele a levou, mas não sabia que ela estava menstruada, e ela também não falou nada.

Foram os dois na canoa. Ele observou que estava boiando muito boto, boiava próxima à canoa. Diz que ficou desconfiado, mas a mulher estava calada, tinha levado alho pra afastar as criaturas. Como eles foram acompanhando a canoa, resolveu perguntar se ela estava menstruada, porque os botos pareciam agoniados. Ela disse a ele que sim. O senhor Sávio conta que o seu avô dizia que ficou com medo e chateado com a mulher porque ela não falou da situação. Chegaram à fazenda compraram o leite e voltaram.

O senhor Sávio lembra que o avô contava que os botos vieram acompanhando a canoa. Chegaram a casa e tudo parecia normal. À noite, após o jantar, se recolheram. Na comunidade as pessoas se recolhem cedo. Apagaram a lamparina e foram dormir, como ainda hoje acontece. Já era tarde, lá pelas tantas da noite, a mulher começou a gemer, gemer e os cachorros começaram a latir, parecia que vinha da beira. O avô contava que acordou com um barulho e saiu de casa para ver o que estava acontecendo, ficou escondido atrás das bananeiras, plantadas no caminho da beira, de um lado e de outro.

Conta que o avô dizia que se escondeu e viu, de verdade, um homem todo de branco subindo na direção da casa, os cachorros latiam em cima. O homem chegou bem perto de onde ele estava, resolveu pular na frente dele. Quando o bicho o viu, virou de volta na direção da beira, e ele foi atrás. Chegando à ponte ele se jogou n'água e foi boiar lá no meio do rio, como boto. O Senhor Sávio afirma que o avô dizia que era o boto que ia malinar da sua mulher. Voltando para casa foi ver a mulher, que contou a ele que estava dormente e que parecia que vinha chegando alguém. Ele chamou a atenção dela e contou o que aconteceu.

O avô do Senhor Sávio dizia que o fato de ter levado sua esposa com ele, sem ela poder ir porque estava menstruada, deu o boto a possibilidade de ir até a casa durante a noite para malinar da mulher por ter violado o espaço dele, que é o rio. A malineza é praticada para assombrar os vivos ou do corpo dele se apossar. O ataque do boto não deixa a mulher fora do plano humano, ela percebe o que esta acontecendo, mas não pode pedir ajuda, sua única forma de informar que alguma coisa acontece é pelo gemido, que é provocado pela proximidade do boto.

Como a avô do senhor Sávio estava menstruada, não deveria ter ando de canoa, ou seja, no rio, atraiu para ela a malineza do boto. Seu desrespeito para com esse ser encantado

deu a ele um motivo para visitar a casa do avô do senhor Sávio para se vingar de sua mulher, pois ela violou o estabelecido, de que quando a mulher esta menstruada não deve sair de casa, e nem andar pelo rio.

A esposa de seu Sávio estava com a mácula da impureza, que provoca a desarmonia da casa e da comunidade como um todo. Em seu período crítico da vida, quando ela se apresenta como um ser sangrento e ferido, está impossibilitada de desempenhar seu papel social. Ela deve obedecer ao chamado resguarde, para que possa ser respeitado a sua relação com a natureza. O imaginário social apresenta cada individuo e o seu papel dentro da sociedade. Na comunidade da Costa da Água, toda mulher possui seu papel social, e um deles é respeitar a comunidade como um todo. Quando a esposa de seu Sávio foi de canoa menstruada, colocou em risco a si mesma e à comunidade, visto que o boto ataca aquele que está com o espirito mais fraco. No caso da estória de Sávio, a própria mulher seria malinada, mas o marido estava atento, tanto que ao primeiro sinal de barulho, cachorro latindo, saiu para verificar o que estava acontecendo e viu o boto já transformado em homem vir subindo em direção de sua residência. Como a comunidade apresenta vários relatos sobre a subida do boto, o senhor Sávio, planta bananeiras no caminho que leva ao porto, pois elas servem de esconderijo e proteção caso aconteça a subida de seres estranhos, como aconteceu.

O boto não chegou até sua residência do avô do senhor Sávio porque foi interrompido no meio do caminho, ele saiu de detrás de uma bananeira e assustou o homem que vinha subindo, que com o susto correu e se jogou n'água. O fato de ter se jogado na água deu ao avô do senhor Sávio a certeza de ser boto, pois caiu na água como homem e boiou como boto. A esposa nada viu porque estava dormente, mas sentiu que alguém se aproxima.

### **2.2.16 – Tarcísio Santos**

O senhor Tarcísio Souza, 27 anos, relata um episódio que ouvia seu pai contar. Seu pai contava que, lá na fazenda Santa Rosa, houve um tempo em que morou na lá um senhor, era só ele, a mulher e um garotinho. Mês de junho a água vai baixando. Naquela época ainda tinha bastante pirarucu. Ele contava que a mulher dele teve criança, que estava com uns cinco dias de parto. Como precisava pescar porque a comida estava acabando, chamou sua esposa e disse que iria botar linha para pegar pirarucu. Ela se preocupou porque estava de parto, pediu que ele não a deixasse só na casa, pois ela estava com poucos dias de parto e era perigoso ficar sozinha.

Ele garantiu que só iria colocar a linha e logo estaria de volta. Dizendo isso, ele foi embora. O local onde colocaria a linha tinha uma parte de terra que ele arrastava a canoa. Tarcísio explica o local onde se arrasta a canoa se dá o nome de varadouro. Pra lá colocou a linha. Era um pouco longe da casa e ele teve dificuldade de voltar, resolveu ficar a noite por lá. Segundo o marido, ela contou pra ele que ficou a sua espera, por volta das oito horas da noite, escutou barulho de uma canoa.

A canoa parou no porto, era todo jeito do marido. Chegou arrumou os arreios e chamou pelo nome dela, pediu para ela abrir a porta. O senhor Tarcísio explica que antigamente a casa dos mais pobres era porta de palha. Ela disse para ele que ia acender a lamparina. Ele disse que não precisava acender, que entraria assim mesmo. Ela abriu, ele entrou.

Depois que entrou, ela não enxergou porque estava escuro, mas era todo jeito do marido. Deitou no lado dela, ela não queria que ele deitasse, ele insistiu, deitou, convenceu a mulher (a fazer relação sexual). Depois ele saiu da casa. Foi então que ela escutou muito boto boiando, e assobiava muito forte. Ela sentiu um grande tremor e foi logo dando febre. O marido chegou sete horas do outro dia, ela estava passando muito mal, muita hemorragia, sangrava muito. Isso ele mesmo contava, cinco dias depois ela morreu.

O senhor Tarcísio diz que nunca viu o boto se transformar em homem, mas já ouviu muito dizerem que ele se transforma em homem. O pai contava essa estória do boto, que ele se transformou como fosse o marido da mulher, entrou na casa, insistiu, convenceu ela e provocou hemorragia levando-a a morte. Lembra um outro fato ocorrido com o irmão. O irmão, de nome Bertoldo, era pai do Binizinho.

Ele e um parceiro iam pro Saracura, o pai dele morava lá. Passaram dia de sábado aqui na Águia para irem pela manhã. Pela manhã, assim que saíram, iam passando por um lote grande de gado que se encontrava na beirada, quando eles viram aquele homem saiu do meio do gado. O irmão contou que era umas oito horas da manhã. Veio correndo e se jogou dentro d'água. Eles pararam a canoa para ver o que era.

A única coisa que viram boiar foi um boto. O senhor Tarcísio diz que o irmão e o companheiro disseram pra ele que era o boto que se ingerou para homem. Ele mesmo nunca viu, mas afirma que todos dizem que ele se ingeria. Diz que o boto é malino, isso ele sabe que é, porque ele boia por embaixo da nossa canoa. Outro dia apareceu Chiquinho. Depois de jantar ele me perguntou: o senhor acredita em cobra grande? Acredito. E o feitiço? Também tem. E visagem? Tem. Isso é o que mais tem.

Esta narrativa tem um ponto que a diferencia das outras por apresentar pontos que demonstram que o boto pode se transformar, ou adquirir a forma da pessoa que ele quiser para executar seu intuito. O primeiro sangramento da mulher, a menarca, e o sangramento do primeiro filho se destacam entre os outros por apresentar o princípio de tudo. Para esses dois fatos Caillois (1939, p. 40) lembra que

Na altura de suas regras (e sobretudo no primeiro sangue) ou no momento de seus partos (e em especial quando se trata do primeiro filho) até a cerimônia purificatória que segue a qualquer nascimento; o sacrílego, enfim, aquele que, por bravata, por imprudência ou por inadvertência, violou um interdito, e particularmente o mais grave de todos, a regra de exogamia.

A impureza desses dois momentos - no caso da história contada a mulher estava de parto do primeiro filho, portanto com um nível bastante alto de mácula - leva ela mesma e a comunidade a correr perigo que ameaça o conjunto, pois a mácula é mística. A comunidade se protege através de seu santo padroeiro, que é o protetor de todos, por isso o impedimento quando as mulheres estão menstruadas. O afastamento se faz necessário para não contaminar as outras pessoas.

Na narrativa, a mulher que estava de parto não foi à beira do rio, mas ficou desamparada da presença masculina que afastaria qualquer possibilidade de chegada do boto até a mulher. Na narrativa, fica subentendido que o boto sabia que o marido da mulher tinha saído de casa e que não tinha voltado, e se transfigurou do marido para ser acolhido em casa pela esposa.

Imitando os passos do marido o boto chega à casa, apresenta-se como marido, chama a mulher pelo nome, não deixando dúvida de que de fato era o marido. Para que não fosse descoberto, ele pede que ela não acenda a lamparina. Ela abre a porta e ele entra, vai deitar-se junto dela que, a princípio, não queria o contato por conta de seu estado parturiente. Mas ele insiste para manter relações sexuais, ela diz que não, mas acabou cedendo pela insistência e por ser seu marido.

O parto, como o próprio nome diz faz uma partição na mulher uma abertura no seu corpo para que a criança possa nascer. Com cinco dias de parto, o fluxo sanguíneo da mulher ainda era bastante intenso. Como morava próximo as margens do rio, o cheiro do sangramento atraiu a maldade do boto. O ato sexual com a mulher em estado de sangramento

prejudica a mulher. É isso que a narrativa mensura, pois a mulher que era parturiente, depois do ato sexual com o boto transformado em marido a levou a morte.

Depois do ato consumado, o boto sai da casa e vai embora, só então a mulher volta seu sentido para a realidade e percebe a agitação dos botos no rio, então desconfia que não era o marido e sim o boto. A chegada do marido na manhã do outro dia lhe dá a confirmação da sua desconfiança, porém o mal estava feito, a violação provocou grande hemorragia e conseqüentemente a morte.

Os moradores da Costa Águia reconhecem que as parturientes da comunidade devem se manter afastadas, não andar pela comunidade, beira de rio, canoa, igarapé, para que preservem os outros do contágio de sua mácula.

Esta narrativa se diferencia das outras por que a mulher estava de parto do primeiro filho e foi enganada pelo boto que fato que não foi provocado por ela de maneira consciente. Ela estava em período de resguardo, estava em casa e não desobedeceu às normas de comportamento para esses dias. Mas foi vítima do desejo insaciável do boto, que a viu totalmente desprotegida, visto que o marido saiu para pescar e não retornou.

O imaginário sobre a malignidade do boto é tão forte na comunidade que o senhor responsável pelo transporte escolar, seu Oscar Almeida, 52 anos, não transporta alunas que estejam nos seus dias (menstruadas). Diz que a Secretária de Educação pode descontar o salário dele, mas ele não transporta. As alunas que moram no Saracura, Ilha das Onças que estudam na Costa da Águia os pais não deixam vir à escola quando estão menstruadas, porque o transporte é pelo rio, e estando na regra não pode sair de casa. Dentro da comunidade ocorre a mesma situação. As meninas que ficam menstruadas não vão à escola, os pais não liberam, pois os caminhos da comunidade são muito próximos ao rio, fazem o contorno do rio.

Observamos que há todo um cuidado com as mulheres que ficam menstruadas na comunidade. Existem regras, normas a serem observados por elas, tais como não ir beira sozinha, não andar de canoa, não sair de casa durante o tempo que durar a menstruação. Quando há em casa uma mulher menstruada, a família se reveza para apanhar água, e a mulher executa seus os fazeres cotidianos sem sair de casa. Tudo deve ser feito na casa, para que não se ofenda, mesmo que sem querer, as forças ocultas da natureza, pois há certa agitação do boto no rio quando uma moça na comunidade está menstruada. Por acreditarem que a mulher menstruada atrai para si e para a comunidade a malignidade do boto, justificado pelas narrativas aqui apresentadas, podemos confirmara que os moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia organizam suas ações pelas narrativas imaginárias do boto.



### CAPÍTULO 3 – O BOTO E O IMAGINÁRIO COMENTADOS

Este capítulo tem por objetivo comentar as forma e os diálogos que são apresentados nas narrativas do boto na comunidade do sagrado Coração da Costa da Águia e como seus comunitários são diretamente afetados por elas.

Na tentativa de encontrar uma resposta para o que aconteceu na comunidade, os moradores, representados pelo presidente que na época do ocorrido era o senhor Oscar Almeida, embora eles tenham tido assistência de geógrafos e terem sido informados que o que aconteceu na comunidade foi um abalo sísmico, resolveram procurar um curador.

A comunidade da Costa da Águia parece estar envolvida em uma cerca mítica imaginária. Em dois mil e oito ocorreu na comunidade um fenômeno conhecido aqui na região de terras caídas<sup>15</sup> que deixou os moradores bastante assustados e acreditando que o que ocorreu foi uma luta de dois seres míticos, - duas cobras grandes- que encantou um morador e abriu uma clareira no rio que se tornou um lugar de encanto sagrado muito respeitado pela comunidade.

#### 3.1 – As estripulias do boto no imaginário caboco

Os colaboradores que participaram desta pesquisa, cada um a seu modo, contaram as suas experiências míticas com o ser do mundo imaginário, no caso deste estudo, o boto. Homem ou mulher, relataram o acontecido com eles mesmos ou com outros e que lhes foi contado por alguém da família.

Dona Maria José Bentes Pereira (2016) nos conta sua experiência com o boto em forma de visagem, fala que *“a gente viu um, um homem passar para baixo... lá em casa tinha uma cerca, lá, ele foi na direção da cerca se abaixou por cima, era de noite, ele passou por baixo. Quando ele se abaixou... ai, saiu uns fogo do olho dele”*. Ela afirma que era noite, mas ela viu ele abaixando para passar a cerca e os seus olhos em forma de brasa (fogo) caírem no chão.

O fato dos olhos dele terem caído como fogo e não queimarem o capim dá a dona Maria José a certeza de ser visagem e, ainda mais, ele desaparece na noite. Ela só ouve o barulho dele se jogando dentro d'água e boiando como boto no meio do rio. Só então ela percebe que o homem que eles viram e que expeliu olhos de fogo era o boto.

---

<sup>15</sup> Fenômeno que acontece nas comunidades ribeirinhas provocado pelo movimento dos banzeiros nas margens do rio, que faz cair constantemente parte da ribanceira.

O senhor Lailson Lopes Pereira nos conta a experiência que viveu sua comadre, que engravidou do boto porque duvidou de sua sexualidade. O boto engravidou dona Laura e nasceu um botinho que morreu logo após o nascimento. Ele conta que o botinho ficou muito tempo em um vidro com álcool e que a comadre mostrava para quem quisesse ver.

O senhor Oscar Almeida, o senhor Francisco Batalha e dona Simone Souza Pimentel relatam experiências parecidas de ataque do boto a mulheres que, por descuido ou até por desobediência, foram até o rio menstruadas e receberam as visitas do boto. O senhor Oscar Almeida (2016) contou que o boto se encantou de sua irmã. Esse fato trouxe grande sofrimento para sua família.

O senhor Francisco Batalha (2017) contou como sua parenta Helena sofreu com o ataque do boto, por quase um ano ela foi importunada. Helena fez muitas sessões de cura para que o boto se afastasse dela. Dona Simone Souza Pimentel (2017) relata que o boto queria levar sua madrinha para o rio, ou seja, para o lugar de encanto, pois quando dava os ataques a madrinha ficava lisa e queria correr para o rio, só não consumava a vontade porque era agarrada para não correr.

Dona Adailza Azevedo Almeida (2017) e o senhor Djalma Bentes Batalha (2017) nos contaram o ataque do boto sofrido por uma mulher muito parecidos. Segundo os relatos, as mulheres adoeceram de uma hora para outra. Os irmãos desconfiados que fosse o boto, passaram a observar o que acontecia com ela durante a noite até descobrir que era o boto que estava deixando sua irmã doente. Eles observaram que quando o boto boiava, as mulheres ficavam agitadas. Então eles tiveram certeza que era o boto que estava a provocar o mal estar físico nas mulheres. Ambos os relatos contam como o boto adoeceu as mulheres.

Dona Iane Batalha Carvalho (2017) nos contou que ouviu de sua avó que o boto engravidou a moça. A moça em questão era filha da comunidade e estava fora há algum tempo, por isso que não acreditava que esse ser sobrenatural tivesse o poder de engravidar uma mulher. O boto engravidou a mulher porque no momento da cópula o boto está metamorfoseado de homem, isso o leva a engravidar a mulher. A moça em questão não conseguiu ter o filho e morreu no momento do parto.

O senhor Raimundo Nonato Bentes (2017), relatou um fato acontecido com ele próprio. Contou que foi escolhido por uma bota para ser seduzido por ela. Durante umas três noites ela vinha visita-lo para seduzi-lo, porém ele não permitia, gemia bastante e o companheiro de dormida o acordava. O senhor Raimundo Nonato Bentes conta que era uma moça muito bonita que queria seduzi-lo, mas diz que não se entregou.

O companheiro de dormida que lhe alertou da possibilidade de ser boto. Eles fizeram tocaia para descobrir o que era que não o deixava dormir, e descobriram que era uma bota que havia se encantado do senhor Nonato<sup>16</sup>.

A estória contada pelo senhor Thiago Cunha (2017), aconteceu com ele próprio em uma pescaria, onde ele provocou a ira desse ser mítico, levando o boto a malinar do senhor Thiago Cunha, chegando ao ponto que levar a pique a sua pequena embarcação. O senhor Thiago Cunha nos contou que foi pescar, chegando ao lugar da pescaria viu muitos botos boiando, eles eram grandes, bonitos e gordos. Pensou que poderia mata-los para tirar a banha que tinha um alto valor de mercado. Pensou e falou em voz alta para os botos ouvirem que se ele tivesse levado o arpão os mataria. Segundo o senhor Nonato, os botos ouviram o que ele disse e entenderam o que ele queria fazer, por isso o atacaram.

Dona Aldair Almeida da Silva (2017) contou acreditar que seu marido foi encantado pelo boto. O marido de dona Aldair Almeida morreu em 2009 no fenômeno que ocorreu na comunidade e que eles acreditam ter ocorrido uma briga entre duas cobras grandes. Ele desapareceu quando as terras caíram. O corpo desse comunitário não foi encontrado, só encontraram a camisa e o calçado na beira do rio, por isso dona Aldair Almeida acredita que o boto o encantou. Para os comunitários ele se tornou um boto e sobe na comunidade todo vestido de branco. Muitas pessoas dizem que já o viram.

Dona Franciane Almeida (2017) relatou que um rapaz desafiou o boto a vir a sua casa se fosse mulher, e à noite uma bela mulher apareceu na sua casa. A partir desse fato todos os dias a mulher começou a visitá-lo diariamente. Era uma bota, ele se apaixonou por ela, foi ficando fraco, perdeu a vontade de viver e resolveu casar com ela. Os irmãos perguntavam quem era aquela moça, e ele respondia que era uma bota e que ele iria embora com ela. Uma noite ela veio buscá-lo e nunca mais ele voltou.

Essa senhora também contou que o boto engravidou uma moça que lavava roupa com água pela cintura e sentia algo passar entre suas pernas, até que apareceu grávida. A gestação durou somente três meses, ela abortou, eles enterraram o botinho. Alguns dias depois foram ao túmulo e ele estava violado. Os comunitários diziam que o boto pai foi buscar o filho.

O senhor Josinei Bentes Pereira (2017) contou sua experiência com o boto. Esse colaborador relata que o boto aparece na comunidade como visagem do calça molhada. O calça molhada anda pela comunidade e seu andar imita o farfalhar de uma calça molhada.

---

<sup>16</sup> Nome pelo qual o colaborador é mais conhecido

Sobe e desce os caminhos da comunidade jogando-se na água ao final do caminho. O senhor Josinei Bentes lembra que os tios correram atrás dessa visagem e voltaram contando que os olhos dele eram de fogo. Ele é percebido pelos cachorros que latem e são lambados por ele.

Dona Tatiana Maria Bentes (2017) relatou que por desobediência e descrença sofreu o ataque do boto. Contou-nos que quando era adolescente não acreditava que quando estivesse menstruada não poderia tomar banho no rio. Desobedecendo aos conselhos de sua vó, em uma de suas férias, chegou à comunidade menstruada. Não deu importância aos ensinamentos e tomou banho rio na companhia de suas primas. Ela nunca acreditou que o boto pudesse lhe fazer algum mal, por sua desobediência recebeu a visita noturna do boto.

O senhor Sávio Almeida (2017) relatou que sua esposa estava menstruada e foi com ele comprar leite. Lembra que ficou chateado e com medo porque boiava muito boto perto da canoa. Sua esposa fez de conta que estava tudo bem, mas ele ficou desconfiado. Passaram o restante do dia bem, à noite após o jantar se recolheram, depois de um tempo o senhor Sávio ouviu barulho e os cachorros latido. Saiu de casa e se escondeu atrás das bananeiras que havia no caminho e ele viu quando o homem todo de branco se aproximava. O senhor Sávio conta que botou o homem para correr e livrou sua mulher da maldade do boto.

O senhor Tarcísio Souza (2017), contou o ataque do boto a uma senhora que havia parido o primeiro filho. Relatou-nos umas das mais interessantes narrativas sobre o boto, ele nos apresentou a capacidade que o boto tem de tomar a forma que quiser para conseguir seu intento. A mulher em questão estava de parto, mãe do primeiro filho, morava na beira do rio. O marido saiu e a deixou só com o bebê e um garoto que ela criava. O marido foi pescar. Como resolveu pernoitar no lago, o boto tomou a forma do marido e veio para acasalar com a mulher, que nada desconfiou e abriu a porta para ele entrar. Após o ato, ele saiu da casa, foi então que ela percebeu a agitação dos botos no rio. Desse momento em diante, o sangramento virou hemorragia, após cinco dias ela morreu.

Nas mulheres é possível que ocorra um delírio secreto que é por elas sonhado. Esse sonho as torna delicadas e perdem as forças diante do desconhecido, do ser amado, de alguma maneira, do outro lado, do imaginário. Os deuses tinham o hábito de disfarçar-se em diferentes criaturas para obter sucesso nas aventuras amorosas (LOUREIRO, 2001).

Vimos nessas narrativas como o boto esta a observar os homens da comunidade, deles tudo sabem, vigiam, e quando necessário assumem o papel do marido na casa, e acabam por usurpar o leito do marido.

As experiências dos colaboradores com o boto expõe sua crença sobre naturalidade desse encantado que ataca o mundo físico como forma de proteger seu habitat que é o rio e

derrama luz nas formas de viver dos comunitários, possibilitando o entendimento do mundo a sua volta. A comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia acredita que o boto possui poderes para interferir no mundo real, por isso o respeito e o cuidado para com esse ser mitológico.

### 3.2 – O encanto do imaginário

Na maioria das narrativas coletadas a figura central é a mulher. O boto tem especial fascínio por ela, principalmente no período menstrual. Ele escolhe a sua vítima de acordo com o comportamento consciente ou inconsciente de violação das regras que norteiam o espaço entre o real e o imaginário. Apresentamos as narrativas em que a mulher é a figura principal desse sistema imaginário produzido pelo devaneio contemplativo do caboco no mundo real das águas.

O que produz a sedução do boto são as desobediências das mulheres em período menstrual. Todas as mulheres que foram molestadas pelo boto ousaram não fazer o resguardo do tempo que é necessário para o fechamento do ciclo menstrual, não observaram o tempo por descrença ou por desobediência, que é como nos fala dona Maria José Bentes Pereira (2016) quando relata que *“Eu tinha uma filha, que ela sempre, ela me dizia, sempre ralhava com ela... Mas ela levava tudo como se não fosse verdade, só que eu não deixava ela ir pra beira (quando estava menstruada)”*. A filha não acreditava no que a mãe dizia, mas dona Maria José fazia cumprir as orientações independente do que a filha pensava. A filha só ia para a beira do rio após o encerramento do período menstrual.

Dona Laura, comadre do senhor Lailson Lopes (2016) engravidou do boto porque duvidou de sua sexualidade. Como que para provar a sua virilidade, o boto a engravidou. *“Ela se sentiu grávida. Ele a emprenhou... o tempo passou assim pra ela ter a criança”*. Dona Iane Batalha Carvalho (2017) narra também a estória de uma mulher que o boto engravidou não porque foi desafiado, mas porque a mulher era descrente das ações do boto. *“Passou uns tempos ela se sentiu grávida, só que os familiares dela pensavam que ela tinha vindo grávida de Manaus”*. Na estória de dona Iane Batalha Carvalho (2017), a moça era filha da comunidade, mas foi embora ainda criança, perdeu toda a referência da cultura local, não acreditando no que os mais velhos diziam sobre o boto.

Nesses dois casos de gravidez do boto, dona Laura sobreviveu ao parto porque teve ajuda do curador, que disse que não era criança, era boto, benzeu, rezou e nasceu o botinho. O

segundo caso levou a óbito a mãe e o filho, a parteira não teve como ajudar a nascer. Durante a pesquisa não encontramos na comunidade nenhum filho de boto, o que nasceu morreu, outro nem nasceu, morreu com a mãe.

As visitas noturnas do boto deixam a mulher com aspecto doentio, elas perdem a cor e a vontade de fazer as coisas, parece que entram em um processo depressivo, é quando os familiares percebem que há alguma coisa acontecendo com ela, dorme durante o dia e geme durante a noite, passa as noites agoniadas. Foi assim que o senhor Oscar Almeida (2016) percebeu que tinha algo errado com sua irmã *“Nós sismemo que era boto, porque ela apareceu com febre, foi ficando amarela e pálida”*.

Outro que relata um fato muito parecido é o senhor Francisco Batalha (2017) que ocorreu com sua parenta: *“Ela vivia perseguida de um homem que a deixava ela toda lisa, né, que não a deixava dormir, (...). Deitava na rede com ela, fazia ela ficar dormente. Ela estava amarela”*. Outra narrativa em que o boto adoeceu a mulher é contada por dona Simone Pimentel (2017). Sua madrinha também foi vítima do boto, *“de uma hora para outra ela adoeceu. Ela estava muito doente, doente mesmo. Ela não comia nada, estava ficando pálida, só queria viver dormindo, não saia pra fora por nada. Já estava com uma semana doente”*.

Na mesma perspectiva das narrativas anteriores está a contada por dona Adailza Azevedo Almeida (2017). Ela apresenta o mesmo quadro doentio das outras mulheres atacadas pelo boto: *“de repente essa mulher, ela começou a ficar doente. Ela não saia mais de casa pra nada, era uma moleza, começou dá febre, dor de cabeça, não tinha fome, não comia, ia ficando pálida, magra, amarela”*. O senhor Djalma Bentes Batalha (2017) coloca a mesma versão na sua narrativa: *“A mulher começou a ficar amarela, dormia muito de dia, não comia, foi ficando fraca, foi ficando doente, sem força”*. Os familiares começaram a desconfiar que o boto era o responsável pela doença dela.

Dessas cinco narrativas uma é mais grave, que é o caso da madrinha de dona Simone Souza Pimentel (2017), pois o boto queria levá-la para seu encanto *“dava nela uns ataques que ela sentia vontade de ir embora pra água, ela ficava lisa, pra ir embora, pra sair da casa, ir no rumo do caminho, pra beira, assim que ela se sentia”*. Nesse, a família teve que pedir ajuda ao curador para afastar o boto.

Na narrativa do senhor Raimundo Nonato Bentes (2017), um fato acontecido com ele próprio em que a mulher é a bota fêmea. Não existe neste caso o fator desobediência e nem desafio, ela o escolheu e partiu para a sedução. A mulher que o senhor Raimundo Nonato Bentes descreve é a mulher que ele idealiza. Conta que estava deitado quase dormindo, quando *“veio aquela mulher morena... deitar na minha rede, só que eu não consentia, não*

*consentia ela deitar comigo, que me adormecia*”. Lembra que ficava dormente à medida em ela se aproximava, então para tentar se livrar ele gemia.

Da sedução da bota em forma de mulher, dona Franciane Almeida (2017) conta que havia uma família só de rapazes, na frente de cuja casa boiavam muitos botos. O menor deles um dia desafiou os botos dizendo que se fosse mulher, ele a esperaria à noite. E *“quando foi de noite ela veio, mesmo, transformado em uma mulher, loira, branca, muito bonita. Ela ficou com ele lá, e foi embora”*.

As duas narrativas apresentam a bota que se personifica em mulher para seduzir os homens. Na narrativa de seu Raimundo Nonato, ela o escolheu para copular; no caso da narrativa de dona Franciane Almeida (2017), o rapaz convidou a bota a fazer as visitas noturnas. A bota fêmea metamorfoseada em mulher apresenta as mesmas características do boto sedutor, e da mesma forma que ele, também deixa suas vítimas doentes.

Dona Tatiana Maria Bentes (2017) apresenta uma estória acontecida com ela na adolescência. Conta que foi tomar banho no rio, menstruada: *“eu menina não acreditava, ouvia as estórias, mas nunca tinha passado por isso, (...) minha vó a qual me criou, sempre contava pra nós que moça quando estava menstruada não podia tomar banho no rio”*. O senhor Sávio Almeida (2017) conta que sua mulher andou de canoa menstruada: *“eu vi que boiava muito boto, fiquei desconfiado, mas ela tava calada, tinha levado alho pra afastar as criatura”*.

Ambas as narrativas o boto atacou porque foi violado o espaço limite sagrado, que é o rio. Tanto dona Tatiana Maria Bentes (2017) quanto à esposa do senhor Sávio Almeida (2017) não respeitaram o interdito de não se aproximar do rio. Dona Tatiana Maria Bentes (2017) não só violou como tomou banho a tarde toda e a esposa do senhor Sávio Almeida andou de canoa no rio. As duas fizeram um convite inconsciente ao boto, de que ele poderia chegar à casa delas e seduzi-las.

O senhor Tarcísio Souza (2017) conta que a mulher em questão estava de parto: *“E a mulher dele teve criança e tava com uns cinco dias de parto”*. Como o marido foi pescar, ela ficou sozinha, e o boto aproveitou essa oportunidade para tomar o lugar do marido e violar o leito matrimonial. O boto personificado de esposo copulou com a mulher, provocando um sangramento, levando-a à morte. Nesta narrativa o elemento desencadeador foi o sangramento do parto, mas a mulher não teve culpa, não provocou, o cheiro forte do sangue atraiu o boto e a ausência do marido possibilitou a ação.

Em todas as narrativas analisadas sobre o boto existe um elemento que desencadeia a ação, pode ser a desobediência em não guardar o período menstrual, pode ser a descrença no

poder do boto, ou violação do interdito consciente ou inconsciente. A verdade é que no imaginário dos colaboradores o boto é um ser maligno, é vingativo, todos respeitam sua malignidade. Toda comunidade se preocupa com as atitudes humanas e as respectivas reações desse ser sobrenatural. O boto reage de acordo com o comportamento humano.

### 3.3 – Caboco bom

Em parte das narrativas coletadas, o homem aparece como aquele que vai ajudar de alguma forma a mulher a se livrar do boto, já em outra, ele é seduzido pela bota que se transforma em mulher para seduzi-lo, mas ele exerce um papel fundamental dentro da narrativa, pois é o elemento mediador da vida e da morte.

O homem aparece nas narrativas como aquele que percebe o que existe algo errado com a mulher, ou faz parte da estória que é contada. Dona Maria José Bentes Pereira (2017) conta que o homem *“tinha olhos de fogo que saltavam quando ele se abaixava”*, sendo uma visagem em forma de pessoa. Na estória do senhor Lailson Lopes Pereira (2017), o homem é o curador: *“Naquela época tinha um curador aqui, ...que ele até já morreu. Ele entendia dessas coisa... era bom..., o marido dela foi atrás dele, ele veio... puxou a barriga dela, benzeu, fez essa defumação nela, fez remédio, curou”*.

O senhor Oscar Almeida (2016), na tentativa de ajudar sua irmã, é orientado a matar o boto: *“o senhor quer matar ele, o senhor pode ir seis horas da tarde, lá pra beira e esperar, pode esperar que ele vem”*. Já o senhor Francisco Batalha (2017) conta que ele e o primo Joca decidiram para tentar pegar o boto: *“umbora matar esse boto? Umbora. compramos uma linha grande, uma comprida cortamos no meio”*, e foram para a tocaia do boto.

Na estória de dona Simone Souza Pimentel (2017), o homem é ao mesmo tempo o pai e o curador: *“O nome do pai dela era Benedito. (...) Ele era curador, veio e benzeu. Ela já estava muito mesmo doente, era toda noite que ele, o boto, ia com ela”*. Já dona Adailza Azevedo Almeida (2017) apresenta o homem como eliminador do boto: *“Os irmãos dela disseram que iriam matar o boto. No caminho da beira para casa tinha uma rameira. Eles se prepararam com arpão e foram esperar o boto”*.

No relato do senhor Djalma Bentes Batalha (2017), o homem aparece como irmão e observador do fato que aconteceu com sua irmã: *“quando eles desconfiaram que era boto que estava judiando dela, foram vigiar para ter certeza”*. O senhor Raimundo Nonato Bentes (2017) contou que como homem recebeu a visita da bota: *“Quando ela chegava pra sentar*



*comigo na beira da minha rede... eu gemia, queria gritar... só que o compadre meu batia na rede, e ela se saía... ele perguntava o que era. Eu disse que era uma mulher... morena”,* o senhor Raimundo Nonato era o protagonista da estória.

O senhor Thiago Cunha (2017) vivenciou uma estória em que o boto tem um comportamento bastante inteligente. O senhor Thiago Cunha pensou em voz alta: *“Eu fui dizer, mas falei assim sem pensar que eles iam me judiar. Eu disse assim: - Ah! Boto se eu trouxesse minha astia eu ia te dá uma arpuada”*. O boto ouviu as palavras do seu Thiago Cunha que queria mata-lo e reagiu para se defender.

Na narrativa de dona Aldair Almeida da Silva (2017), o papel do homem aparece no seu filho: *“Esse meu filho mais velho diz que ele viu o pai dele perto, acabando eu acho que não era mais ele, era dois cavaleiros que agente via”*. Ela diz que viu o boto personificado em dois cavaleiros. No relato de dona Franciane Almeida (2017), o homem é protagonista da estória: *“Um dia ele falou: se tu for mulher hoje tu vem aqui comigo”*. Ele desafiou e a noite teve a resposta.

O senhor Josinei Bentes Pereira (2017) apresenta o homem como visagem: *“Eles viram um homem passando no caminho, pra cima, subindo pra cá. Ai eles... eles viram, eles saíram correndo atrás do homem”*, representando o calça molhada. Dona Tatiana Maria Bentes (2017) relata que seu avô evitar o ataque do boto: *“o meu avô (...) era um homem sábio, experiente, observou que tinha algo estranho. E chamou a minha vó, disse pra minha vó que tinha alguma coisa acontecendo comigo”*. Como avô de dona Tatiana Maria Bentes sabia que ela tinha tomado banho menstruada no rio ficou atento aos movimentos dos cachorros que latindo anunciavam a chegada de alguém.

O senhor Sávio Almeida (2017) também evitou que sua mulher fosse atacada pelo boto, porque ela havia andado de canoa estando menstruada: *“minha mulher começou a gemer, gemer e os cachorros começaram a latir no rumo da beira. Me acordei sai de casa e me escondi atrás das bananeiras”*. Quando ele viu o homem de branco subindo na direção da casa, pulou na frente do homem e fez ele correr de volta para a beira. No caso de contado pelo senhor Tarcísio Souza (2017), o homem que era o protetor da casa saiu para colocar linha para pegar pirarucu e disse para a mulher: *“eu só vou colocar a linha e volto. (...) E pra lá colocou a linha. Como ele achou que era difícil de volta, ele resolveu ficar a noite pra lá”*. Como o protetor não voltou para dormir em casa deixou a casa sem vigilância e o boto viu o campo livre para agir, se metamorfoseou do marido da mulher.

### 3.4 – O olhar líquido do imaginário

O rio é o grande palco aberto onde tudo acontece, ele simboliza a rede da trama imaginária do caboco da várzea amazonense, o correr constante de suas águas permite o encantamento do homem pelo visível e pelo invisível. O rio para o povo amazônida representa toda força mítica que emana das profundezas e do espelho de suas águas.

Nas narrativas coletadas, o rio é o principal elemento do imaginário dos comunitários do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. É pelo rio que o boto chega para atacar sua vítimas e é para o rio que ele volta após copular com as mulheres. Boto ou bota, é o rio que traz, porque o rio é a estrada.

Nas narrativas, podemos perceber como os colaboradores relacionam as ações do boto com o rio. Dona Maira José Bentes Pereira (2017) afirma que “o boto caiu no rio”; o senhor Lailson Lopes Pereira diz que “*aqui na frente é passagem de boto, toda hora eles passa*”. A comunidade da Costa da Águia tem o rio Amazonas a sua frente, por isso é passagem constante de boto.

Nas narrativas do senhor Oscar Almeida (2017), o boto apareceu baixando o rio, assim como o curador falou: “*ele vai passar baixando, na subida dele ele vai subir, ai ele quase boiou, ele foi boiando, boiando, boiando ele sumiu pra baixo, quando agente vimos, mais bem do ladinho da ponte*”. O senhor Francisco Batalha (2017) diz que estava na tocaia quando “*eu olhei pra lá, vinha uma onda. Era baixo lá, vinha uma onda dessa altura assim, a ponte ia até lá fora. Ela veio, veio, veio que quando chegando assim, então ela foi murchando, sumindo, parou embaixo da ponte*”. A senhora Simone Souza Pimentel (2017) conta que o marido da madrinha “*viu o boto caindo na água. Ele caiu n’água, quando ele boiou na transforma de um boto, assobiando*”.

Dona Adailza Azevedo Almeida (2017): “*Eles ouviram o barulho dele boiando... (...) ele foi pra lá e voltou, se jogou n’água e foi boiar lá no meio do largo*”. O senhor Djalma Bentes Batalha (2017): “*quando o boto vinha boiando, abeirando a beira do rio, quando chegou bem no porto deles, ele se transformou*”. Iane Batalha Carvalho (2017) relata que: “*ela gostava de pescar, pular n’água*”. Raimundo Nonato Bentes (2017) lembra que a bota vinha no rio, “*ela veio boiando, mas aquilo era lentamente, ela boiou três vezes embaixo da ponte, só que nós tava lá em cima*”.

Thiago Cunha (2017) conta como ficou preso em uma árvore esperando os botos irem embora: “*olhava pra lá, tava parece um leite aquela agua, nem peixe mais boiava*

*embaixo. Ai eu olhei pra baixo e não enxerguei mais nada, tava parece um leite a agua lá embaixo, eu cismeí, disse: eles já foram embora”*. Aldair Almeida da Silva (2017) relata que o rio deve ser respeitado, porque ele é morada do boto: *“eu não gosto de mulher menstruada na beira... Eu não vou na beira... mais quando já (a beira representa o rio)”*. Franciane Almeida (2017) narra que foi para o rio que o irmão mais novo dos rapazes falou, porque: *“Os botos boiavam todo dia, na frente do porto deles”*, foi no rio que o boto ouviu o chamado.

Josinei Bentes Pereira (2017) conta que o calça molhada veio da água e para ela voltou e como o boto fica chamando atenção na frente da comunidade, *“ele se jogou n’água, “toubou”, tava tomando banho em cima da ponte. Ele se empavulava ai na Amazona. Tinha um que ele jogava pau lá em cima e aparava na boca, se empavulando, chamando atenção”*. Tatiana Maria Bentes (2017) lembra que tomou banho menstruada no rio: *“nós estávamos no interior tomando banho, pulando n’água. Eu tinha em torno dos treze, quatorze anos, e a minha vó (...) sempre contava pra nós que moça quando estava menstruada não podia tomar banho no rio”*.

Sávio Almeida (2017) narra que o boto *“se jogou n’água e foi boiar lá no largo, fáaaaaaa (imitando o som que o boto fez ao boiar)”*. Tarcísio Souza (2017) relata que só depois que o boto transformado no marido da mulher foi embora, foi então que ela percebeu a agitação no rio e *“escutou... muito boto boiando, e subiava muito forte”*.

O rio é parte integrante da vida do homem amazônico, está completamente ligado, é uma natureza intimamente relacionada, o homem entende o rio e o rio entende o homem. Toda imaginação vem do rio e para ele volta, isso alimenta o imaginário do caboco de várzea, explicando o que não tem explicação.

### **3.5 – A hora do ataque**

O boto é um ser de metamorfose noturna. Na maioria das narrativas observamos que os ataques do boto ocorrem em sua maioria no período noturno e raras vezes durante o dia. O momento escolhido para fazer as visita é após a meia noite, depois que toda família já dormiu, e como um ser inteligente que é, sobe à comunidade e vai fazer suas estripulias.

Nos relatos dos colaboradores, encontramos o dado momento em que o boto desenvolve suas ações.. À noite, aparece nas narrativas de dona Maria José Bentes Pereira (2016). Pela leitura da narrativa, o evento ocorre quando à noite se aproxima. Na narrativa do senhor Lailson Lopes Pereira (2016), existe uma ambiguidade, o fato começa de dia e é

concluído à noite: *“nesse dia o boto vinha boiando, fazendo aquele barulho fáaa (de dia). A ofensa aconteceu de dia, mas o ataque do boto foi à noite”*.

Na narrativa do senhor Oscar Almeida (2017), o fato notoriamente acontece à noite: *“de noite, dava aquelas horas, ela começava a gemer”*. No relato do senhor Francisco Batalha (2017), o evento também ocorre à noite: *“quando foi pra banda de umas nove horas ele disse: Chico, Chico”*. No caso de dona Simone Souza Pimentel (2017), o fato acontecia durante à noite: *“quando, já era tarde, lá pela meia noite”*, mas seus efeitos se prolongavam durante o dia. No relato de dona Tatiana Maria Bentes (2017), aconteceu ao contrário, começou durante o dia com ela tomando banho menstruada no rio e se desenvolveu durante a noite com a visita do boto: *“quando foi à noite deitada, no interior não tinha luz, todo mudo ia dormir apagava as lamparinas. Eu fiquei deitada, dormi, passei pelo sono”*, acordando com dormente com uma forma de homem na sua casa.

Na estória de dona Adailza Azevedo Almeida (2017), toda ação do boto se dava à noite: *“toda noite o boto vinha com ela dormir”*, fato só interrompido pela interferência da família. O mesmo caso ocorrido no relato de dona Adailza Almeida aconteceu na narrativa do senhor Djalma Bentes Batalha (2017), o fato se dava sempre à noite *“quando eles ouviram o boto vinha boiando, e fazendo aquele barulho, fáaaaaa, já era tarde da noite”*. Os irmãos que quebraram o ciclo de visitas do boto e o de Dona Iane também se enquadram nesse padrão noturno de ações do boto: *“só que a mãe dela falava que de noite ela gemia muito”*, e não deixava ninguém dormir.

No relato do senhor Raimundo Nonato Bentes (2017) não era boto e sim bota que se transformava em mulher e durante à noite vinha tentar seduzi-lo: *“quando foi por uma parte dumas nove horas da noite apareceu aquela mulher morena”*. No relato do senhor Thiago Cunha (2017) aconteceu durante o dia: *“eles estavam boiando lá naquele buraco limpo lá, tavam só boiando assim (pela descrição o fato aconteceu de dia)”*. Os botos reagiram às palavras do senhor Thiago Cunha pois falou que queria matá-los. Acontecimentos ocorridos durante o dia também temos no relato de dona Aldair Almeida: *“quando a primeira janela estava desabando, nós olhava pro outro lado da terra, os dois ditos cavalheiro estavam do outro lado olhando”* (o fato parece ter acontecido durante o dia) as terras começaram a cair pela manhã, prolongando-se pela tarde.

Na narrativa de dona Franciane Almeida (2017), o evento ocorria durante a noite: *“quando foi de noite ela veio, quando foi de noite ela veio”*. A bota vinha dormir com o rapaz. A estória do senhor Josinei Bentes Pereira (2017) também aconteceu durante a noite:

“de noite ele contava”. Ele reforça que o pai dizia que era a noite que o boto transformado em calça molhada passeava na comunidade.

A experiência do senhor Sávio Almeida (2107) começou de dia, quando a sua mulher que estava menstruada foi com ele de canoa comprar leite, e teve seu ápice no decorrer da noite: “de noite nós jantemos e fomo pra dentro, aqui agente se recolhe cedo... apaguei a lamparina e fomo dormir. Lá pelas tantas da noite, minha mulher começou a gemer, gemer e os cachorros começaram a latir no rumo da beira”. O período noturno aparece ainda na narrativa do senhor Tarcísio Souza (2017). O marido da mulher foi pescar e não voltou, o boto assumiu o papel do marido: “quando foi de umas oito horas, ela escutou, ela contou pra ele, escutou um barulho duma canoa todo jeito do homem”.

Nas narrativas, podemos intuir que o boto escolhe o melhor momento para executar suas peraltices, dependendo da necessidade ele ataca de noite ou de dia, mas é à noite que ouvimos os colaboradores dizerem que o viram se transformar em homem. Durante o dia, ele absorve os interditos, as ofensas, os desafios e à noite faz as punições pelo desrespeito humano.

### 3.6 – As marvadezas do boto

Para os moradores da Costa da Águia, o boto é um animal maligno, “marvado” como diz o senhor Djalma Bentes Batalha (2017), suas proezas só trazem prejuízos para quem é afetado e para a família que tem que lidar e fazer a interferência nas suas malvadezas.

Os relatos aqui expostos foram retirados das narrativas dos colaboradores da comunidade da Costa da Águia.

Marvadezas do boto	
Maria José Bentes Pereira	Ele passou por baixo de uma cerca e caiu n'água, Dona Maria acredita que o boto pode tomar a forma humana Para Dona Maria, o boto existe, mas só “malina” ou “bate” (faz adoecer), se for incomodado, ou desrespeitado.
Lailson Lopes Pereira	Olha, tem um boto aqui grande, que aparece aqui, ele vem de vez em quando, só que passa muitos tempos. Ele corre toda essa costa do Amazonas pra cima e pra baixo. Ele boia lá fora, ele boia com um pedaço de pau assim na boca né. Ele joga pra cima, assim, ou bola de barro, um botão vermelho né, fica diz que se impavulando pra chamar a atenção.
Oscar Almeida	O boto, todo como o cara falou pra nós acontecia, ele passou baixando.

Francisco Batalha	Quando nós risquemos o fosforo, ele deu uma rebanada embaixo da ponte, pou e saiu batendo pou, pou, pou (rs). Chegou lá fora ele espirou, piaaaa. E foi embora no rumo do outro lado do Amazonas. (O boto?) O boto. Ele estava embaixo da ponte. Ele sentiu, sentiu.
Simone Souza Pimentel	Ele se levantou num transforma de homem. Ele pegou o caminho da casa, passou embaixo da árvore que ele estava. Ele ficou olhando (o marido). Quando ele chegou na porta, ela começou a gemer lá pra dentro. Ele entrou se serviu (manteve relações sexuais com ela) dela e saiu de volta. Quando ele passou de volta embaixo da árvore o marido disse que ele não teve coragem, que era um homem.
Adailza Azevedo Almeida	O boto subiu na ponte e se transformou num homem. Ele veio subindo na direção da casa. Ele foi pra lá com ela, passou embaixo da rama, e foi lá pra casa. Quando ele vinha de volta, depois dele manter relações sexuais com ela, passou embaixo da rama que eles estavam lá encima, eles arpuaram. Quando eles arpuaram ele correu de volta para água, eles foram colhendo a linha na direção d'água. Chegou na ponte e se jogou n'água.
Djalma Bentes Batalha	Eles viram, ele chegou boiando, foi direito na ponte, boiando... no rumo da ponte. Ele veio boiando, boiando, boiou bem pertinho da ponte. Eles viram o homem se levantar todo de branco e vir subindo no rumo da casa, eles deixaram ele ir pra lá com ela. Na saída, quando ele passou onde estavam esperando, eles deixaram ele passar um pouco assim, estava tudo do jeito, eles deram na costa dele, ele só deu-lhe uma carreira, correu no rumo da ponte e caiu para dentro d'água, eles foram mata ele, já não era mais homem, era boto
Iane Batalha Carvalho	Com três dias foram lá ver, lá onde tinham enterrado ela. Falaram que tinham visto pegada de lá. Tinham mexido lá no buraco e falavam que era o boto que tinha que desenterrado a criança, levou o filho. Falaram que foi o boto que foi buscar o filho, mas eles não tiveram coragem de mexer no túmulo. Eles falavam que era o boto que tinha ido lá.
Raimundo Nonato Bentes	Depois que ele disse que era boto que nós tinha matar com ela, porque se eu chegasse a me entregar pra ela, né. Se fizesse amor com ela, ela ia me prejudicar mais, ela ia me maltratando mais, porque ela vinha toda noite.
Thiago Cunha	Quando eu me recordei, o meu casco não era muito pequeno, meu casco era bem grande, eles botaram pra me alaga, era rebojo pra todo lado. Eu olhava pra todo lado né, eu fiquei sei lá. Eu vi que eles iam me alaga que era um daqui outro dali, aquela água mesmo assim como palheta de motor.
Aldair Almeida	Mãe tem dois cavalheiros lá em casa, vieram emprestar tabaco, é o tio Junior. Ai nós voltamos, fomos pra lá. Nada mais dos cavalheiros. E nem era o meu genro, ele tava no Chibuí reunindo gado. Por isso que eu digo

da Silva	assim, que era esses botos, que fez acontecer isso, cair essas terra, mataram meu marido. Eu tenho um pavor... de boto.
Franciane Almeida	Quando foi de noite ela veio, mesmo, transformado em uma mulher, loira, branca, muito bonita. Ela ficou com ele lá, e foi embora.
Josinei Bentes Pereira	Eles diziam que não sabiam o que era, se era o calça molhada que andava ai. Sempre, ele de vez em quando ele passa aqui. Tempo da semana santa ele sempre passa. Dizem que não sabem se é o boto que sai em terra. Porque o calça molhada eu acho que ele é o boto que sai em terra. Se ingeria pra homem, ai ele vai embora na estrada pra cima. Da estrada... acho que ele cai nagua porque eu não vi mais. Acho que ele procura alguma coisa. Fica andando procurando quem ele malinar.
Tatiana Maria Bentes	Meu corpo parecia todo pesado, e senti uma pessoa, um homem. Um homem somente de sunga, com chapéu sentar na beira da minha rede. Não consegui ver o rosto também. Mas lembro-me que foi o desespero. Tentei, tentei me movimentar e não conseguia.
Sávio Almeida	Me escondi...rapaz tu sabe que vi, eu vi de verdade, um homem todo de branco subindo no rumo de casa e os cachorro encima. Ele veio, veio, veio chegou assim comigo... dei um pulo na frente dele... rapaz o bicho virou de volta no rumo da beira, e eu atrás.
Tarcísio Souza	Chegou arrumou os arreio e chamou pelo nome dela, pra ela abrir a porta. A casa de primeiro dos mais pobres era só porta de palha. Ai ela disse que ia ascender a lamparina. Ele disse que não, que não precisava ascender que ele ia entrar assim mesmo. ai ela abriu, e ele entrou. Depois que ele entrou pra dentro, mas tudo, ela não enxergou porque era escuro, mas tudo do jeito do marido, entendeu. Deitou no lado dela, e ela não queria que ele deita-se, ele insistiu, deitou, a convenceu a mulher. Depois que ele saiu pra fora, ele.

Podemos observar que o boto usa de diferentes estratégias para chegar até sua vítimas e fazer as suas malinidades. Ele se apresenta como um ser muito inteligente e que vive a vigiar as ações humanas. Do homem, tudo ele sabe e tudo vê, fica à espera de uma oportunidade para atacar.

### 3.7 – Várzea mítica

A comunidade da Costa da Águia parece estar envolvida em uma aura mítica imaginária. Em dois mil e oito ocorreu na comunidade um fenômeno conhecido aqui na

região de terras caídas<sup>17</sup>. O senhor Oscar Almeida (2016), morador da comunidade, associa em suas narrativas a cobra grande ao fenômeno que aconteceu nessa área no ano de 2008, onde ocorreu um grande desmoronamento de terra que fez desaparecer grande parte do local e levou a óbito um morador.

As estórias contadas nas narrativas aconteceram na comunidade da Costa da Águia e ajudam a explicar como cada colaborador compreende o mundo a sua volta, tentando organizar o espaço social pela orientação que cada família ensina principalmente para as mulheres da família, colocando através das narrativas do boto as regras que normatizam a vida social da comunidade.

Analisando as narrativas da comunidade, podemos ver como os pais estão preocupados com as filhas e o ataque do boto. Cada família, quando a filha esta menstruada, muda sua rotina para dar assistência à mulher, pois o período menstrual é o período em que a mulher está vulnerável às ações do boto.

Dona Maria José Bentes Pereira (2016) diz que todos se conhecem bem na comunidade, e que orienta sua filha quanto aos cuidados com o período menstrual, mas diz que a filha não acredita. Ela lamenta que a escola coloque em xeque seus ensinamentos, pois, quando as meninas estão menstruadas, elas não vão para a escola, e os professores dizem isso é lenda, que isso não existe. Os professores reforçam a ideia de que a menstruação não é doença, e de fato não é, mas deve-se usar o bom senso diante da crença da comunidade. Porque a forma como eles pensam não irá mudar de uma hora para outra. É preciso habilidade para trabalhar a questão menstrual que para os moradores é um tabu, não podendo ser falando abertamente.

O senhor Lailson Lopes Pereira (2016) é esposo de Dona Maria José e, como pai, diz que *“por aqui, nós tem cuidado... os pai não deixa as filha ir pra beira do rio assim..., assim doente (Menstruada)... porque ele pode judia da pessoa...ele não judia só da pessoa, também de outro, daquele que passa no caminho dela”*. Esse pai se preocupa com as filhas e com a comunidade porque o mal não vem só para quem está no ciclo.

Dona Adailza Azevedo Almeida (2017) diz :*“quando eu estou naqueles dias... eu não vou na beira e não saio de casa, porque eu tenho medo de boto, e aqui boia muito”*. Fala que os botos são muito frequentes na comunidade. Quanto ao aparecimento frequente do boto na frente da comunidade, dona Simone Souza Pimentel (2017) afirma que *“aqui na Águia tem muito boto, ali onde caiu a terra, lá que tem, tem gente que já viu ele transforma em homem*

---

<sup>17</sup> Fenômeno que acontece nas comunidades ribeirinhas devido o movimento dos banheiros nas margens do rio, que faz cair constantemente parte da ribanceira.



*nadando no meio do rio, quando eles voltam pra ver desaparece, é ele de certeza*". Ela se refere ao lugar onde as terras caíram que se tornou um lugar de encanto.

O senhor Djalma Bentes Batalha (2017) também nos dia que está em sua casa orienta sua companheira e as filhas dela que *"quando não puder ir pra beira é pra dizer. Devem se guardar não sair de casa, carregar água nada, nada. Quando estão de parto é a mesma coisa. Se desobedecer, elas que sabem, o boto vai malinar delas"*. Embora o senhor Djalma Bentes Batalha diga que se elas forem para beira quando não puderem (quando estiverem menstruadas) e o boto atacá-las, ele nada poderá fazer, mas ele também é responsável em ajuda-las se defenderem do boto, pois é responsabilidade dele vigiar para que elas respeitem as regras.

Dona Iane Batalha Carvalho (2017) ressalta: *"na comunidade nós respeitamos muito isso, no período que esta na menstruação não fazemos nada, as meninas que estudam nem vão para a escola"*. Nesta afirmativa, podemos compreender que dona Iane Batalha respeita as normas que orientam o comportamento das mulheres em período menstrual e reforça a ideia que as meninas quando estão menstruadas não vão para a escola, porque os caminhos da comunidade acompanham o contorno do rio, muito próximo da água, e, portanto, próximo do boto também.

O senhor Raimundo Nonato Bentes (2017) comenta que *"na comunidade os pais pedem pra filha (...) que quando elas tiverem com a menstruação delas pra elas não andarem assim, pois o boto pode malinar. Tem muitos casos de ataque de boto nas mulheres"*. O mesmo acontece com dona Aldair Almeida da Silva (2017) que relata: *"eu não gosto de mulher menstruada na beira... Eu não vou na beira... mais quando já, Deus me livre. Nem minhas noras. Eu falo pra elas, não irem pra beira quando elas estiverem menstruadas"*. O senhor Raimundo Nonato diz que já aconteceram muitos ataques de boto a mulheres da comunidade, porque ela não obedeceram às regras de não sair de casa quando estiverem menstruadas. E dona Aldair Almeida reforça que ela, as filhas e as noras não vão à beira do rio nesse período.

Dona Franciane Almeida (2017) comenta que o boto gosta de judiar das mulheres que até já chegou a engravidar mulheres: *"na comunidade ele só faz judiar. Os filhos do boto não crescem, eles morrem. Não nasce criança, não se cria, porque não nasce mesmo gente. Nasce depois morre"*. Já dona Tatiana Maria Bentes (2017) diz que quem mora na comunidade sabe que *"a moça quando esta menstruada não desce ao rio, ela toma banho encima. As pessoas vão buscar água pra que ela possa tomar o banho, porque muitas vezes eles não judiam só da moça que esta menstruada, mas de outras pessoas"*. Sobre esse cuidado

que a mulher deve ter no período menstrual, o senhor Sávio Almeida (2017) disse à esposa quando ela andou de canoa sabendo que não podia e o boto veio para ataca-la: *“eu falei pra ti, mas tu não dá confiança, não pode andar menstruada de canoa, se eu não estou atento agora ele já tinha feito sabe lá o que contigo”*.

Essas três narrativas explicam o quanto a comunidade se preocupa com o ataque do boto porque as mulheres não respeitam as regras do interdito. Dona Franciane Almeida lembra que não há na comunidade filhos do boto. Ele até chegou a engravidar as mulheres, mas os filhos morreram no nascimento, outras morreram tentando dar à luz. Dona Tatiana Maria diz que a comunidade sabe quando a moça está em período menstrual, pois ela não desce e toma banho na casa com a água que os familiares carregam para que ela possa fazer os trabalhos domésticos.

Podemos perceber que a comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia pauta sua rotina cotidiana nos cuidados com as mulheres que estão em período menstrual, que a família se reveza para carregar água e assim ela não terá necessidade de sair de casa para ir à beira do rio. A ida ao rio da mulher em período menstrual é um desrespeito para o boto, que é um ser sobrenatural e que é fortemente atraído pelo cheiro do sangue, podendo malinar da mulher e da comunidade, por isso todos o temem. Os comunitários acreditam que o boto tem poderes de transformar-se em homem subir à comunidade e fazer maldades, principalmente com as mulheres.

### **3.8 – O imaginário: criação, recriação e ordenação da realidade**

As narrativas do boto coletas na Comunidade do sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia nos mostram como a magia e o encantamento sobre esse encantado se fazem presentes no cotidiano de seus moradores. Eles representam a força e as raízes do homem dessa região, que carrega em sua memória a recordação mítica que é eterna.

A memória das narrativas do boto é alimentada pelo imaginário que é despertado de forma diferente. A natureza ajuda a alimentar o imaginário e participa da sobrenaturalidade. É pelo imaginário que ocorre a ordenança da realidade através da interpretação do que seja o real. Na comunidade da Costa da Águia, as narrativas sobre o boto representam a forma de perceber o mundo dessa comunidade ribeirinha, pois sua interpretação se coloca como a representação do poder sobrenatural que os moradores atribuem ao boto.

No imaginário de dona Maria José Bentes Pereira (2016), as narrativas do boto fazem a representação social da coletividade da comunidade, pois é em volta dessas histórias mantém sua unidade, mesmo que tenha que se fazer uso da força. Para essa colaboradora é necessário que se respeite os poderes do boto.

O senhor Lailson Lopes Pereira (2107) acredita que sua comadre Laura deu à luz um filho de boto: *“o filho não era do marido dela, era do boto tucuxi, (...) ela teve...eu ainda vi... ficou lá no vidro de álcool pra mostrar. Tinha um botinho assim desse tamanho, pequeno... tinha rabo, tudo, tudo, tudo. Agente via que não era gente, porque não tinha jeito de gente”*. A ciência explica que os cromossomos humanos são diferentes dos cromossomos do boto, como explicar essa gravidez? Como dizer para o senhor Lailson Pereira que isso não é possível? Para o imaginário tudo é possível, é real para quem vivencia, é dogmático, religioso não cabe questionamento. No imaginário de seu Lailson Pereira a comadre dele deu à luz um filho de boto, ele viu, era um botinho, nos dizeres dele, *“perfeitinho”*. A ciência pode explicar como uma deformidade do feto, e até me convence que seja, mas na comunidade prevalece que era um filho de boto.

Para seu Oscar Almeida (2017), que foi em busca do curador para entender o que acontecia com sua irmã e foi aconselhado a matar o boto, o boto se transforma em homem, isso é real. Ele e o irmão se prepararam para matar o boto, mas a dúvida se ia matar um humano ou não o fez desistir do intuito de matá-lo. Ele conta que *“meu irmão ficou no pé de uma bananeira, que eu sempre gosto de plantar bananeira na frente de casa e eu fiquei na outra, só que nisso, daí tinha um outro cara que também manjava desse negocio, espírito né, e ele não deixou que acontecesse”*. Quem não deixou o senhor Oscar Almeida matar o boto foi um outro comunitário que entendia de espírito e disse que ele ia matar uma pessoa e não o boto. O senhor Oscar Almeida passeia entre o real e o imaginário, chegando ao ponto de não saber mais o que é real e o que é imaginário.

A mesma dúvida permeia o pensamento do marido da madrinha de dona Simone Souza Pimentel (2017), que também foi aconselhado pelo curador a matar o boto para libertá-la. Ela conta *“(...) ele boiou debaixo da ponte, ele ficou olhando para a ponte, ele viu..., ele se levantou num transforma de homem. Pegou o caminho da casa (...). Quando ele passou de volta embaixo da árvore o marido disse que ele não teve coragem, que era um homem”*. O marido não matou o boto pelo mesmo motivo do senhor Oscar Almeida: pensou que poderia ser homem de verdade, por isso deixou passar. Teve certeza que era boto quando ele caiu na água e boiou na sua forma natural.

O senhor Francisco Batalha (2017) conta que sua prima “*contou para minha mulher, que ela vivia perseguida dum homem..., deixava ela tudo lisa, né, que não deixava ela dormir, vinha ficar com ela um dia sim, um dia não. Deitava na rede com ela, fazia ela ficar dormente*”. Pelo relato de sua mulher, o senhor Francisco Batalha “sismou”, ou seja, desconfiou que fosse o boto que está molestando sua prima. O senhor Francisco Batalha deduziu que era boto pelas características apresentadas na narrativa. O boto é um peixe que não tem escamas, quando se transforma em homem e com a pele molhada produz um líquido viscoso característico dos peixes, isso pode justificar o imaginário de deixá-la lisa.

No imaginário de dona Adailza Azevedo Almeida (2017), do senhor Djalma Bentes Batalha (2017), do senhor Sávio Almeida (2017), do senhor Raimundo Nonato Bentes (2017), o boto se transforma em homem. Eles relatam: “*O boto subiu na ponte e se transformou num homem*” (Adailza Azevedo Almeida, 2107); “*ele Contava que o boto se ingeria pra homem, que dorme com as mulheres e deixa-as doente. E não é só boto eu que se vicia com mulher, a bota também se vicia com homem*” (Djalma Bentes Batalha, 2017); “*rapaz tu sabe que vi, eu vi de verdade, um homem todo de branco subindo no rumo de casa e os cachorro em cima. (...) eu dei um pulo na frente dele... rapaz o bicho virou de volta no rumo da beira, e eu atrás*” (Sávio Almeida, 2017); “*É por isso que eu digo, jurava que era ela, era ela mesmo, porque... acabou com aquela mulher bonita. Ela era muito bonita, uma morena, só que eu não consentia ela deitar comigo, porque ela me adormecia tudinho*”(Raimundo Nonato Bentes, 2017);

Dona Aldair Almeida da Silva (2017), dona Franciane Almeida (2017) e de dona Tatiana Maria Bentes (2017) também acreditam na capacidade do boto em se ingerir para homem ou mulher. Eles dizem: “*O homem de branco, em pé, vinha do porto, agente via pelo canto assim das plantas. (...) era dois cavalheiro que agente via. E era o boto, era mana*” (Aldair Almeida da Silva, 2017); “*eles viram vir muitas canoa cheia de gente. Pararam no porto deles e levaram ele. Nunca mais ele voltou*” (Franciane Almeida, 2017); “*meu corpo parecia todo pesado, e senti uma pessoa, um homem. Um homem somente de sunga, com chapéu sentar na beira da minha rede. Não consegui ver o rosto também*” (Tatiana Maria Bentes, 2017).

Para esses colaboradores, o boto se transforma em homem para seduzir e amar as mulheres que por algum motivo lhe chamaram atenção, seja de maneira consciente ou inconsciente, o boto é o amor proibido, por isso as mulheres são perdoadas, porque elas estão sob o efeito de encantamento quando estão com o boto homem. Para ele não existe o perdão,

deve morrer porque interferiu no mundo real. Com esse encantado caminha o amor, a vida e a morte.

A narrativa do senhor Raimundo Nonato Bentes se diferencia porque é a bota que se transforma em mulher e sai em busca do seu escolhido, não há relação de desrespeito. A bota seleciona sua vítima e parte para o ataque. Em forma de uma linda mulher, seduz quem ela deseja, e ele nada pode fazer, porque está sob encantamento. Mas o senhor Raimundo Nonato não permitiu o contato, diz que ela ia prejudicar ele.

As narrativas nos apresentam as mulheres que foram amadas pelo boto e que dessa relação amorosa ocorreu a gravidez. Dona Iane Batalha carvalho (2017) relata que sua vó contava que quando a mulher *“entrou em trabalho de parto ela não pode ter a criança, ela não nascia. Foram chamar a parteira, e ela não pode ter a criança. A parteira falava que quando dava a dor pra nascer, só fazia botar um bico, que era parecido com o do boto”*. O imaginário de dona Iane Batalha é alimentado pela história contada por sua avó: na época diziam que era um filho de boto que a mulher tinha na barriga.

Esse imaginário é alimentado pela parteira que foi chamada para ajudar no parto. Contava que o que saía de dentro da mulher na hora das contrações era algo que ela associou ao bico do boto. A moça morreu, a criança não nasceu, ficou a história para ser contada de que ela estava grávida de boto.

Com o senhor Thiago Cunha (2017), o boto mostrou sua inteligência e capacidade de reagir às situações de perigo impostas pelo homem. O senhor Thiago Cunha foi pescar e no local da pescaria se deparou com botos que boiavam no lago. Achou os botos bonitos para matar e tirar a banha para vender e em voz alta disse que se tivesse um arpão mataria os botos. Segundo ele, no mesmo momento eles pararam de boiar. Fez-se silêncio. Quando o senhor Thiago percebeu, estavam tentando alagar a canoa em que ele estava. O Senhor Thiago Cunha se protegeu subindo em uma árvore no lago.

Os botos sabiam que o senhor Thiago estava na árvore e começaram a bater para que ele caísse de lá. O senhor Thiago conta: *“parecia que eles queriam colocar a cabeça pra cima pra ver onde eu tava. Eles sabiam onde eu tava. Olha, eles batiam assim com o rabo no pau, balança assim, batia um daqui e um dali, e eu com medo”*. No imaginário de seu Thiago Cunha, o boto pensa, toma decisões e executa. Ele afirma que os botos queriam se vingar pelo que ele falou, pois eles são gente encantada que mora no fundo do rio. E são “marvados”.

O senhor Josinei Bentes Pereira (2017) conta uma história em que o boto é uma visagem em forma de homem que passeia na comunidade, diz que seus tios viram um homem desconhecido passar em frente a casa deles e que eles resolveram correr atrás do homem. Ao

se aproximarem, “o homem foi se abaixar embaixo da cerca, aquela brasa do zolho do homem caiu”. Os tios do senhor Josinei Bentes correram de volta para casa e contaram o ocorrido e prometeram que não voltariam a correr atrás de desconhecido.

No imaginário do senhor Josinei Bentes, o boto pode se transformar em qualquer coisa, até em visagem para assustar as pessoas. A visagem parece ser toda desmontada, tanto que os olhos caem como bolas de fogo, assustando quem vê. A visagem deixou o olho cair para que os dois deixassem de persegui-la, e eles voltaram assustados, dizendo que não iam mais correr atrás de ninguém, até porque era de noite no escuro, o perigo é maior ainda.

A narrativa imaginária do senhor Tarcísio Souza (2017) contada por seu avô é emblemática e bastante interessante, pois nos apresenta um outro contexto de transformação do boto. Nessa narrativa está toda força do imaginário caboco para dizer que uma mulher de parto não pode manter relações sexuais, pois está ferida em suas entranhas e o ato sexual desencadeia a hemorragia que o sangramento desregrado, levando de fato a mulher à morte.

Mas não é só isso o boto passa a personificação, adquire a forma do marido em todos os sentidos, voz, trejeitos, comportamentos, como forma de convencer a mulher a deixá-lo entrar. Tendo o marido ido pescar, a mulher ficou esperando, ele disse que ia voltar. Ao ouvir o barulho de canoa chegando, pensou ser o marido: “ela escutou, ela contou pra ele, escutou um barulho duma canoa todo jeito do homem. Chegou arrumou os arreio e chamou pelo nome dela, pra ela abrir a porta”. Fez igual como o marido fazia, para ela era o marido: pediu para ela abrir a porta, mas disse para que ela não acendesse a lamparina, não era necessário.

Entrou, convenceu a copular com ele, ela não queria mais cedeu. Ao término ele saiu. Só então ela percebeu que não era o marido, pois os botos estavam agitados no rio. O calafrio tomou conta do seu corpo seguido de muita febre. Pela manhã quando o marido retornou a encontrou sangrando muito. Ela contou a história para ele e morreu cinco dias depois.

O boto nada respeita, é um ser maligno por natureza, parece estar à espreita da vida humana, acompanha cada movimento, tudo sabe, tudo vê, espera a hora para agir e causa mal estar físico e psicológico em suas vítimas. Seu intuito é fazer o mal, perturbar a alma humana. Mas não podemos esquecer que ele é movido pelas ações do homem, e na maioria das vezes o homem não respeita o animal.

O respeito é o principal elemento moral que permeia essa relação do homem com a natureza. Se o homem não respeita esses seres, ele recebe uma punição pela falta de respeito

pela desobediência: *“é que tem pessoas que não sabe respeitar um... até os animais eles precisam também que agente tenha respeito com eles”* (Oscar Almeida, 2016).

Os moradores da Costa da Águia se preocupam com a falta de respeito de algumas pessoas com os encantados, pois isso leva a pessoa a adoecer, a ser batido pelo boto. Independente disso, o boto pode simplesmente se enamorar por uma jovem ou uma mulher casada, vindo visita-la todas as noites.

O mundo sobrenatural ajuda a aceitar como verdade os relatos narrativos de ataque do boto na comunidade. Para a comunidade, depois que as terras caíram em dois mil e oito, o lugar onde tudo aconteceu se tornou um lugar de respeito. Eles relatam fatos cotidianos que acontecem no “buraco” como sendo sobrenaturais.

No imaginário desse colaborador o boto é capaz de ouvir o que os humanos falam, ele está no rio. Para o senhor Oscar Almeida (2016), *“esse tipo de boto não é comum”*, diz que ele é “diferenciado”, porque não compreende como isso acontece, o boto comum cai em sua malhadeira de pesca, o diferenciado não é pescado.

### **3.9 – O portal para o imaginário**

A comunidade do sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia está localizada em uma várzea às margens do grande rio Amazonas. Cada casa tem um porto e cada porto tem uma ponte onde se lava roupa, toma banho, se amarra a canoa e algumas vezes se pesca. Mas nas narrativas coletadas na pesquisa, a ponte tem uma outra função, serve de mediação entre o mundo real e o irreal.

O rio é a fonte de vida do caboco de várzea, dele é retirado o sustento diário, ele é o caminho que leva para o trabalho, à pescaria e é o mesmo que traz o homem de volta para casa. É nessa liquidez que o homem contempla a natureza e é dela que surge o imaginário dos seres encantados que habitam o fundo do rio como o boto, que é o objeto da pesquisa em questão.

È verdade que tudo vem do rio, mas é verdade também que é na ponte que o boto se transforma em homem. *“O boto subiu na ponte e se transformou num homem. (...) Ele chegou na ponte e se jogou n’água”* (Adailza Azevedo Almeida, 2017); *“ele foi boiando, boiando, boiando ele sumiu pra baixo, quando agente vimos, mais bem do ladinho da ponte. Quando chegou em baixo da ponte, é assim meio ribanceira, ele vai subir”* (Oscar Almeida, 2016); *“... a ponte ia até lá fora. Ela veio, veio, veio que quando chegando assim, então ela foi*

*murchando, sumindo, parou embaixo da ponte. (...)Ele estava embaixo da ponte”* (Francisco Batalha, 2017); *“Lá vinha ele boiando lentamente, boiou debaixo da ponte, ele ficou olhando para a ponte, quando ele viu..., ele se levantou num transforma de homem”* (Simone Souza Pimentel, 2017); *“Ele veio boiando, boiou bem pertinho da ponte. Eles viram o homem se levantar todo de branco e vir subindo no rumo da casa(...). Na saída (...) ele correu no rumo da ponte e caiu para dentro d’água, eles foram matar ele, já não era mais homem, era boto”* (Djalma Bentes Batalha, 2017); *Ela veio boiando, mas aquilo era lentamente, ela boiou três vezes embaixo da ponte”* (Raimundo Nonato Bentes, 2017); *“Uma vez meu irmão viu ele cair de cima da ponte. (...) tava tomando banho encima da ponte”* (Josinei Bentes Pereira, 2017); *“Quando chegou na ponte ele se jogou n’água”* (Sávio Almeida, 2017).

Nas narrativas a ponte é o portal da transformação, da metamorfose. É na ponte que o boto se ingera em homem, e é através dela que ele volta para o rio, retornando a sua forma natural. É na ponte que o imaginário se concretiza no começo e no fim. A ponte está dentro do rio isso permite a portabilidade do imaginário caboco. A ponte é o elo entre o real e o imaginário.

O estudo desse capítulo nos colocou dentro do imaginário da comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Verificamos que seus moradores possuem uma relação mítica com rio, com a natureza. Esse misticismo se manifesta nas narrativas imaginárias do boto. As narrativas explicam toda a dinâmica cultural e social que vive a comunidade. Elas ordenam e organizam a vida coletiva da comunidade, mantendo a união de seus pares, explica sua forma de conceber o mundo a sua volta, explicam o inexplicável. Os colaboradores consideram que o boto é um ser sobrenatural, possuidor de poderes que permite o “ingerar-se” em homem ou mulher, chegando até mesmo à personificação do ser desejado, para que possa atingir o seu objetivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para o homem amazônico, os encantados são entidades sobrenaturais que emergem da religiosidade popular. Eles habitam a floresta e os fundos dos rios, tanto protegem quanto castigam os homens e a comunidade que não respeito à natureza. Para o caboco, os encantados possuem uma morada permanente que é o encanto. A localização do encanto é o fundo do rio, eles possuem poderes sobrenaturais que podem ser usados em homens e mulheres da comunidade, provocando-lhes doenças físicas e espirituais.



O homem da várzea amazônica usa as narrativas para explicar e compreender seu mundo físico e mitológico. O tempo aperfeiçoou as narrativas, produzindo pequenas variações nos relatos dos ribeirinhos. Os mitos se modernizaram para continuar existindo, e o boto sedutor, o Don Juan das águas já não seduz somente as moças, mas também agora os rapazes. Essa variação da narrativa foi observada na comunidade da Costa da Águia, onde coletamos relatos de homens que foram seduzidos pelo boto fêmea, “ingerado” em mulher.

É difícil neste imenso território amazônico diferenciar o real do imaginário, pois o imaginário é presente no dia a dia do caboco que aqui faz sua morada, uma vez que ele vive em ligação direta e constante abstração com a natureza.

Para os homens e as mulheres da Costa da Águia, o boto se faz presente em toda e extensão do rio. Pelo seu imaginário, o boto se reveste de uma magia inabalável, ele mora no fundo do rio e não morre. Embora os moradores contem que mataram ou viram alguém matar um boto, ele continua aparecendo, porque um encantado não morre, ele é espírito, não está mais nesse plano.

Nas narrativas do boto, homens e mulheres são seduzidos pelos poderes sedutores do boto que, com seus poderes sobrenaturais se metamorfoseia em homem e mulher de beleza indescritível e atacam suas vítimas, que nada podem fazer para resistir ao sedutor encanto. As narrativas sobre o boto se fazem presentes na memória oral dos moradores da comunidade da Costa da Águia, elas aparecem em várias vertentes, esse encantados do fundo fazem parte das crenças desses moradores.

O estudo das narrativas imaginárias do boto da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia nos mostrou que a inquietação que moveu essa pesquisa foi confirmada, na medida em que as narrativas imaginárias analisadas mostraram o quanto à comunidade é influenciada pelas ações que o boto pode causar nos moradores. Elas orientam e organizam as ações da comunidade que gira em torno do cuidado com as mulheres em período menstrual.

Na comunidade quando uma menina começa a menstruar, os cuidados são redobrados pela família, pois existem muitas histórias sobre o boto, entre elas a ideia de que ele seduz as mulheres, se enamora delas, chegando ao ponto de engravidá-las. E para que isso não aconteça, a família toma as precauções necessárias.

A problemática da pesquisa foi respondida, pois verificamos que toda comunidade é de alguma forma influenciada pelas narrativas imaginárias do boto, visto que em período menstrual as mulheres não podem sair de casa, nem para ir à escola. Os pais não deixam as

filhas irem e o transportador escolar não leva a menina, acreditando que por estar menstruada pode atrair a malineza do boto para a embarcação e para quem nela viaja.

O método utilizado para a pesquisa foi a história oral, que colocou as entrevistas dos colaboradores como ponto central das análises, observando nos colaboradores gestos, fala e até mesmo resguardando-lhes o direito que ocultar o que não queriam revelar. O não querer falar foi uma das dificuldades encontradas, pois alguns moradores se esquivaram em participar da pesquisa, alegando que nada sabiam sobre o boto.

O embasamento da pesquisa ocorreu pela leitura de teóricos como Gilbert Durant, Cornelius Castoriadis, Paes Loureiro, entre outros, que nos ajudaram na compreensão e análise dos fenômenos em estudo. O quadro teórico contribuiu positivamente para a realização do trabalho.

Após uma leitura atenta das falas dos informantes, aliada ao referencial teórico utilizado que consistiu no estudo das narrativas imaginárias, é possível dizer, que as narrativas do boto têm um papel significativo no cotidiano dos moradores da Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Esta influência é construída a partir do imaginário, pois, esse imaginário constrói a identidade dos moradores e fixa valores e comportamentos.

Foi possível perceber que as **estripulias do boto** parecem demonstrar o caráter do boto em colocar em pratica suas ações. Cada colaborador conta sua forma de contato com esse encantado que pode ser por desobediência, encantamento ou vingança, pois estão presentes nas narrativas como o boto entrou na vida dos colaboradores seja por experiência própria ou por meio de terceiros.

O **encanto do imaginário** por sua vez parece indicar o elemento que encanta o boto é a mulher. A Mulher alimenta o imaginário da comunidade, pois é através da impureza da mulher no período menstrual que o boto mais faz seus encantamentos, pois o sangue do período menstrual exala para o boto um cheiro forte atraindo sua atenção para a comunidade como um todo, eis a fonte de todo o cuidado e atenção.

O **caboco bom** é o caboco da comunidade que percebe que esta acontecendo algo de errado com a mulher, com a irmã, pois ela apresenta sintomas que o levam a deduzir que é o boto em ação. O caboco bom não é o boto, mas sim o marido, o pai, os irmãos que intervêm para que a vítima seja afastada da malineza do boto. Nos ataques do boto a mulher é perdoada pela comunidade, pelo marido se for casada, pois a mesma esta sobre forte encantamento, mas o boto a comunidade não perdoa, na maioria das vezes ele é ferido e morto. Quando o ataque se dá com os homens, ou seja, a bota que se transforma em mulher para seduzir os homens em todas as narrativas ela morre, pois o homem seduzido a mata.

Em **o olhar do imaginário** parece abrir em torno do rio uma janela para o imaginário, pois é através de suas águas que tudo acontece. A comunidade estabelece com o rio uma profunda relação de respeito, ele não é somente água que corre para o mar, mas elemento de mistérios e encantamentos, esconde em sua profundidade a morada do boto encantado, isto é, seu encanto. Para o caboco da Costa da Águia o rio é tudo, mas é respeitado e temido, assim como sustenta a vida ele tira.

A **hora do ataque** é o momento escolhido pelo boto para fazer suas ações, as narrativas nos mostraram que eles começam de dia e tem seu ápice à noite. Quando o fato ocorre com a mulher e o homem pela sedução do boto, eles acontecem à noite quando a comunidade esta toda em repouso. Mais eles podem ocorrer também pela parte do dia se for desafiado pelo homem ou mulher menstruada embarcada.

**As marvadezas do boto** nos colocam dentro da ação do boto. Ele é o elemento central das juntamente com a mulher, ele é um peixe que tem o poder de se transformar em homem e namora mulheres e homens, se constitui como parte da identidade da comunidade é um símbolo de sexualidade e misticismo entre o homem e a natureza. Nessa perspectiva podemos compreender que para o caboco da Costa da Águia a natureza se revela como grandiosa diante dele, que a reverencia e se vê pequeno diante dela.

**Várzea mítica** é a comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, é nesse espaço místico que as narrativas do boto acontecem. È nessa comunidade que ele sobe à noite para seduzir as mulheres, independente de elas serem casadas ou não, que passa na frente todos os dias nadando e chamando atenção. È pelo imaginário de seus moradores que as narrativas acontecem, por isso é mítica, misteriosa, encantada.

**O imaginário: criação, recriação e ordenança** nos apresenta o imaginário narrado posto como verdade, e o é, pois para a comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, o fato contado, é fato ocorrido e acreditado por todos. Essas narrativas contribuem para que possamos compreender a magnitude da cultura Amazônica tanto como espaço geográfico quanto espaço do imaginário. Para nós amazônida o boto se transforma em homem, a cobra grande é um grande navio acesso que aparece no meio do rio à noite entre outras coisas que nosso imaginário nos permite acreditar.

**O portal do imaginário** é a ponte onde de fato se dá a transformação do boto em homem e de onde ele se joga no rio para voltara á sua forma normal de peixe, de animal. Na grande maioria das narrativas a ponte esta lá como mediadora do real e do imaginário. O boto vem nadado no rio e chega ao porto da casa que tem uma ponte, nela sobe e se transforma em homem, pega o caminho da casa faz sexo com a mulher ou homem se for bota. Na volta para

seu mundo natural usa a ponte como trampolim, cai na água como homem e emerge no meio do rio como boto.

Na comunidade estas estórias tem fundamento de verdade, para os comunitários o boto tem a capacidade de se metamorfosear em homem ou mulher, dependendo de quem é atacado. A vida coletiva da comunidade gira em torno das narrativas imaginárias do boto, ou seja, das “marvadezas”. O boto que é fortemente atraído pelo sangue menstrual da mulher, por isso uma atenção especial com a mulher nesse estado, chegando a gerar conflito entre a comunidade e a escola, pois como as meninas em período menstrual não vão à escola por ordem dos pais, os professores dizem que o boto não se transforma em homem e nem engravida a mulher, visto que pelo olhar da ciência isso é impossível.

A falta de entendimento dos professores sobre o imaginário da comunidade entristece os pais que não compreendem porque os professores pensam dessa forma. Para os pais a menstruação é tratada como doença, e atraído a malina do boto, já os professores dizem que menstruação não é doença e que as meninas devem ir para a escola. Nesse conflito vence os pais, porque independente do que os professores pensam as meninas menstruadas não frequentam a escola enquanto o ciclo não acabar.

O estudo das narrativas imaginárias possibilitou uma melhor compreensão das formas e dos meios em que está inserido o homem amazônico. O caboco não é mero expectador da natureza e do que acontece, é participante ativo, pois estabelece com ela uma relação íntima e afetiva, busca de todas as formas um meio de compreendê-la nas suas mais íntimas nuances, mesmo que para isso crie um imaginário rico e fantástico que abarque todas as possibilidades de entender o mundo encantado que dela emerge. Compreender o caboco amazônico é explicar de forma simples o que acontece no mundo real de acordo com seu entendimento de mundo.

A comunidade tem uma relação de afetividade com o imaginário, eles têm muito prazer em narrar os fatos que conhecem, em dizer que o boto atacou a irmã, a comadre, ele mesmo, ou uma comunitária em um passado distante. Mesmo produzindo o mal, o boto é admirado pela comunidade e até desejado como um amante insaciável.

Na comunidade da Costa da Águia, quando uma moça entra no seu ciclo menstrual, existe toda uma mística sobre ela. Observa-se que existe uma preocupação dos pais com a menina que fica menstruada. Para eles a menstruação é um tabu e é tratada como doença. Ela não sai de casa e os familiares se revezam para carregar água para que ela possa fazer seu asseio pessoal e os afazeres domésticos. A rotina muda até que passe o período menstrual.

As narrativas imaginárias do boto alimentam o mundo imaginário dessa comunidade, vindo do rio o boto é elemento que permite o sonho e a possibilidade de viver uma experiência sobrenatural, pois para a comunidade o boto é um encantado e tem poderes que podem ser percebidos pelos homens que nada podem fazer para impedi-lo. Somente quem tem o conhecimento dos caruanas, o curador, pode afastar tal espírito. Na comunidade Homens e mulheres têm suas experiências com o boto para contar. Ele tanto seduz mulheres em forma de homem, bem como seduz homem em forma de mulher sempre de forma bastante característica que encantam quem é seduzido. A transformação do boto em homem ou mulher provoca nos moradores uma aura de magia e encantamento, pois na sedução do boto se revela os desejos mais íntimos dos envolvidos.

O patrimônio simbólico cultural amazonense é permeado nos seus mais variados recantos por seres imaginários, que atribuem a esse torrão um imaginário riquíssimo de beleza majestosa e inefável. Esse imaginário diz muito do modo de ser e de viver dos moradores da comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia, suas narrativas devem ser respeitadas porque abarcam grande significado de orientação social e familiar. Tais narrativas revelam quão é encantado pela natureza amazônica quem nela vive, e quão apaixonante é o conhecimento adquirido sobre esse tão rico pedaço de chão que faço parte e amo.

#### 4. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA NETO, Antônio Simplício de. **Representações Utópicas no Ensino de História** / Antônio Simplício de Almeida Neto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo, Martins Fontes.1989.
- BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento**. Djalma Batista. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e INPA, 2007.
- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociais: Memórias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades** / Sérgio Ivan Gil Braga. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- CASTORIADIS, Cornelius. **O imaginário político Grego e moderno**. In: A Ascensão da insignificância – 1990.
- \_\_\_\_\_. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARVAJAL, Gaspar. **Descobrimento do Rio de Orellana**. Tradução de C. Mello Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.
- DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**/ Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Trópicos)
- ESP, Marcia Janete. **O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História**. Canoas. Nº 09. Nov. 2003 a jun. 2004, p. 49-56.
- FRAXE, Therezinha J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade**. / Therezinha de Jesus pinto Fraxe – São Paulo: Annablume, 2004.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª edição/ Neide Gondim. – Manaus: Editora Valer, 2007.

GRIMAL, Pierre. A mitologia Grega. São Paulo. Brasiliense, 1982.

SOUZA, J.J. de. **Contos e lendas da Amazônia**. Edição I. Editora Imprensa Oficial do Estado, Manaus, 1993.

LAPLATINE; TRINDADE, François; Liana. **O que é o Imaginário**. Ed. Brasiliense. 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: Cultura Amazônica uma poética do imaginário**. Poesia I. – São Paulo: Escrituras Editora, 2001. – (Paes Loureiro).

MAFFESOLI, Michel. **Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial**. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

\_\_\_\_\_. **O simbolismo e o boto na Amazônia: Religiosidade, religião, identidade**. História Oral, v.9, n° 1, p. 41-28, jan-jun. 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2 ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: Iniciação teoria e temas**. 9ª ed. Petropolis, Editora Vozes, 2002.

NEVES, Eduardo Goés. O velho e o novo na arqueologia Amazônica. Revista USP, São Paulo, p. 86-111, dezembro/fevereiro de 1999-2000.

SILVA, Rita de Cássia Gemino da. **O imaginário e a criatividade como bases da criação poética**. Cadernos do CNLF. Vol. XVI, n° 04, t.3 – p.2847, 2012.

SIMÕES, Maria do Socorro. **Metamorfose: A relevância do tema em narrativas orais na Amazônia Paraense**, UNICAMP, dissertação de mestrado defendida em novembro de 1996

SOUZA, James O. **Mão-de-obra indígena na Amazônia colonial**. Revista em tempos de História, n° 6, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 15, nº 29, pp. 9-27. 1995.

\_\_\_\_\_. **Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29,1995.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. P. 200-212.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados/** Reginaldo Prandi, organizador: Textos de André Ricardo de Souza et al. – rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SARTRE, Jean Paul. **O imaginário. Psicologia fenomenológica da imaginação.** Tradução de Duda Machado. 1940.

SERRA PINTO, Marilina C. Oliveira Bessa. **A Amazônia e o imaginário das águas.** Populações Amazônicas, 1º Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia (PPGS/UFAM), 2008.

SILVA, Antônio Carlos Teles da. **Um olhar sobre a Amazônia.** Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 19, maio-agosto. 2009.

SIMÕES, Maria do Socorro. **Narrativas de uma Amazônia paraense.** Belém, CEJUP, 1995.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida.** 9º. ed. rev – Manaus: Editora Valer. 2000.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem dos trópicos.** Tradução de Clotilde da Silva Costa. -3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.



**ANEXOS**

Quadro de Análise das Falas dos Colaboradores

	Maria José Bentes Pereira	Lailson Lopes Pereira	Oscar Almeida	Francisco Batalha	Simone Souza Pimentel
<p><b>As estripulias do boto no imaginário caboco</b> (Cada um dos informantes tem uma experiência com o boto. Quais são essas experiências)</p>	Visagem	Sua comadre engravidou do boto	Ataque do boto a sua irmã	Sua parente foi atacada pelo boto	Sua madrinha sofreu ataque do boto
<p><b>O encanto do imaginário (a mulher)</b> (A figura e a presença da mulher é central nas narrativas, elas são as mais afetadas antes, durante e depois. O que isto simboliza e como alimenta o imaginário?)</p>	Eu tinha uma filha, que ela sempre, ela me dizia, sempre ralhava com ela... Mas ela levava tudo como se não fosse verdade, só que eu não deixava ela ir pra beira (quando estava menstruada)	Ela se sentiu grávida. Ele a engravidou... o tempo passou assim pra ela ter a criança. Quando foi no tempo... pra ter o neném, ela não conseguia ter. ela dizia que ferrava muito na barriga dela aquilo, era muita dor e nada.	Nós sismemo que era boto, porque ela apareceu com febre, foi ficando amarela e pálida. Quando era de dia ela não levantava pra nada, nada. De noite dava aquelas horas ela começava a gerar.	Ela contou para minha mulher, que ela vivia perseguida de um homem que a deixava ela toda lisa, né, que não deixava ela dormir, vinha ficar com ela um dia sim, um dia não. Deitava na rede com ela, fazia ela ficar dormente. Ela estava amarela.	Ela não comia nada, estava ficando pálida, só queria viver dormindo, (...). Dava nela uns ataques que ela sentia vontade de ir embora pra água, ela ficava lisa, pra ir embora, pra sair da casa, ir no rumo do caminho, pra beira, (...)era preciso uns cinco homem pra segurar ela.
<p><b>Caboco bom (O homem)</b> (A figura do homem também é muito presente, ele conta as histórias, ele sai para</p>	Figura masculina que tinha olhos de fogo que saltavam quando ele se abaixava	Naquela época tinha um curador aqui, que ele até já morreu. Ele entendia dessas coisas... era bom..., o marido dela foi atrás	Seu Oscar, o senhor quer mata ele, o senhor pode ir seis horas da tarde, lá pra beira e esperar, pode esperar que ele vem	Umbora matar esse boto? Umbora. Compramos uma linha grande, uma comprida cortamos no meio, eu bebia	O nome do pai dela era Benedito. Ele foi chamar seu Benedito. Ele era curador, veio e benzeu. Ela já estava muito mesmo

caçar e tentar matar o boto, é o responsável por curar dos encantos, é um resignado quando aceita o filho do boto. O que isto simboliza e como isto reforça concepções imaginárias?)		dele, ele veio... puxou a barriga dela, benzeu, fez essa defumação nela, fez remédio, curou.		pouco nesse tempo, não gostava de beber. Ele sempre gostava de beber mais do que eu.	doente, era toda noite que ele, o boto, ia com ela. O marido dela contava que toda noite o boto ia com ela.
<b>O olhar do imaginário (O rio)</b> (A natureza, através do rio está presente em todas as narrativas, tanto por ser o lugar de vida do boto como pela relação da comunidade com o rio, que é a vida para a comunidade. Como o Rio é visto e o que ele simboliza nas narrativas?)	O boto caiu no rio	ela tinha um jeito de lavar roupa dentro d'água com a pela cintura ... e aqui na frente é passagem de boto, toda hora eles passa.	Ele vai passar baixando, na subida dele ele vai subir, ai ele quase boiou, ele foi boiando, boiando, boiando ele sumiu pra baixo, quando agente vimos, mais bem do ladinho da ponte.	Eu olhei pra lá, vinha uma onda. Era baixo lá, vinha uma onda dessa altura assim, a ponte ia até lá fora. Ela veio, veio, veio que quando chegando assim, então ela foi murchando, sumindo, parou embaixo da ponte.	Ele viu o boto caindo na água. Ele caiu n'água, quando ele boiou na transformação de um boto, assobiando
<b>A hora do ataque (O Momento dia/noite)</b> (A noite é muito mencionada na maioria dos relatos. Por que não acontece durante o dia? Como	O evento ocorre quanto a noite se aproxima	Nesse dia o boto vinha boiando, fazendo aquele barulho faaa. A ofensa aconteceu de dia, mas o ataque do boto foi à noite.	De noite dava aquelas horas ela começava a gemer.	Quando foi pra banda de umas nove horas ele disse: Chico, Chico.	Quando, já era tarde, lá pela meia noite

a noite é vista na narrativa? O que simboliza?)					
<p><b>As marvadezas do boto (O boto)</b> (O boto é figura central, é animal? É homem? É ser? Quais as imagens sobre o boto que tem a comunidade e como elas são construídas? O que o boto representa para a comunidade? Ritual, lenda, parte da construção da identidade? Forma de explicar o sobrenatural? Um símbolo da grandeza da natureza e da pequenez e submissão do homem?)</p>	<p>passou por baixo de uma cerca e caiu n'água,  Dona Maria acredita que o boto pode tomar a forma humana Para Dona Maria o boto existe, mas só "malina" ou "bate" (faz adoecer), se for incomodado, ou desrespeitado</p>	<p>Olha, tem um boto aqui grande, que aparece aqui, ele vem de vez em quando, só que passa muitos tempos. Ele corre toda essa costa da Amazonas pra cima e pra baixo. Ele bóia lá fora, ele bóia com um pedaço de pau assim na boca né. Ele joga pra cima, assim, ou bola de barro, um botão vermelho né, fica diz que se impavulando pra chamar a atenção.</p>	<p>O boto, todo como o cara falou pra nós acontecia, ele passou baixando.</p>	<p>quando nós risquemos o fosforo, ele deu uma rebanada embaixo da ponte, pou e saiu batendo pou, pou, pou (rs). Chegou lá fora ele espirou, piaaaa. E foi embora no rumo do outro lado do Amazonas. (O boto?) O boto. Ele estava embaixo da ponte. Ele sentiu, sentiu.</p>	<p>Ele se levantou num transforma de homem. Ele pegou o caminho da casa, passou embaixo da árvore que ele estava. Ele ficou olhando. Quando ele chegou na porta, ela começou a gemer lá pra dentro. Ele entrou manteve se serviu dela e saiu de volta. Quando ele passou de volta embaixo da árvore o marido disse que ele não teve coragem, que era um homem.</p>
<p><b>Várzea mítica (A comunidade)</b> (Como estas estórias tem impacto na comunidade? Como ajudam a construir o imaginário? Como entram em conflito?)</p>	<p>Todos se conhecem bem a figura: causando medo nela e nos outros que acompanhavam o acontecimento (o evento aconteceu com o grupo de</p>	<p>Por aqui, nos tem cuidado... os pai não deixa as filha ir pra beira do rio assim..., assim doente (Menstruada)... porque ele pode judia da pessoa...ele não</p>	<p>aqui é o seguinte que, pode até que não seja até nem só ele né, porque tem um do Mamuriaca, o Marinho que falam, e outro boto também, que é o que joga terra</p>	<p>tinha um jenipapeiro bem perto da casa dele. Ele disse olha, eu vou fazer um vinho pra nós tomar com cachaça legal, passar a noite lá. Tá. Era bem na beira do</p>	<p>Aqui na Águia tem muito boto, ali onde caiu a terra, lá que tem, tem gente que já viu ele transforma em homem nadando no meio do rio, quando eles voltam pra ver</p>

	<p>peessoas)</p> <p>Na escola os professores reforçam a ideia de que menstruação não é doença e que elas devem ir à escola nesse período, gerando um desconforto para as meninas, pois na comunidade não se fala de menstruação, porque este assunto não pode ser mencionado.</p> <p>(CONFLITO ENTRE A COMUNIDADE E A ESCOLA)</p>	<p>judia só dá pessoa, também de outro, daquele que passa no caminho dela.</p>	<p>e também fica lá no meio do rio com o pau na boca. É ele passa ai com esse pau na boca mesmo. Eu já vi várias vezes ele com o pau na boca.</p>	<p>Amazonas mesmo.</p>	<p>desaparece, é ele de certeza.</p>
<p><b>O imaginário: criação, recriação e ordenança</b> (Como essas histórias ajudam a construir o imaginário? Como elas reforçam e/ou negam o conceito de imaginário. <b>Que contribuições trazem para pesar o</b></p>	<p>No imaginário de dona Maria a narrativa do boto faz a representação social coletiva da comunidade, é em torno dessas histórias que a comunidade se mantém unida dotada de força de integração coercitiva</p>	<p>O filho não era do marido dela, era do boto tucuxi, que ela tava prenha do boto, mas ela ia ter..., e ela teve...eu ainda vi... ficou lá no vidro de álcool pra mostrar. Tinha um botinho assim desse tamanho, pequeno... tinha rabo,</p>	<p>Ele ficou no pé de uma bananeira, que eu sempre gosto de plantar bananeira na frente de casa e eu fiquei na outra, só que nisso, daí tinha um outro cara que também manjava desse negocio, espírito né, e ele não</p>	<p>Ela contou para minha mulher, que ela vivia perseguida dum homem..., deixava ela tudo lisa, né, que não deixava ela dormir, vinha ficar com ela um dia sim, um dia não. Deitava na rede com ela, fazia ela ficar</p>	<p>O marido dela fez o que o curador disse. Ai, de noite ele subiu na árvore e ficou esperando. Ficou lá..., ficou lá.... Quando, já era tarde, lá pela meia noite..., lá vinha ele boiando lentamente, boiou debaixo da ponte, né, ele ficou</p>

<p><b>imaginário amazônico?)</b> Para mim uma questão central.</p>		<p>tudo, tudo, tudo. Agente via que não era gente, porque não tinha jeito de gente.</p>	<p>deixou que acontecesse.</p>	<p>dormente.</p>	<p>olhando para a ponte, quando ele viu..., ele se levantou num transforma de homem, né. Ele pegou o caminho da casa..., passou embaixo da árvore que ele estava, né. Ele ficou olhando. Quando ele chegou na porta, ela começou a gemer lá pra dentro, né. Ele entro se serviu dela e saiu de volta. Quando ele passou de volta embaixo da árvore o marido disse que ele não teve coragem, que era um homem, né.</p>
<p><b>O portal do imaginário (A ponte)</b> (lugar de mediação entre o real e o imaginário, onde a metamorfose acontece, tudo se dá pela mediação da ponte)</p>	<p>Eu sempre falei com ela que não é pra ir pra beira do rio quando ficar doente, que não era pra ir pro rio sozinha, pra não andar de canoa que isso não faz bem, ela sempre, ela me dizia, sempre ralhava com</p>	<p>Ela tinha um jeito de lavar roupa dentro d'água com a pela cintura ... e aqui na frente é passagem de boto, toda hora eles passa. ( a roupa é lavada na ponte).</p>	<p>Ele disse pra nós, ele vai passar baixando, na subida dele ele vai subir, ele quase boiou, ele foi boiando, boiando, boiando ele sumiu pra baixo, quando agente vimos, mais bem do ladinho da ponte.</p>	<p>Era baixo lá, vinha uma onda dessa altura assim, a ponte ia até lá fora. Ela veio, veio, veio que quando chegando assim, então ela foi murchando, sumindo, parou embaixo da ponte. (...)Ele estava</p>	<p>Lá vinha ele boiando lentamente, boiou debaixo da ponte, ele ficou olhando para a ponte, quando ele viu..., ele se levantou num transforma de homem</p>

	ela, falava. (ir a beira, quer dizer ir à ponte)		Quando chegou em baixo da ponte, é assim meio ribanceira, ele vai subir	embaixo da ponte. Ele sentiu, sentiu.	
--	--	--	---	---------------------------------------	--

Quadro de Análise das Falas dos Colaboradores

	Adailza Azevedo Almeida	Djalma Bentes Batalha	Iane Batalha Carvalho	Raimundo Nonato Bentes	Thiago Cunha
<b>As estripulias do boto no imaginário caboco</b> (Cada um dos informantes tem uma experiência com o boto. Quais são essas experiências)	Ataque do boto a uma mulher	Um boto se inviciou com uma mulher, estava pra matar ela	O boto engravidou a moça.	Visitas noturnas da bota	Malinesa do boto
<b>O encanto do imaginário (a mulher)</b> (A figura e a presença da mulher é central nas narrativas, elas são as mais afetadas antes, durante e depois. O que isto simboliza e como alimenta o imaginário?)	De repente essa mulher, ela começou a ficar doente. Ela não saia mais de casa pra nada, era uma moleza, começou dá febre, dor de cabeça, não tinha fome, não comia, ia ficando pálida, magra, amarela.	A mulher começou a ficar amarela, dormia muito de dia, não comia, foi ficando fraca, foi ficando doente, sem força. Na casa dela começaram a desconfiar que era o boto que estava malinando dela.	Passou uns tempos ela se sentiu grávida, só que os familiares dela pensavam que ela tinha vindo grávida de Manaus. Ela gostava de pescar, pular n'água. Passou uns tempos. (...) Quando ela entrou em trabalho de parto ela não pode ter a	Veio aquela mulher morena... deitar na minha rede, só que eu não consentia, não consentia ela deitar comigo que me adormecia (...) tava dormindo, não muito dormindo, ela me adormecia (sonolento), ela me adormecia. E ai,	

			criança, ela não nascia. Ai foram chamar a parteira, e ela não pode ter a criança. Só falava que ela quando dava a dor pra nascer, só fazia botar um bico, que era parecido com o do boto. Ela não resistiu, ao parto. Ai não demorou muito não, ela morreu.	quando ela chegava pra sentar comigo na beira da minha rede... eu gemia, queria gritar... só que um compadre meu batia na rede, se saia... ai, ele perguntava o que era. Eu disse que era uma mulher... morena.	
<b>Caboco bom (O homem)</b> (A figura do homem também é muito presente, ele conta as estórias, ele sai para caçar e tentar matar o boto, é o responsável por curar dos encantos, é um resignado quando aceita o filho do boto. O que isto simboliza e como isto reforça concepções imaginárias?)	Os irmãos dela disseram que iriam matar o boto. No caminho da beira para casa tinha uma rameira. Eles se prepararam com arpão e foram esperar o boto.	Prestaram atenção que quando ele boiava, disque, lá na frente da casa dela, ela começava a gemer, não deixava ninguém dormir. Quando eles desconfiaram que era boto que estava judiando dela, foram vigiar para ter certeza. De noite foram ficar de vigia, escondido pela sombra de duas árvores de cuieira que ficavam no caminho da casa para a beira.		Quando ela chegava pra sentar comigo na beira da minha rede... eu gemia, queria gritar... só que o compadre meu batia na rede, e ela se saia... ele perguntava o que era. Eu disse que era uma mulher... morena. Três noites em seguida ela foi comigo lá... ele disse: - Olha compadre isso é boto.	Eu fui dizer, mas falei assim sem pensar que eles iam me judiar. Eu disse assim: - Ah! Boto se eu trouxesse minha astia eu ia te dá uma arpuada.



<p><b>O olhar do imaginário (O rio)</b> (A natureza, através do rio está presente em todas as narrativas, tanto por ser o lugar de vida do boto como pela relação da comunidade com o rio, que é a vida para a comunidade. Como o Rio é visto e o que ele simboliza nas narrativas?)</p>	<p>Lá pelas aquelas horas o boto vinha boiando. Quando o boto vinha boiando, abeirando a beira do rio, quando chegou bem no porto deles, ele se transformou.</p>	<p>Eles ouviram o barulho dele boiando... (...) ele foi pra lá e voltou, se jogou n'água e foi boiar lá no meio do largo.</p>	<p>Ela gostava de pescar, pular n'água.</p>	<p>Nós já tínhamos preparado no casco, deixemos um casco preso de um lado e outro pra esse lado daqui. Quando nós tava lá encima, ai ela veio boiando, mas aquilo era lentamente, ela boiou três vezes embaixo da ponte, só que nós tava lá encima. Ai, ela, também nós não vimos ela subir, ai ela foi boiando pra fora, nós decemos devagar, ai eu fui num casco ele foi noutro, ele trancou aqui, eu tranquei lá na frente, quando tranquemos ela fez o laço</p>	<p>Eu fiquei praticamente uma hora lá. E olhava pra lá, tava parece um leite aquela agua, nem peixe mais boiava embaixo. Ai eu olhei pra baixo e não enxerguei mais nada, tava parece um leite a agua lá embaixo, eu cisme , disse: eles já foram embora.</p>
<p><b>A hora do ataque (O Momento dia/noite)</b> (A noite é muito mencionada na maioria dos relatos. Por que não acontece durante o dia? Como a noite é vista na narrativa? O que</p>	<p>Toda noite o boto vinha com ela dormir.</p>	<p>Quando eles ouviram o boto vinha boiando, e fazendo aquele barulho, faaaaaa, já era tarde da noite.</p>	<p>Só que a mãe dela falava que de noite ela gemia muito.</p>	<p>Quando foi por uma parte dumas nove horas da noite apareceu aquela mulher morena</p>	<p>Eles estavam boiando lá naquele buraco limpo lá, tavam só boiando assim. (pela descrição o fato aconteceu de dia)</p>

simbolia?)					
<p><b>As marvadezas do boto (O boto)</b>  (O boto é figura central, é animal? É homem? É ser? Quais as imagens sobre o boto que tem a comunidade e como elas são construídas? O que o boto representa para a comunidade? Ritual, lenda, parte da construção da identidade? Forma de explicar o sobrenatural? Um símbolo da grandeza da natureza e da pequenez e submissão do homem?)</p>	<p>O boto subiu na ponte e se transformou num homem. Ele veio subindo na direção da casa. Ele foi pra lá com ela, passou embaixo da rama, e foi lá pra casa. Quando ele vinha de volta, depois dele manter relações sexuais com ela, passou embaixo da rama que eles estavam lá encima, eles arpuaram. Quando eles arpuaram ele correu de volta para água, eles foram colhendo a linha na direção d'água. Chegou na ponte e se jogou n'água.</p>	<p>Eles viram, ele chegou boiando, foi direito na ponte, boiando... no rumo da ponte. Ele veio boiando, boiando, boiou bem pertinho da ponte. Eles viram o homem se levantar todo de branco e vir subindo no rumo da casa, eles deixaram ele ir pra lá com ela. Na saída, quando ele passou onde estavam esperando, eles deixaram ele passar um pouco assim, estava tudo do jeito, eles deram na costa dele, ele só deu-lhe uma carreira, correu no rumo da ponte e caiu para dentro d'água, eles foram mata ele, já não era mais homem, era boto</p>	<p>Com três dias foram lá ver, lá onde tinham enterrado ela. Falaram que tinham visto pegada de lá. Tinham mexido lá no buraco e falavam que era o boto que tinha que desenterrado a criança, levou o filho. Falaram que foi o boto que foi buscar o filho, mas eles não tiveram coragem de mexer no túmulo. Eles falavam que era o boto que tinha ido lá.</p>	<p>Depois que ele disse que era boto que nós tinha matar com ela, porque se eu chegasse a me entregar pra ela, né. Se fizesse amor com ela, ela ia me prejudicar mais, ela ia me maltratando mais, porque ela vinha toda noite.</p>	<p>Quando eu me recordei, o meu casco não era muito pequeno, meu casco era bem grande, eles botaram pra me alaga, era rebojo pra todo lado. Eu olhava pra todo lado né, eu fiquei sei lá. Eu vi que eles iam me alaga que era um daqui outro dali, aquela água mesmo assim como palheta de motor.</p>
<p><b>Várzea mítica (A comunidade)</b>  (Como estas estórias</p>	<p>Aqui na comunidade, quando eu estou naqueles dias... eu</p>	<p>Digo lá em casa pra minha mulher e pras filhas dela que</p>	<p>Aqui na comunidade nós respeitamos muito isso, no</p>	<p>Aqui na comunidade os pais pedem pra filha que não andem</p>	

tem impacto na comunidade? Como ajudam a construir o imaginário? Como entram em conflito?)	não vou na beira e não saio de casa, porque eu tenho medo de boto, e aqui boia muito	quando não puder ir pra beira pra dizer. Devem se guardar não sair de casa, carregar água nada, nada. Quando estão de parto é a mesma coisa. Se desobedecer, elas que sabem, o boto vai malinar delas.	período que esta na menstruação não fazemos nada, as meninas que estudam nem vão para a escola.	quando estiverem assim. Dizem que quando elas tiverem com a menstruação delas pra elas não andarem assim, pois o boto pode malinar. Tem muitos casos de ataque de boto nas mulheres.	
<b>O imaginário: criação, recriação e ordenança</b> (Como essas histórias ajudam a construir o imaginário? Como elas reforçam e/ou negam o conceito de imaginário. <b>Que contribuições trazem para pesar o imaginário amazônico?</b> ) Para mim uma questão central.	O boto subiu na ponte e se transformou num homem. Ai ele veio..., subindo na direção da casa. Quando chegou lá n'água, ele se transformou em boto e o chapéu que ele usava se transformou numa arraia. Ele caiu pra água e eles o mataram. Ele não era mais homem, era boto, eles mataram ele	Ele Contava que o boto se ingera pra homem, que dorme com as mulheres e deixa-as doente. E não é só boto eu que se vicia com mulher, a bota também se vicia com homem. Eu tenho um pavor de boto, e se eu encontrar um eu mato.	Quando ela entrou em trabalho de parto ela não pode ter a criança, ela não nascia. Foram chamar a parteira, e ela não pode ter a criança. A parteira falava que quando dava a dor pra nascer, só fazia botar um bico, que era parecido com o do boto.	È por isso que eu digo, jurava que era ela, era ela mesmo, porque... acabou com aquela mulher bonita. Ela era muito bonita, uma morena, só que eu não consentia ela deitar comigo, porque ela me adormecia tudinho. Ela queria me abraçar, me beijar e... Ela vinha só mesmo de calcinha, parece mesmo uma mulher, sem nada, nada, nada.	Eles boiando lá embaixo lá. parecia que eles queriam colocar a cabeça pra cima pra ver onde eu tava. Eles sabiam onde eu tava. Olha, eles batiam assim com o rabo no pau, balança assim, batia um daqui e um dali, e eu com medo.
<b>O portal do imaginário (A ponte)</b> (lugar de mediação)	O boto subiu na ponte e se transformou num homem. Ai ele veio..., subindo na direção da	Ele veio boiando, boiando, boiou bem pertinho da ponte. Eles viram o homem		Ela veio boiando, mas aquilo era lentamente, ela boiou três vezes embaixo da ponte, só	

<p>entre o real e o imaginário, onde a metamorfose acontece, tudo se dá pela mediação da ponte)</p>	<p>casa. Ele chegou na ponte e se jogou nágua. Quando chegou lá nágua, aí ele se transformou em boto e o chapéu que ele estava se transformou numa arraia.</p>	<p>se levantar todo de branco e vir subindo no rumo da casa, eles deixaram ele ir pra lá com ela. Na saída, quando ele passou onde estavam esperando, eles deixaram ele passar um pouco assim, estava tudo do jeito, eles deram na costa dele, ele só deu-lhe uma carreira, correu no rumo da ponte e caiu para dentro d'água, eles foram matar ele, já não era mais homem, era boto..</p>		<p>que nós tava lá encima.</p>	
---	--	--	--	--------------------------------	--

Quadro de Análise das Falas dos Colaboradores

<p><b>As estripulias do boto no imaginário caboco</b> (Cada um dos informantes tem uma experiência com o boto. Quais são essas</p>	<p>Tarcísio Souza</p> <p>Contou o ataque do boto a uma senhora que havia parido o primeiro filho</p>				
--	--	--	--	--	--

experiências)					
<p><b>O encanto do imaginário (a mulher)</b>  (A figura e a presença da mulher é central nas narrativas, elas são as mais afetadas antes, durante e depois. O que isto simboliza e como alimenta o imaginário?)</p>	<p>E a mulher dele teve criança e tava com uns cinco dias de parto... e ele contava pra nós que ele disse: Olha mulher, hoje eu vou botar uma linha pra pirarucu nosso rancho já ta curto, e antes de acabar. Ela disse: Olha tu não vai me deixar só, porque ela ainda estou com poucos dias, é perigoso.</p>				
<p><b>Caboco bom (O homem)</b>  (A figura do homem também é muito presente, ele conta as histórias, ele sai para caçar e tentar matar o boto, é o responsável por curar dos encantos, é um resignado quando aceita o filho do boto. O que isto simboliza e como isto reforça concepções</p>	<p>Não mas eu só vou colocar a linha e volto. Ai ele foi. Lá pra onde ele ia colocar tinha uma parte de terra que ele arrastava. Essas partes que se arrasta a canoa é da-se o varadouro. E pra lá colocou a linha. Como ele achou que era difícil de volta, ele resolveu ficar a</p>				

imaginárias?)	noite pra lá.				
<b>O olhar do imaginário (O rio)</b> (A natureza, através do rio está presente em todas as narrativas, tanto por ser o lugar de vida do boto como pela relação da comunidade com o rio, que é a vida para a comunidade. Como o Rio é visto e o que ele simboliza nas narrativas?)	Ela escutou... muito boto boiando, e subia muito forte.				
<b>A hora do ataque (O Momento dia/noite)</b> (A noite é muito mencionada na maioria dos relatos. Por que não acontece durante o dia? Como a noite é vista na narrativa? O que simboliza?)	Quando foi de umas oito horas, ela escuto, ela contou pra ele, escutou um barulho dum canoa todo jeito do homem.				
<b>As maravilhas do boto (O boto)</b> (O boto é figura central, é animal? É homem? É ser? Quais as imagens sobre o	Chegou arrumou os arreio e chamou pelo nome dela, pra ela abrir a porta. A casa de primeiro dos mais				

<p>boto que tem a comunidade e como elas são construídas? O que o boto representa para a comunidade? Ritual, lenda, parte da construção da identidade? Forma de explicar o sobrenatural? Um símbolo da grandeza da natureza e da pequenez e submissão do homem?)</p>	<p>pobres era só porta de palha. Ai ela disse que ia ascender a lamparina. Ele disse que não, que não precisava ascender que ele ia entrar assim mesmo. ai ela abriu, e ele entrou. Depois que ele entrou pra dentro, mas tudo, ela não enxergou porque era escuro, mas tudo do jeito do marido, entendeu. Deitou no lado dela, e ela não queria que ele deita-se, ele insistiu, deitou, a convenceu a mulher. Depois que ele saiu pra fora, ele.</p>				
<p><b>Várzea mítica (A comunidade)</b> (Como estas estórias tem impacto na comunidade? Como ajudam a construir o imaginário? Como entram em conflito?)</p>	<p>É uma estória do boto que se transforma, eu mesmo nunca vi ele se transformar, mas muito dizem que ele se transforma em homem. Então essas coisas que eu não vi, mas o meu pai contava essa estória</p>				

	do boto, que ele se transformou como fosse o marido, entrou na casa insistiu com a mulher, venceu ela e deu uma grande hemorragia por cinco dias ela morreu, eu mesmo nunca vi.				
<p><b>O imaginário: criação, recriação e ordenança</b>  (Como essas histórias ajudam a construir o imaginário? Como elas reforçam e/ou negam o conceito de imaginário. <b>Que contribuições trazem para pensar o imaginário amazônico?</b>)  Para mim uma questão central.</p>	<p>quando foi de umas oito horas, ela escuto, ela contou pra ele, escutou um barulho dum canoa todo jeito do homem. Chegou arrumou os arreio e chamou pelo nome dela, pra ela abrir a porta. A casa de primeiro dos mais pobres era só porta de palha. Ai ela disse que ia ascender a lamparina. Ele disse que não, que não precisava ascender que ele ia entrar assim mesmo. ai ela abriu, e ele entrou. Depois que ele entrou pra dentro, mas tudo,</p>				



	<p>ela não enxergou porque era escuro, mas tudo do jeito do marido, entendeu. Deitou no lado dela, e ela não queria que ele deita-se, ele insistiu, deitou, ai convenceu a mulher. Depois que ele saiu pra fora.</p>				
<p><b>O portal do imaginário (A ponte)</b>  (lugar de mediação entre o real e o imaginário, onde a metamorfose acontece, tudo se dá pela mediação da ponte)</p>					